

Harlequin
Desejo

Autora Best Seller do USA TODAY

OLIVIA GATES

COMO DOMAR UM SHEIK



EDIÇÃO 169
R\$ 8,90

1/3

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

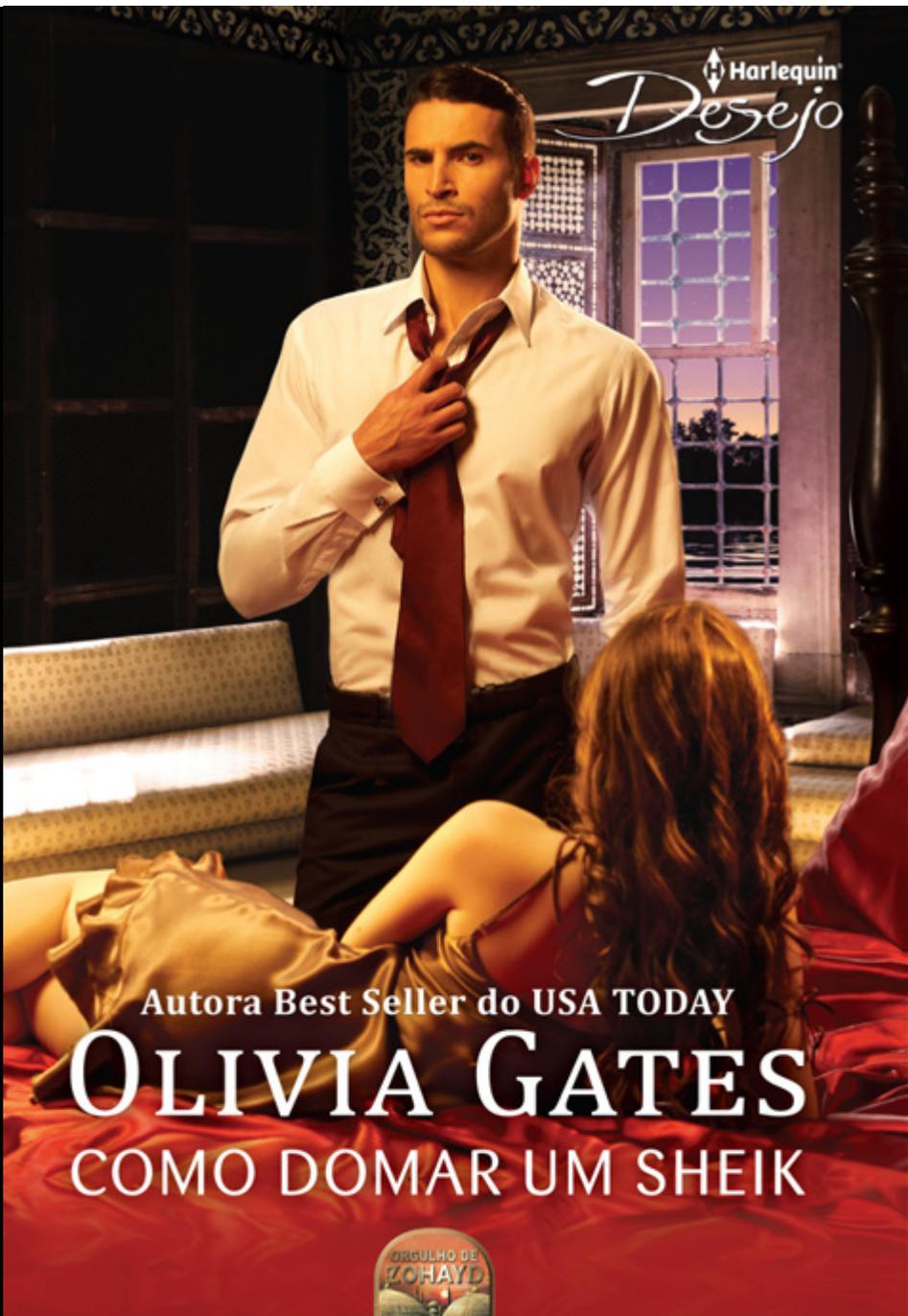
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Harlequin
Desejo



Autora Best Seller do USA TODAY

OLIVIA GATES

COMO DOMAR UM SHEIK



EDIÇÃO 169
R\$ 8,90

1/3

– **Eu queria estar a sós com você.**

– Poderíamos ter ficado a sós caminhando pelo píer.

– Eu pensei nisso, mas você não está vestida adequadamente para esta noite fria. – Ele baixou os olhos, como se analisasse o desenho que fazia com os dedos na palma da mão de Gemma. Um instante depois ele voltou a erguê-los, para a surpresa dela. A gentileza e o humor deram lugar àquele implacável deus do deserto. Ela estremeceu com a ferocidade de sua reação.

– Você sabe onde eu realmente quero ficar a sós com você, Gemma. Na minha casa. Na minha cama.

Querida leitora,

Quantas vezes assistimos plebeias casando-se com homens da realeza em filmes e até mesmo na vida real? Esta história não poderia ser diferente, mas com uma pitada a mais de paixão e prazer. Veja se o sheik Shaheen Aal Shalaan conseguiu driblar a tradição e casar-se com a simples Johara!

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Olivia Gates

COMO DOMAR UM SHEIK

Tradução
Rafael Bonaldi



2012

CAPÍTULO UM

JOHARA NAZARYAN fora encontrar o único homem que amaria na vida.

Antes que ele se casasse com outra.

Seu coração explodia em uma mistura de antecipação, temor e desânimo, conforme seus olhos examinavam a multidão de ilustres e ricos convidados da festa em homenagem a ele.

Ainda não havia sinal de Shaheen Aal Shalaan.

Ela arquejou e encolheu-se ainda mais no canto onde estava, esperando continuar não chamando atenção. Embora estivesse grata pelo tempo extra que tinha para se acalmar, ela também o amaldiçoava por lhe dar mais chances de ficar preocupada.

Ela ainda não acreditava que havia decidido vê-lo depois de vinte anos.

Desde que começara a viajar sozinha, ela saboreara cada notícia e roubara rápidos vislumbres dele sempre que estava perto de onde ele se encontrava. Mas, desta vez, ela estava determinada a encarar Shaheen e dizer: “Há quanto tempo...”

Shaheen. Para o mundo, ele era um príncipe do abastado reino do deserto de Zohayd, o mais novo dos três filhos do rei Atef Aal Shalaan com a falecida rainha Salwa. Era também um homem de negócios que, nos

últimos seis anos, se tornara um dos nomes mais poderosos da construção e do transporte.

Para Johara, ele seria sempre o garoto de 14 anos que salvara sua vida há vinte anos.

Na época, ela estava com 6 anos, em seu primeiro dia em Zohayd, onde fora viver com sua família no palácio real. Seu pai, armênio-americano, havia sido nomeado o primeiro assistente do joalheiro real, Nazeeh Salah. Fora o “tio” Nazeeh, mentor de seu pai, quem sugerira o nome dela, *joia* em árabe.

Durante a entrevista de seu pai com o rei, ela escorregara no terraço e acabara caindo da balaustrada, ficando pendurada no peitoril. Todos ouviram seus gritos e foram correndo. Incapaz de alcançá-la, seu pai lhe jogara uma corda com um laço para que ela o amarrasse na cintura. Enquanto tentava prender-se, alguém lá embaixo gritara para que ela pulasse. Com o coração em pânico, ela olhara para baixo.

E então o vira.

Ele parecia estar muito distante para conseguir pegá-la. Porém, mesmo com seus pais gritando para que se segurasse, ela se soltara e despencara nove metros, simplesmente sabendo que ele a pegaria.

Tão rápido, preciso e poderoso quanto o falcão em seu nome, ele a pegara. Ele mergulhara, agarrara-a em pleno ar e a acolhera no refúgio de seus braços.

Johara ainda analisava aqueles momentos perigosos de tempos em tempos. Ela sabia que poderia ter amarrado a corda. Porém, ela escolhera confiar sua segurança àquela criatura magnífica que a encarara com olhos castanhos e ardentes radiando força e confiança.

Daquele dia em diante, ela soubera. Ela seria sempre dele. E não só porque ele a salvara. A cada dia que se passava, a certeza de que ele era a pessoa mais incrível que já conhecera se solidificava, conforme ele se tornara o melhor amigo de seu irmão mais velho, Aram, e muito mais do que isso para ela.

Mas, à medida que crescera, Johara percebera que seu sonho de ser dele algum dia era impossível.

Shaheen era um príncipe. Ela era filha de um criado. Embora seu pai tivesse se tornado o joalheiro real, que criava novas joias para a família real e tinha a grande responsabilidade de cuidar do maior tesouro da nação, as

joias do *Orgulho de Zohayd*, ele ainda era inferior, um estrangeiro com um passado pobre que batalhara por sua posição atual graças a um talento extraordinário.

Além disso, Shaheen não a teria visto com outros olhos mesmo se ela fosse da família mais nobre de Zohayd. Ele sempre fora incrivelmente gentil com ela, mas, quando se tratava de interesses românticos, as mulheres mais lindas e sofisticadas do mundo caíam aos pés dele desde os 17 anos. Naquela época, Johara tinha certeza de que nunca seria bonita e sofisticada. Mas lhe era suficiente estar próxima a ele e amá-lo.

Durante oito anos jubilosos, Shaheen ofereceu-lhe benevolência e amizade. Para ficar perto dele, aos 12 anos, ela escolhera permanecer com o pai, quando sua mãe se separara dele, deixando Zohayd e voltando para a França para continuar a carreira de estilista.

Então, subitamente, havia acabado. Logo antes de Johara completar 14 anos, Shaheen se afastara dela e do irmão. Segundo Aram, ele alegara que era hora de parar de se socializar com a “criadagem” e dedicar-se ao papel de príncipe de Zohayd.

Embora ela não pudesse acreditar nisso e achasse que a amargura de Aram tivesse origens que ela desconhecia, o súbito distanciamento de Shaheen ainda era um chamado para a realidade.

Realmente, o que ela poderia esperar além de amá-lo sem nenhuma retribuição até o dia em que ele se casasse por conveniências políticas, que era o seu destino? Ele poderia até ter se afastado por suspeitar dos sentimentos dela, cortando, assim, o mal pela raiz. Seu distanciamento *influenciara* a decisão dela de partir. Algumas semanas após seu aniversário, ela deixara Zohayd para morar na França com a mãe. E nunca mais voltara.

Desde aquele dia, Johara encontrara conforto para a sensação de perda apenas quando descobria notícias de Shaheen, e via que ele estava se saindo fenomenalmente bem em seus negócios. Ela sentia-se responsável por manter aquele amor secreto e unilateral.

Mas agora era hora do golpe de misericórdia, e ela não mais teria o direito de se entregar às suas emoções, mesmo na privacidade de seu coração e mente. Ela precisava encontrá-lo. *Realmente* encontrá-lo. Uma última vez... Antes que ele se comprometesse com outra.

Ela conseguira entrar na festa de despedida que um de seus parceiros de negócios, Aidan McCormick, estava dando em homenagem a ele, na cidade de Nova York. Se alguém questionasse sua presença, ela defenderia facilmente seu direito de estar lá. Sendo uma *designer* de joias e uma estilista estourando internacionalmente nos últimos anos, ela era considerada uma das celebridades esperadas por lá.

Mas validar sua presença não era a parte difícil, e, sim, criar coragem para abordar Shaheen.

Ela rezava para que uma coisa acontecesse quando o encontrasse e que descobrisse, então, que o havia superestimado e os sentimentos por ele.

De repente, uma onda de arrepios percorreu-lhe o corpo dos pés à cabeça.

Ela virou-se, o roçar de seu vestido de tafetá magnificado em seus ouvidos.

Shaheen estava lá.

Por um longo momento, ela não pôde vê-lo. Porém, o espaço apinhado de pessoas retrocedeu, criando um vácuo no qual a presença dele radiava como um farol. Não na entrada, onde o olhar dela havia estado grudado nas últimas duas horas, mas no outro lado da sala. Não fazia sentido algum, até ela perceber que ele deveria ter usado o elevador pessoal de McCormick.

Sua aura, sua vibração a atingiu como um soco no estômago.

Então ela o viu. Apenas ele.

Tudo se silenciou dentro dela. Em espanto. Em confusão.

Ele já era mais alto do que ela naquele tempo, embora Johara tivesse 1,74m aos 14 anos. Agora ela estava com 1,83m e usava saltos de cinco centímetros, mas ele ainda a ultrapassava por quase um metro, aparentemente. Ela nunca reparara o quanto ele era imponente?

Não. Este não era o Shaheen de quem ela se lembrava. Este era novo.

Ele tinha 22 anos da última vez que ela o vira de perto. Ela o avistara uma dúzia de vezes desde então, mais recentemente há um ano, em um salão de festas em Cannes. Mas nestes vislumbres fugazes, ela não conseguira mais do que uma impressão de vitalidade e virilidade, de classe e poder. Ela vira fotografias e filmagens dele no passar dos anos, mas estava claro que nem a memória, nem vislumbres distantes ou evidências fotográficas faziam jus à realidade.

Claro, ele sempre fora um deus para ela, mas aparentemente havia níveis de divindade, e sua posição atual era o topo da escala. Um deus do deserto forjado no calor, na rigidez, na aridez e na imprevisibilidade; em seus mistérios e magnificência.

Seu terno preto de seda e sua camisa moldavam um corpo quase o dobro do seu tamanho quando jovem. Não havia um centímetro de enchimento nos ombros, e o peitoral forte, o abdômen e as coxas firmes, a cintura e os quadris esguios não precisavam ser acentuados. Se ele tivera a ágil força de um jovem falcão outrora, agora ele exibia a majestosa potência de uma ave de rapina adulta e experiente.

E isso foi antes de ela perceber as mudanças em seu rosto. A mídia sempre o considerara espetacular, com seu cabelo ondulado e escuro, cor de tabaco, e aqueles olhos ardentes contrastando com seu bronzado natural. Agora que os traços suaves da juventude transformaram-se em uma estrutura óssea de partir corações, ele estava de tirar o fôlego.

Mas foi sua expressão e o que ela ocultava em seu estado de espírito que a fez estremecer.

Shaheen não estava feliz. Estava profundamente insatisfeito, perturbado. Distráido, até. Talvez não fosse aparente para mais ninguém, mas ela entendia profundamente o que se passava com ele, como se pudesse realmente sentir o que ele sentia.

A esperança de redenção, de desfecho, desapareceu.

Se ela o tivesse encontrado sereno, contente, ela poderia ter seguido em frente. Mas agora...

Pelo menos havia uma coisa pela qual ela estava agradecida. Ele não a vira. E não veria se ela não continuasse com o planejado. E talvez não devesse.

Não. Sem chances. Abordá-lo agora só teria consequências terríveis. Se ele tinha este efeito devastador nela alheio à sua presença e com nove metros de distância, o que ele lhe causaria pessoalmente?

Apaixonada e imatura, ela só complicara seu problema e arranjava mais desgostos vendo-o novamente. A única coisa que podia fazer era evitar mais danos.

Xingando a si mesma, ela avançou um passo para partir. Porém, sentiu como se tivesse esbarrado em um campo de força impenetrável.

O olhar de Shaheen.

O impacto quase demoliu seu precário equilíbrio, conforme os olhos dele atravessaram-na.

Ela sempre havia achado que eles lembravam carvões em brasas, mesmo quando a fitavam com a maior bondade. Mas agora, com a chama viva do reconhecimento desprovida de gentileza, ela sentia-os lhe queimarem até os ossos. Seu sangue ferveu, e seu rosto corou.

Johara subestimara gravemente o tamanho do erro que cometera ao ir até lá. Ela sabia que se arrependeria para o resto da vida.

Ela permaneceu ali, petrificada e hipnotizada enquanto ele se aproximava, observando-o com o mesmo fatalismo que alguém assistiria a um carro desgovernado em rota de colisão.

O ARREPENDIMENTO tomou conta de Shaheen no momento em que ele pisou na gigantesca cobertura de Aidan. O sentimento intensificava-se a cada passo em direção à cacofonia da alegria forçada.

Ele não deveria ter concordado em vir. Deveria ter dito a Aidan que aquela não era uma festa de despedida em sua homenagem, mas, sim, uma pira funerária.

E ali estava seu amigo e parceiro com um enorme sorriso no rosto, o que aumentava ainda mais o seu sofrimento.

– Ei, Sheen! – Aidan exclamou por cima da música *techno* atordoante. – Achei que você ia me fazer de idiota. De novo.

Shaheen esboçou uma tentativa de sorriso. Ele odiava quando seus amigos abreviavam seu nome para Sheen. Os ocidentais faziam isso porque era um nome mais familiar para eles, e os na sua terra natal porque era a letra inicial de seu nome em árabe. Ele não sabia por que aturava aquilo. Mas, enfim, o que era um apelido que ele não gostava comparado ao que ele teria que suportar dali em diante?

Shaheen observou o rosto sorridente do amigo, os lábios contorcendo-se devido à irritação contida.

– Se eu soubesse que tipo de evento você estava planejando, Aidan, eu teria.

– Você sabe o que dizem sobre muito trabalho e pouca diversão. – Aidan enganchou o braço no ombro de Shaheen.

Shaheen quase recuou. Ele gostava de Aidan e vinha de uma cultura em que demonstrações físicas de afeto eram a regra, contraditoriamente entre membros do mesmo gênero. Além de familiares próximos, ele não gostava que o tocassem. Mesmo em situações sexuais, ele não gostava quando as mulheres o acariciavam, embora todas parecessem querer. Suas relações baseavam-se em limites, e não em intimidade. Ele deixara isso bem claro, na base do “pegar ou largar”, para todas as mulheres com quem se relacionara.

Ele mal se lembrava de seu último encontro sexual. Tais encontros carnais, desprovidos de uma conexão mais profunda, perderam o interesse e tornaram-se algo sujo, intolerável. As mulheres de quem ele gostara e respeitara não despertaram desejos sexuais nele.

Shaheen afastou-se lentamente, tirando o braço do amigo sem que ele percebesse o incômodo por trás do movimento.

– Se ser um bobão é o oposto dessa... loucura, eu lhe garanto, prefiro ser um bobão.

Uma expressão perturbada infiltrou-se no olhar de Aidan, substituindo a zombaria. Após seis anos de parceria, ele não tinha ideia do que Shaheen gostava. Provavelmente porque ele mantinha Aidan, assim como todo mundo, a um braço de distância. Mas Aidan organizara a festa com a melhor das intenções. E, embora o inferno estivesse cheio delas, não era justo mostrar-lhe o quanto seus esforços haviam sido em vão.

Shaheen juntou os fragmentos de sua compostura.

– Mas não é todo dia que eu digo adeus à minha liberdade. Então... A fanfarra é... – Ele pausou antes de se obrigar a completar: – Bem-vinda.

O rosto de Aidan se iluminou, e as palavras saíram na ânsia em agradecer.

– Você não vai perder realmente sua liberdade. Ouvi dizer que esses casamentos reais arranjados são a epítome da... flexibilidade. – Aidan disse a última palavra com uma enorme piscadela e um tapinha nas costas.

Shaheen quase arrancou a cabeça desmiolada do amigo. Foi bom Aidan ter saído de perto dele, gritando a plenos pulmões com as pessoas que se aglomeraram para cumprimentar Shaheen.

Shaheen entrou em um estado automático. Não adiantava explicar as coisas para Aidan; ele já não era ele mesmo depois de algumas bebidas. Shaheen deveria deixá-lo gozar de seu raro momento de distração sem arrastá-lo para a terra da dura realidade onde *ele* se encontrava agora.

Toda a sua existência estava prestes a desabar.

Não profissionalmente; ele nunca parara de crescer, sucesso após sucesso. Mas, pessoalmente, as coisas estavam complicadas há muito tempo. Ele podia até indicar o dia em que tudo começara a desmoronar. Sua briga com Aram.

Antes disso, ele vivera uma existência livre de preocupações, sentindo que seu futuro era ilimitado. Mas as coisas foram de mal a pior desde então.

Ele sempre soubera que, como um príncipe, teria que se casar por razões políticas, mas ele sempre escondera essa obrigação no fundo da mente, esperando que um de seus irmãos mais velhos fizesse uma tremenda união política. Então, Amjad, seu irmão mais velho e príncipe da coroa, *fizera* tal união, que acabara em desastre.

A esposa de Amjad casara-se grávida, planejando assassiná-lo e dizer que a criança era dele, para continuar sendo princesa e mãe do herdeiro do trono.

Depois que Amjad se divorciara, escândalo que ainda ressoava na região, ele viajara pelo mundo adquirindo poder, até que se tornara quase tão poderoso quanto Zohayd inteira. Ninguém ousava pedir para que ele fizesse outro casamento político. Ele afirmara que, quando fosse a hora de ele se tornar rei, seu irmão Harres seria seu herdeiro. Caso contrário, seria Shaheen. E ponto-final.

Harres tampouco faria uma união política. Fora acordado que seu casamento com qualquer outra tribo da região comprometeria sua posição. Ele tornara-se o melhor ministro de interior e chefe da inteligência central e segurança interna que Zohayd já tivera, e ninguém queria ver a descrença macular sua imparcialidade. Assim, se algum dia ele decidisse se casar, que parecia improvável, já que ele nunca demonstrara carinho especial por nenhuma das centenas de mulheres com as quais já se deitara em seus 36 anos, Harres seria livre para escolher a própria esposa.

Então coubera a Shaheen a responsabilidade de fazer um casamento que revitalizaria os frágeis pactos entre as facções. Ele era o último dos herdeiros de “sangue puro” do rei, filho de uma rainha legitimamente zohaydiana. Haidar e Jalal, meios-irmãos de Shaheen e filhos da rainha atual, Sondoss, uma azmahariana, não eram considerados puros o suficiente.

Nos últimos anos, ele percebera que não havia como escapar de seu destino, mas, em vez de resignar-se à ideia, ele passara a odiá-la cada vez mais. Era como uma sentença de morte pairando sobre sua cabeça.

Só há alguns dias – o dia seguinte ao seu 34º aniversário, precisamente –, ele se decidira a acabar com o sufocante suspense e se entregar ao pacto de casamento. Shaheen anunciara a capitulação ao seu pai, pedindo que começasse a escolher as candidatas à noiva. No dia seguinte, a notícia de que ele estava à procura de uma noiva explodira na imprensa. Estando entre os membros da realeza mais cobiçados do mundo, suas intenções de se casar, ainda que a identidade da noiva fosse desconhecida, era o assunto das notícias mais sensacionalistas.

E ali estava ele, tendo que aguentar a festa que seu sócio estava oferecendo para celebrar sua iminente prisão.

Olhou de relance para seu relógio, depois olhou de novo. Estava ali há alguns *minutos*. E já havia cumprimentado centenas de pessoas e forçado sorrisos para o dobro de rostos artificialmente eufóricos ou intoxicados.

Bastava. Ele se desculparia com Aidan e fugiria daquele pesadelo. De qualquer maneira, Aidan provavelmente estava muito ocupado para sentir sua falta.

Decidido, ele virou-se... E todo o ar fugiu de seus pulmões. Do outro lado da sala, ele... *a viu*.

O choque do reconhecimento pareceu fazer o mundo entrar em um atordoante transe. Tudo se congelou enquanto seu olhar encontrava os olhos incrivelmente negros dela do outro lado do vasto salão repleto de pessoas.

Ele permaneceu ali, encarando-a, por um instante que não podia ser calculado em uma escala temporal. A consciência daquele momento atravessou a sala e cravou suas garras nele, corpo e alma, a vivacidade inundando-lhe pela primeira vez em vinte anos.

Não houve uma decisão consciente do que ele fez em seguida. Uma compulsão além de seu controle o impeliu na direção dela, como se estivesse hipnotizado, guiado por controle remoto.

A multidão abriu caminho como se afastada pela força de seu ímpeto. Até mesmo a música pareceu perceber o significado do momento e parou abruptamente.

Shaheen então parou também, a um passo de distância, mantida para que seu olhar pudesse percorrer-lhe da cabeça aos pés.

Ele devorou as primeiras impressões que teve dela. Cachos da cor de ouro e bronze cintilavam sobre ombros sedosos e seios fartos, envoltos por um tafetá do mais negro tom de chocolate, da cor de seus olhos, preso em um ombro só. O vestido estreitava-se em uma cintura inacreditavelmente fina para depois estender-se sobre quadris levemente curvilíneos em uma saia em camadas. Um rosto esculpido à perfeição, olhos cheios de inteligência e sensibilidade, bochechas harmoniosas e lábios feitos para a paixão.

E esses eram os traços principais. Depois vieram os incontáveis detalhes. Ele precisava de uma hora, um dia, para maravilhar-se com cada um deles.

– Diga alguma coisa. – Ele ouviu sua voz faminta e observou o efeito nela.

Ela estremeceu, seus olhos tão confusos quanto ardentes.

– Eu...

– Sim. Você. Diga alguma coisa para que eu possa acreditar que você está realmente aqui.

– Eu... Eu não... – Seu cenho franziu em consternação, o que a deixou ainda mais bonita.

Mas ele ouvira o suficiente daquela bela e aveludada voz para reconhecer sua singularidade, o eco de sua perfeição.

– Você não sabe o que dizer para mim? Ou não sabe por onde começar?

– Shaheen, eu...

Ela parou novamente, e o coração dele também. Por, pelo menos, três batimentos. Ele sentiu-se zozzo, ouvindo-a pronunciar seu nome.

Um dedo sob o queixo ergueu o rosto dela em sua direção, para se aprofundar naqueles olhos nos quais ele sentia que já havia se perdido completamente. Então, sussurrou:

– Você me conhece?

CAPÍTULO DOIS

ELE NÃO a reconheceria?

Johara fitou Shaheen boquiaberta, enquanto a verdade afundava por dentro dela, caindo como uma pedra em suas entranhas.

Ela já deveria saber.

Por que se lembraria? Ele provavelmente já havia se esquecido de que ela existia.

Mesmo se não houvesse, ela não se parecia em nada com a garota de 14 anos que ele conhecera.

Isso era devido, em parte, ao seu desabrochar tardio e, em parte, à influência de sua mãe. Em Zohayd, Jacqueline Nazaryan sempre minimizara o visual de Johara. Sua mãe lhe contara, mais tarde, que ela sabia que Johara, tendo herdado sua altura e sua coloração luminescente e a estrutura óssea e os olhos do pai, se tornaria uma loira alta e curvilínea, possuidora de um tipo paradoxal de beleza. E, na Zohayd dominada por mulheres pequenas e morenas, uma mulher como Johara seria tanto uma joia preciosa como uma fonte infindável de problemas. Se ela tivesse aprendido a enfatizar sua beleza, Johara teria sido alvo de desejos perigosos e de ofertas ilícitas, causando muitos problemas para seus pais. Jacqueline

deixara-a em Zohayd, segura de que ela não desejava e não tinha meios de alcançar seu potencial e que continuaria a passar despercebida.

Quando Johara fora morar com a mãe na França, Jacqueline a encorajara a exibir sua beleza e fizera tudo o que ela e os colegas da indústria da moda podiam para que ela desabrochasse em uma mulher que soubesse utilizar seus atributos consideráveis.

Conforme Johara tornava-se uma designer e uma mulher de negócios de sucesso, ela percebera que sua mãe estava certa. A maioria dos homens não enxergava muito além do rosto e do corpo que cobiçavam. Diversos homens ricos e influentes tentaram conquistá-la como mais um troféu para reforçar suas imagens. Ela fora totalmente capaz de recusá-los, sem nenhum incidente; sem as repercussões que sua mãe tanto temera que acompanhassem tais rejeições em Zohayd.

Pois, sim. Ela fora louca em achar que Shaheen a reconheceria, já que o patinho feio e magricela que ele conhecera havia se transformado em um cisne confiante e elegante.

E ali estava ele. Encarando-a sem a mínima ideia de quem era ela. Aquele reconhecimento instantâneo, aquela chama de felicidade ao vê-la não aconteceu.

O que era aquilo em seus lábios, brilhando em seus olhos quando ele baixou o maravilhoso rosto em direção ao dela? O que foi aquilo que ela sentiu eletrocutando-a, dos dedos que ainda acariciavam seu queixo? Era possível que ele...?

– Claro que você sabe quem sou eu. – Shaheen interrompeu as contemplações febris dela, balançado a cabeça em autodepreciação. Os flashes dos globos e das luzes produziam fagulhas acobreadas em seu luxuoso cabelo e na translucidez impenetrável de seus olhos, jogando-a em uma paralisia ainda mais profunda. – Afinal de contas, você está na minha festa de despedida.

Ela continuou muda. Ele achava que ela o reconhecia só por ser uma celebridade de quem ela estava lá bebendo de graça e aproveitando a oportunidade única de fazer novos contatos.

– A quem devo agradecer imensamente por ter lhe convidado?

Houve um aperto no coração de Johara quando a realidade da situação cristalizou-se.

Ela sequer havia considerado a possibilidade de ele não reconhecê-la de imediato. Porém, considerara que não deveria esperar por isso. Johara apenas não conseguia entender como nada nela lhe despertava familiaridade alguma. Ou aceitar.

As palavras e ações dele não haviam demonstrado nenhum traço de felicidade por vê-la depois de tantos anos. Havia apenas um motivo para ele tê-la abordado, estar falando e olhando-a daquele jeito. Parecia absurdo. Mas ela não conseguia pensar em outra explicação.

Shaheen estava flertando com ela.

Como se ele tivesse lido seus pensamentos, ele pareceu cercá-la com sua virilidade e influência, baixando sua voz em uma oitava e atingindo-a em seu âmago:

– Isso vai parecer clichê. Você ainda não disse uma frase inteira, e nós acabamos de nos conhecer, mas eu sinto como se conhecesse você desde sempre.

A música escolheu aquele segundo para estourar novamente, como se enfatizasse aquela declaração, eliminando qualquer possibilidade de ela revelar que ele sentia-se assim porque, de fato, a conhecia.

Com a intrusão ensurdecadora, ele retirou a mão de seu rosto e levantou a cabeça, libertando os olhos dela, e olhou irritado ao seu redor. Sua atenção atingiu-a novamente com toda a força um instante depois.

– Este lugar é incompatível com a sanidade humana. – Seus olhos trilharam outro caminho de fogo pelo corpo dela. – Vejo que você está com sua bolsa. Vamos embora?

Johara suspirou, sentindo ondas atravessaram-na quando a mão dele segurou seu braço em um convite cortês, porém persuasivo.

– M-mas e sua festa?

– *Ah*, eu posso ir embora se você quiser. – Seu polegar acariciou a pele nua do braço de Johara, iniciando um incêndio dentro dela como um campo de trigo em meio a uma tempestade. – Eu quero muito.

Ela ergueu a mão livre, pressionando um coração que parecia querer explodir da cavidade torácica.

O mundo sempre se transformava em uma terra da fantasia quando ele sorria. Mas isso era... ridículo. Ele deveria ser proibido por lei de fazer isso em público!

Ela piscou, seu olhar letárgico distanciando-se do dele atraído por algo vago. E piscou novamente. Incrédula.

Ela não estava mais no meio da festa. Estava em um espaçoso hall de mármore, caminhando com as pernas bambas em direção ao que parecia ser o elevador privativo de McCormick.

Ela realmente caminhara até ali? Ou ele os teletransportara?

De repente, tudo era em demasia. Cada ação e olhar dele despiam-na de qualquer coerência básica, e sua proximidade a levava à beira de um colapso à medida que ela e a situação fugiam do controle. Ele não tinha lembrança alguma dela e exercia sua sedução agressiva com base no anonimato dela, confiante na sua disponibilidade.

Ainda assim, foi só quando pararam diante do elevador que ela tentou soltar-se suavemente de seu pulso frouxo, ainda que incapacitante. Mas seus sentidos atordoados fizeram-na tropeçar para trás, torcendo seu próprio braço.

Ela pôde ver o espanto reverberar por ele enquanto suas espetaculares sobrancelhas juntaram-se e seus lábios perderam a plenitude da intimidade, estreitando-se em linhas duras que acentuaram sua perfeição. E mostraram-lhe outro lado dele ao qual ela nunca havia visto: o príncipe impiedoso no qual ele podia se tornar se provocado ou contrariado.

Então ele não podia compreender uma mulher que ousasse desobedecer aos seus decretos? Talvez esse encontro tivesse um desfecho, afinal de contas. Apenas diferente do que ela imaginara.

A desilusão no olhar de Johara fulminou os olhos de Shaheen.

– Você tem certeza de que eu quero ir com você, não é?

A amargura endurecera sua voz. Ela sabia que ele a ouvira perfeitamente.

– Sim, tenho. Tão certo quanto meu desejo de ir com você.

Ela não pôde conter a fúria:

– Você está certo. Esse é um belo de um clichê.

As pupilas de Shaheen dilataram-se, quase engolindo suas íris vívidas.

– Sei que parece um clichê, mas é a verdade.

Os lábios dela comprimiram-se, imitando a violenta contração em seu coração.

– Claro que é.

– Você acha que eu tenho tamanha falta de imaginação ou elegância a ponto de usar algo tão banal para me expressar se isso não fosse a mais pura

verdade, que outras palavras jamais expressariam?

– Talvez você seja muito preguiçoso, muito convencido para pensar em algo novo. Ou que a possibilidade de precisar de novas falas nem lhe ocorra. Ou talvez você ache que eu não valho o esforço de pensar em algo mais original, já que era certo que eu cederia à simples ideia de seu interesse por mim.

Ele parecia mais perturbado a cada palavra desferida pelos lábios dela, suas feições zangadas dissolvendo-se em uma expressão perplexa.

Ela estava tão chocada quanto ele. De onde tinha vindo tudo aquilo? Era como se a pressão tivesse se acumulado dentro dela, e a decepção fosse uma lâmina que tivesse rasgado a fina membrana, contendo-a, suas emoções jorrando fora de controle.

Ela o amara por tanto tempo!

Johara havia fantasiado como seria se eles se encontrassem de novo, e a realidade demolira todas as ideias reconfortantes. Seus propósitos carnis indiscriminados zombaram da profunda conexão de que ela se convencera de que eles haviam ressuscitado. Conexão que, aparentemente, existia apenas em sua mente apaixonada.

Aquela dedução insuportável arrancou mais ressentimentos de suas profundezas.

– E não lhe ocorreu que a pessoa a quem você acha que deve um imenso agradecimento por ter me trazido aqui pode ser meu namorado ou até mesmo meu noivo ou marido?

Todas as expressões evaporaram, transformando o rosto de Shaheen em uma dura máscara.

– Não, não me ocorreu.

– A possibilidade de eu estar comprometida com outro homem não lhe ocorreu ou não pareceu relevante?

– Você *não pode* estar. Eu teria sentido em você, uma conexão com outra pessoa, um distanciamento de mim. Mas...

Ele parou abruptamente. Aquela energia ilimitada que havia radiado dele no momento em que a vira falhou, oscilante. E então se apagou. A tristeza que ela achara ter visto em sua aura antes de ele notá-la desceu sobre ele novamente como turvas e pesadas nuvens negras, arqueando seus ombros formidáveis.

Ele fechou os olhos e passou a mão sobre o rosto. Ergueu a outra mão e passou-a pelo cabelo, antes de esfregá-la na face.

Depois deixou as mãos caírem e a encarou. O vazio nos olhos dele causaram arrepios em Johara.

– Não sei o que deu em mim. Eu a vi do outro lado da sala e pensei... Não, eu não pensei. Eu *soube*. Tive certeza de que você olhava para mim com o mesmo... reconhecimento. A sensação que eu ouvi que acontece quando se encontra a pessoa que é... certa. Deve ter sido um truque das luzes. Seu reconhecimento foi no sentido literal, e eu vi o que subconscientemente queria ver. Devo estar pior do que eu pensava, imaginando que havia encontrado uma conexão inegável em uma festa assim. Ou em qualquer lugar. Desculpe-me. Peço desculpas a você e ao seu marido. Eu deveria saber que você já tem alguém.

Seus punhos se abriam e fechavam enquanto ele falava, como se eles formigassem com a mesma eletricidade doentia que ela sentia. Então, depois de um aceno com a cabeça e de proferir uma indecifrável maldição, virou-se.

Ela permaneceu parada, como se tivesse sido atingida por um raio, vendo seus largos passos o levarem embora. Tudo em que ela conseguia pensar era que ele não parecia insensível ou indiferente, apenas ferido, e que a última coisa que ela veria dele seria aquele olhar de desapontamento.

– Foi uma pergunta hipotética.

Ao ouvir a afirmação dela, ele parou. Mas não se virou. Ele apenas inclinou seu rosto para que ela visse seu perfil, os olhos baixos, a tensão emanando dele em ondas elétricas.

Ela forçou a explicação que ele esperava entre lábios quase cerrados:

– Quando mencionei um namorado, noivo ou marido, foi uma situação hipotética. Eu não tenho ninguém.

– Você não é comprometida. – O sussurro rouco dele estremeceu-a enquanto ele se virava, o ânimo surgindo novamente em seu rosto. Ela meneou a cabeça, com cachos presos nos lábios trêmulos. – Você se negou a deixar a festa comigo porque... – Ele enfatizou cada palavra com um passo vagaroso em sua direção, que a atingiam como ondas sísmicas. – Você achou que eu fosse um imbecil preguiçoso e convencido que não possui uma gota de originalidade para expressar sua inabilidade de esperar

até ficar a sós com você, ou uma única célula poética com a qual fazer justiça à maravilha do nosso encontro.

O entusiasmo voltando à sua expressão culminou em uma gargalhada. Os joelhos dela quase cederam. E isso foi antes de um enorme passo cobrir a distância que restava entre eles. Cada fio de cabelo do corpo dela eriçou-se, como tomados por uma carga estática gigantesca.

– Diga que você sente isso também. Diga que o sentimento quase tangível que eu percebo entre nós existe, que eu não estou tendo um colapso e imaginando coisas – ele sussurrou.

Esta foi a segunda vez que ele mencionara tal condição. A ideia do sofrimento dele fincava espinhos no peito de Johara. Ela mordeu os lábios, sentindo a dor.

– O... sentimento existe.

– Vou tocá-la agora. Você vai me rejeitar ou me quer também? – Ela concordou com a cabeça e com um gemido. Seus dentes iriam começar a tremer a qualquer momento pela necessidade de seu toque.

Shaheen tomou-lhe os braços com suas mãos quentes e gentis. Então ele a puxou para si. Ela cambaleou para frente, e sua cabeça ficou onde ela sonhara tê-la desde que era grande o suficiente para formar memórias. Onde ela já descansara antes, naquele momento que mudara seu destino. Na imensidão do peito de Shaheen. Ele pressionou-a e acariciou seu cabelo, seu murmúrio rouco de satisfação ecoando o dela.

Ele finalmente suspirou.

– Isso é inédito. Tivemos nossa primeira briga e nossa primeira reconciliação antes mesmo de você me dizer o seu nome.

– Não foi realmente uma briga – ela sussurrou, afastando-se um pouco para poder respirar, para que seu coração não parasse.

Ele sorriu para Johara, seus olhos dizendo que ela o divertia.

– Não da minha parte, mas você estava prestes a arrancar meus olhos. E eu teria deixado com prazer. Mas deixei isso para lá. Seu nome, *ya ajaml makhloogah fel kone*. Abençoe-me com sua dádiva.

Ele a chamou de “criatura mais linda do universo”. Shaheen provavelmente nem percebeu que acabara de falar em sua língua materna, caso contrário teria feito uma tradução logo em seguida.

– J... – A voz dela desapareceu garganta abaixo em um movimento convulsivo quando ele se aproximou dela, querendo inalar seu nome

enquanto ela o sussurrava como a mais agradável das fragrâncias, como o ar que respirava.

Então, Johara percebeu que não podia contar a ele quem ela era.

Se dissesse, ele recuaria. Haveria constrangimento e confusão, seguidos pela distância e pelo decoro. E ela não suportaria perder esse momento de espontaneidade com ele.

Seria a última coisa que ela teria dele.

– Gemma.

Ela quase deu um tapa na própria cabeça. Gemma? Tinha que ser uma tradução literal? Não dava para ser mais óbvio?

Mas ela já havia começado a dizer seu nome, e ele teria achado suspeito se ela acabasse dizendo Dana, Sara ou algo do tipo. Gemma fora o único nome que lhe veio à mente começando com o som de *J*.

Antes que piorasse as coisas, ela precisava dizer-lhe o quanto tinha sido bom conhecê-lo e ir embora. *Fugir*. Sem olhar para trás. Johara tinha o resto da vida para lembrar esse encontro mágico.

Mas ele frustrou seus planos, aproximando a cabeça dela de seu peito e suspirando de contentamento.

– Gemma. Perfeito, *ya joharti*. – Ela se afastou abruptamente ao ouvir seu nome verdadeiro. Antes que ela tivesse um ataque cardíaco, ele a libertou de seu abraço sorrindo. – Significa “minha joia” na minha língua materna. Então, minha Gemma preciosa, você vem comigo?

– Para onde? – ela balbuciou.

– Contanto que você esteja comigo, isso importa?

NAQUELE MOMENTO, estava claro que nada mais importava.

Não para Johara. Não se comparado com a chance de aproveitar até o último olhar, sorriso e toque possível dessa oportunidade de estar com Shaheen. A felicidade completamente desenfreada de ser seu objeto de interesse, o alvo de seu apreço, a instigadora de seu desejo.

Outra onda de prazer formou-se dentro de Johara enquanto ela o observava, uma visão concretizada, sentado à sua frente no restaurante exclusivo que ele literalmente fechara para aquele jantar.

Eles haviam conversado incessantemente desde que saíram da cobertura de McCormick. Ela respondera as perguntas de Shaheen sem especificar

nomes ou lugares, e nada que ela contara lhe trouxe nenhuma lembrança. Aquilo ainda a irritava, mas estava grata, pois o tempo que esse desconhecimento lhe proporcionava junto a ele superava qualquer desapontamento.

– Quer saber o que o *maître* disse depois que eu pedi para esvaziar o restaurante? – Os olhos dele brilhavam enquanto suas mãos cobriam as dela, viradas para cima, com afagos hipnóticos. – Que essas táticas pesadas não funcionariam com uma dama tão refinada como você.

Ela riu, entregando-lhe sua mão.

– Um cavalheiro muito astuto.

Ele deu um suspiro exagerado.

– Queria que você tivesse me dito isso antes de *ele* esvaziar metade do meu cartão de crédito sem limites.

Ela riu novamente de sua falsa preocupação. Mesmo em meio àquela reviravolta, a emoção surgiu. Suas fantasias de anos e anos estavam certas. A conexão entre eles *ainda* existia. E ele a cobria com os encantadores gracejos, que sempre haviam preenchido e colorido sua vida.

Ele ainda era o homem que ela amava desde que conseguia se lembrar. Não, ele era muito melhor que aquele homem. Muito, muito melhor.

Ela suspirou pela doce amargura daquilo tudo.

– Você não deveria ter gastado tanto. Achei que tínhamos concordado que não importava onde estivéssemos.

– Eu queria estar a sós com você.

– Poderíamos ter ficado a sós caminhando no píer.

– Eu pensei nisso, mas você não está vestida para esta noite fria. – Ele baixou os olhos, como se analisasse o padrão que estava desenhando com os dedos na palma da mão dela. Um instante depois, ele voltou a erguê-los, para surpresa dela. A gentileza e o humor deram lugar àquele implacável deus do deserto. Ela estremeceu com a ferocidade de sua reação.

– Você sabe onde eu realmente quero ficar a sós com você, Gemma. Na minha casa. Na minha cama.

As pálpebras de Johara cerraram-se com força, enquanto emoções a dilaceravam.

Ela não conseguia suportar aquilo. Ela deveria ter percebido...

Os dedos robustos de Shaheen afagavam os olhos dela, fazendo-os se abrir, para que não houvesse escapatória de sua feracidade, de suas

intenções.

– Eu quero você, Gemma. Eu nunca soube o que é querer alguém tanto assim, que fosse possível sentir algo tão intenso e puro.

– Puro?

– Sim. Limpo, imaculado, absoluto. Eu quero você, em todos os sentidos. E você me quer da mesma maneira. Sei que não estaria me sentindo assim se você não estivesse também. Meu desejo emana de mim da mesma forma que se irradia de você. Ele flui até você e é refletido de volta para mim espontaneamente, em um ciclo sem fim. Ele possui vida própria e está ficando poderoso demais para ser negado. A cada respiração seu poder aumenta, aguça-se. Você permitirá que eu satisfaça nosso desejo? Você deixará que eu a adore?

–Shaheen, por favor...

Ele, então, empurrou a cadeira e se levantou. Antes que o coração de Johara pudesse bater novamente, ele já se inclinava para arrancá-la da cadeira, em seus braços.

– Isso é tudo o que eu quero. Satisfazer você. Não quero parar nunca.

Vozes gritavam dentro de sua cabeça. *Conte a ele quem você é. Esse tormento terminará assim que ele souber sua identidade.*

E ele ficaria furioso por ela ter escondido isso dele. Ela não podia deixar que tudo terminasse assim. Ele sentindo-se traído. E odiando-a.

Ela tinha que dizer “não”. Ele respeitaria sua recusa. Ela não queria que nada disso tivesse acontecido. Desde o momento em que ele chamara sua atenção na festa e destruíra seu autocontrole, ela estava agindo sem vontade própria.

Então, sem qualquer traço disso, ela abriu os lábios e sussurrou:

– Sim, por favor.

CAPÍTULO TRÊS

JOHARA NÃO soubera o que esperar quando dissera “sim” para Shaheen.

Certamente nada do que aconteceu nas duas horas seguintes.

Depois que ele a pegou em seus braços e obteve sua rendição incondicional, ele a pôs no chão e deixou que saísse do restaurante e entrasse em sua limusine. Ele deu uma ordem em árabe para que seu motorista fizesse o caminho mais comprido para casa e sentou-se ao lado dela, conversando sobre praticamente tudo. Durante o longo caminho para sua cobertura, ele não a tocou, exceto por sua fascinação pelas mãos dela.

Ele lhe mostrou fotos de família no celular. Havia algumas do pai dele e dos irmãos. Eles eram como ela se lembrava, exibindo apenas uma virilidade mais velha e madura. Mas a maioria das fotos era de sua tia Bahiyah, de sua meia-irmã Aliyah e de sua prima Laylah, as únicas três mulheres nascidas em cinco gerações. Shaheen disse que elas eram as únicas de quem valia a pena tirar e guardar fotos, as peças centrais cheias de vida de uma família essencialmente masculina, fragmentos de beleza, graça e exuberância em meio ao espectro de escuridão e fúria que as damas chamavam de parentes amantes da testosterona.

Aliyah, três anos mais velha que Johara e que não estivera muito presente nos oito anos em que ela morara no palácio, fora considerada

sobrinha do rei Atef. Há apenas dois anos, fora revelado que a princesa Bahiyah adotara-a e a passara a tratar como sua própria filha, quando, na verdade, ela era a filha do rei. Em vez de causar um escândalo, a descoberta abortara as guerras que ameaçavam a região quando Aliyah fizera um casamento político com o novo rei de Judar, Kamal Aal Masood.

Aliyah não se parecia em nada com a garota pálida e avoadada de quem Johara se lembrava. Na verdade, ela era um exemplo de feminilidade e elegância. E felicidade. Era evidente que o casamento forçado com Kamal transformara-se em uma união com amor. Como o casamento iminente de Shaheen certamente se tornaria. Afinal, qual mulher não o veneraria?

Ela espantou o desânimo e concentrou-se nas fotos de Laylah. A garota de 12 anos que Johara vira da última vez cumprira todas as promessas de se transformar em uma mulher espetacular. Johara nunca tivera a chance de realmente conhecê-la, uma vez que a mãe dela, irmã da rainha Sondoss, nunca permitira que ela se misturasse com os criados, como contara Aram. Shaheen disse que Laylah era um dos três motivos pelos quais ele perdoava a existência de sua madrasta, os outros dois sendo seus meios-irmãos Haidar e Jalal – ela se casara com o tio dele.

Tudo o que ele dizia indicava que estava certo de que a presença dela em sua vida continuaria além daquela noite. Mas ele precisava saber que não havia chances de aquilo acontecer.

Ele não só tinha certeza da rendição dela, como ele também acreditava no que estava dizendo, esquecendo-se do casamento que anunciara há quatro dias.

Ela então imaginou que o casamento era o que estava pesando sobre os ombros dele quando o vira pela primeira vez. Ele odiava ter que sucumbir aos deveres. Mas isso parecia ter fugido de sua mente desde que ele a vira.

Ela não o lembraria. Eles logo encarariam a dura realidade e a viveriam pelo resto de suas vidas.

Aquela noite era deles.

E ali estava ela, parada no meio da imensa e austeramente masculina sala de estar, observando-o pendurar a jaqueta e sua echarpe com movimentos tranquilos e precisos.

Por que ele estava desperdiçando o tempo precioso deles juntos?

Ela podia não ter sabido o que esperar, mas achava que a urgência que ele mostrara até então se intensificaria. Ela tivera visões dele carregando-a

até a limusine, sufocando-a de beijos, erguendo-a contra a porta no instante em que eles entrassem e, então, lhe mostrando o quanto ele a desejava.

Ele teria se lembrado dos compromissos e decidido ir com calma?

Houve um zunido e um flash. Ela piscou surpresa, seu olho esquerdo cheio de manchas azuis.

Ele tirara uma foto dela com o celular. Então caminhou até ela, grande e ágil, gloriosamente masculino e incrivelmente lindo. Mas foi a expressão dele que a dominou, fazendo com que seu coração oscilasse no peito como um pêndulo.

A calma do trajeto desapareceu, substituída por uma sensualidade escaldante que tornava os olhos dele ainda mais quentes e intensificava seu charme.

Ele parou a um passo, buscando as mãos que ele tanto adorava.

– Você estava tão... pensativa. Ainda mais estonteante, se possível. Esta imagem é o tipo de obra-prima que os antigos mestres implorariam para retratar. – Ele levou as mãos dela até o rosto, apresentando cada nó dos dedos aos seus lábios indulgentes, os olhos cheios de seriedade. – Você está arrependida?

– Não. – A negação partiu dela bruscamente, sua força mortificando-a enquanto pairava ao redor deles. Mas ela precisava saber. – Você está?

Ele bufou.

– Os únicos pensamentos que estou tendo são por onde começar a venerá-la e como não devorá-la inteira.

Então era por isso que ele estava se segurando: ele temia ser muito agressivo. Ela estava sendo insegura novamente.

Mas quem poderia culpá-la? Durante todos aqueles anos, seu amor por ele fora emocional, espiritual, com leves tons sensuais. Ela nunca imaginara que ele pudesse realmente desejá-la, e, quando fantasiava que ele a queria, mesmo na liberdade de sua imaginação, ele apenas a abraçava e beijava. Ainda assim, ela mal podia respirar, tamanho o desejo por tudo que ele podia oferecer-lhe, a necessidade de tê-lo por completo.

– C-comece por onde quiser, Shaheen. A-apenas comece. E não pare. Não quero que você pare.

– Então vou começar por aqui. Sua pele. Ela é inacreditável, como cada parte sua. Viçosa, sedosa, livre da palidez e da fragilidade. Ela não se ruboriza com suas emoções, não importa o quão forte sejam, apenas torna-

se mais vital, mais vívida. Ela está brilhante agora. Seus olhos são reluzentes como onixes iluminadas, inundando-me com uma avalanche de expressões, cada uma embriagante em sua clareza e beleza. E seus lábios. O jeito como eles se moldam a cada pensamento, o jeito que eles tremem na frequência de cada sensação... Cada tremor me estremece até que eu não sinta nada além de um desejo incontrolável.

Ela quase engasgou, tamanho aquele entusiasmo.

– Eu estava certa. Você é feito de originalidade e células poéticas.

Os lábios dele crisparam-se em um misto letal de apreciação e predação conforme ele unia a ponta de seu indicador ao dela, acalmando os tremores que a afetavam.

– Parece que você não ouviu claramente minhas últimas palavras.

Os lábios dela tremeram ainda mais enquanto seu humor guerreava com a ansiedade e a agitação. Ele passou os polegares neles, sua respiração ficando mais profunda.

Ela fechou os olhos para saborear as tão sonhadas sensações. Suas mais loucas fantasias não a haviam preparado para a realidade. Ele gemeu com o prazer que explodia de dentro dela, emanando da respiração, da presença e do toque dele em cada centímetro dela, até seus mais profundos segredos. Então os lábios dela fizeram o que esperaram quase a vida inteira para conseguir: sentiram aquele calor agradável e o pressionaram com um beijo trêmulo.

Ela o ouviu tomar fôlego. Isso arrebentou ainda mais as amarras de sua inibição. Ela abriu os lábios, roçando os dentes na pele dele. A textura e o perfume fizeram brotar ainda mais daquele calor úmido em seu âmago.

Sentindo-se mais confiante, ela passou a língua na pele dele. Seus joelhos cederam àquele gosto. Ele soltou a outra mão, envolvendo-a pela cintura. Ela manteve os olhos fechados, mergulhando fundo naquelas sensações, toda a sua existência centrada naquele polegar tocando sua língua à medida que ele o introduzia gentilmente para dentro e para fora de sua boca.

– Isso é extremamente perigoso. – Esse lamento fez os olhos dela se abrirem assustados. Ele os encarou e, então, fitou a boca dela com um intenso desejo enquanto massageava-lhe os lábios com o polegar, sugando-os com crescente avidez e abandono. – Você me deseja tanto quanto eu desejo você.

Ele soltou a cintura dela, roçando seus dentes inferiores enquanto deslizava o polegar displicentemente por entre os lábios, e então encostou sua testa na dela, nariz com nariz, inalando sua essência.

– Isso é incomparável. Agonizante, porém sublime.

– Sim – ela sussurrou.

Embora não tivesse nenhuma experiência para poder comparar, ela sabia que aquele longo excitação de seus sentidos era muito mais prazeroso do que qualquer relação frenética e desmiolada.

Ele a soltou, deslizando, então, os braços até o zíper em suas costas. Ele o baixou com uma lentidão torturante, sem jamais desviar seu olhar do dela, abrindo também seu sutiã. Ela suspirou ao sentir o alívio e depois novamente ao ver a centelha de ferocidade naquele olhar que monitorava as suas reações. Ele arrancou mais suspiros dela enquanto a despia de suas roupas, deslizando-as suavemente, libertando-a das algemas.

Antes que ela pudesse cobrir sua nudez com os braços, ele desceu o vestido até seus quadris, abaixando-se junto, ficando de joelhos diante dela.

A boca de Johara se abriu, fechou e voltou a abrir, devido àquela excitação insuportável; por causa do jeito como ele a observava, de cima abaixo, como se ele fosse realmente engoli-la.

Então ele a puxou para si, murmurando:

– Agora eu a venerarei.

Ela teria se inclinado em sua direção, mas os ombros dele impediram-na. Ele quase a desequilibrou ao enterrar os lábios quentes em sua pele. Ele gemeu a cada beijo em seu abdômen, a cada investida da língua em seu umbigo, a cada toque dos dentes percorrendo seus seios. Seus gemidos ficaram mais agudos quando ele gentilmente mordiscou seus mamilos, até que ela gritou quando ele apertou com força.

– Shaheen... *por favor*.

Em resposta, ele juntou a saia nas mãos, engançando os polegares na calcinha. Então, com um movimento mágico, cada peça que a cobria foi retirada.

Ali, de pé, vestindo nada além dos sapatos e com as roupas amontoadas aos seus pés, ela sentiu o mundo recuar. Shaheen olhou para cima, a adoração que ele prometera incendiando a austera nobreza de seu rosto.

Ela o observou levantar e beijar cada perna, da panturrilha até a coxa, sua consciência pulsando como uma lâmpada prestes a explodir. Ela ouvia

aquela magnífica voz enquanto ele a cobria de algo muito melhor que poesia, maravilhas que jorravam espontaneamente no idioma em que fossem mais bem expressadas.

Johara gemeu constantemente, transformando-se literalmente em um poço de excitação no momento em que ele se levantou. Ela teria desmaiado se ele não a estivesse segurando enquanto se erguia.

Quando ela caiu em seus braços como uma boneca de pano, ele sussurrou em seu ouvido:

– Abrace-me, Gemma. Envolve-me com todo o seu corpo e desejo inestimáveis.

Aquilo injetou força nos músculos frouxos de Johara. Ela queria. *Ele* queria. Ela apenas desejara dar-lhe o que quisesse.

Ela enlaçou os braços ao redor de seus ombros, e as pernas ao redor de sua cintura. Era algo indescritível. Sentir todo calor, volume, força e excitação, envolver tudo aquilo. Ela ficaria para sempre vazia e perdida quando não tivesse mais que ele pudesse envolver e abraçar.

Mas, naquele momento, Shaheen era dela.

Johara descansou a cabeça em seu ombro enquanto ele atravessava a cobertura com ela nos braços. Seus olhos estavam abertos, mas registravam apenas impressões, seu gosto e sua riqueza impregnados em todos os lugares, ainda que de forma despreziosa. Então ele entrou em um quarto. O quarto dele.

Seus sentidos despertaram do estupor. Ali era onde ele dormia, onde ele acordava, onde ele lia, tomava banho e se barbeava, onde ele se vestia e se despia. Onde ele se tocava. E onde ela tinha certeza de que ele nunca tocara outra mulher.

Esse era seu santuário em Nova York. E Shaheen estava lhe dando o privilégio exclusivo de estar ali. Era um bilhete único. Johara tinha que aproveitar o máximo que pudesse.

Ele a pressionou contra a porta como ela desejara vagamente antes, segurando-a apenas com o peso de seu corpo.

Ela estremeceu com uma sobrecarga sensorial. A frieza da madeira polida em suas costas, a sensação dele pressionando-a, o calor e a dureza de sua ereção contra suas intimidades e nada além das roupas dele entre eles.

Até minutos atrás, ela estivera muito tímida para inspecionar a excitação dele. Até aquele momento, ela não conseguia imaginar nada além disso. Sua

mente quase entrou em colapso ao pensar nele dentro dela. E ele ainda nem tinha beijado seus lábios...

Ele levantou a cabeça de seu pescoço.

– E agora vou satisfazer você, *ya galbi*.

Ouvi-lo chamá-la de “meu coração” trouxe um soluço das profundezas de seu ser.

Ele franziu a testa ao ouvir o som.

– Gemma, se você quer que eu pare, eu paro. Se você não tem certeza...

Ela abaixou a cabeça dele e roubou o beijo pelo qual ansiara por toda a sua vida.

Ele permaneceu imóvel sob o frenesi inesperado dela, deixou que seus lábios se chocassem, implorando por reciprocidade e que ele tomasse o controle, antes que recuasse.

– O que foi, Gemma?

Ele a levou até a cama e a deitou, onde a luz lhe proporcionava a melhor visão dela. E ficou espantado:

– Você está chorando!

As mãos dela bateram nos ombros dele, tentando trazê-lo de volta para ela.

– E-eu não... Eu só quero você demais. Não posso esperar mais. Por favor, Shaheen, me possua. Agora.

A preocupação em seu rosto desapareceu, dando lugar à mais pura ferocidade.

– Eu quero possuí-la. Quero invadir você e cavalgá-la até você chorar de prazer. Mas não posso. Tenho que prepará-la para mim primeiro ou então eu a machucarei.

– Não vai machucar. Estou pronta. Só... só...

– *Galbi*, vamos fazer as coisas no meu ritmo. Preciso deixar tudo perfeito para você.

– Será perfeito. Qualquer coisa com você é perfeita.

Ele murmurou algo enquanto a colocava em seu colo.

– Não diga mais nada, Gemma, se não quiser que eu vire um lunático delirante. Eu nunca sequer imaginei estar fora de controle. Mas estou agora.

Ela deu uma risadinha.

– Se este é você fora de controle, eu odiaria vê-lo controlado. Você provavelmente me mataria de frustração.

Desta vez, foram os lábios dele que silenciaram as palavras dela, com o beijo que ela imaginara desde que se tornara grande o suficiente para saber o que eram beijos. No fim das contas, ela nunca chegara perto de saber.

Aquilo sim era um beijo. Essa ferocidade doce. Esse devorar gentil. Apenas isso. Shaheen possuindo seus lábios, cada movimento, atração e impulso formando camadas de sensações, soterrando-a de prazer. Seu aroma, gosto e sentimentos preenchendo-a, sua fome liquidando-a.

Ela ondulou por baixo dele, até que ele a subjugou, segurando seus braços acima da cabeça dela enquanto sua outra mão descia do rosto dela para o ombro, terminando por segurar um seio.

– Você tem permissão apenas para gemer pedindo por mais e gritar de prazer. Isso será suficiente para me deixar fora de mim.

– Deixe-me vê-lo – ela gemeu.

– Ainda não. E você já está quebrando as regras.

– Você disse que eu podia gemer pedindo por mais. E estou. Por mais de você.

– Você me terá por completo, do jeito que quiser. Mas não agora.

– Que injustiça – choramingou.

– É você que é injusta. Nada deveria ser tão maravilhoso.

Ela tentou libertar as mãos. Johara precisava delas nele, em qualquer parte dele, sem a barreira das roupas.

Ele rosnou profundamente, deitou-a de volta e continuou a dominá-la no tormento sensual. Mas foi apenas quando ele deslizou o quadril para a beira da cama e ajoelhou-se diante dela novamente que Johara percebeu as intenções dele. Seu coração deu um salto.

Era estúpido sentir-se envergonhada por ter a boca e as mãos dele em suas intimidades, enquanto implorava por muito mais. Mas a situação era essa. Ela tentou fechar as pernas.

Ele insistiu, apartando-as carinhosamente.

– Abra-se para mim, permita que eu me banqueteeie em você. Deixe-me prepará-la.

– Estou preparada – gemeu Johara. – Por favor!

– Não quero me segurar quando possuí-la, e só alguns climaxes já deixarão você preparada para mim.

– *Alguns...*? – Ela se espantou, incrédula.

O que ele iria fazer com ela?

Qualquer coisa. Ela aceitaria tudo e qualquer coisa que ele fizesse.

Ela se abriu para ele, e aqueles longos e perfeitos dedos acariciaram seus lábios femininos, deslizando em seu desejo úmido. Ela gemeu e se contorceu com ondas de sensações quase insuportáveis. E isso foi antes de ele introduzir o dedo. Cada centímetro era de puro prazer. Isso a fez perceber o quanto ela se sentia vazia e como tê-lo dentro de si preencheria aquele vazio.

Ela tentou trazê-lo para cima com as pernas, mas ele a abriu por completo e incendiou-a até a alma com sua ânsia implacável.

Em meio ao delírio, ela observou Shaheen mimá-la, dedilhá-la, beber e se faltar de sua essência, de sua necessidade, de seu sabor e prazer. Ele parecia saber o quanto ela conseguia suportar.

– Agora, *ya roh galbi*, deixe-me ver e ouvir o quanto eu a satisfaço. – E mergulhou a língua em seu corpo novamente.

Uma reação em cadeia de convulsões desencadeou-se no corpo dela em um êxtase espiritual, enquanto ela sustentava o olhar, observando o que ele lhe causava.

Ela se acalmou, incapaz até de implorar por mais. Então ele recomeçou, variando seu método, renovando o desespero e intensificando a entrega de Johara.

Ela já havia perdido a conta de quantas vezes ele a levava à loucura, quando Shaheen a deixou no limite e subiu na cama, cobrindo-a, com as pernas separadas.

Shaheen a cobriu de carícias, massageado seus seios e gentilmente apertando seus mamilos.

– Eu nunca tinha visto ou provado algo tão bonito.

As mãos dela agarraram o cinto dele, tentando abri-lo.

– Quero ver você por inteiro. Quero você dentro de mim, preenchendo meu corpo. Por favor, Shaheen, por favor. *Agora*.

Ele ficou de pé na cama, sobre ela, despindo suas roupas violentamente.

Embora estivesse morrendo por ele, ela não pôde esperar pela oportunidade de ver sua glória exposta. Ela pôs-se de joelhos, a uma distância de sua perfeição proporcional, a força ondulante encerrada pelo bronze polido e acentuada pela seda negra.

Com um murmúrio, ela se inclinou, suas mãos e lábios buscando tudo o que estivesse ao seu alcance, desejando todas as partes dele ao mesmo

tempo.

– Shaheen... – ela gemeu entre beijos. –Você é mais lindo do que eu imaginava... Quero venerar cada centímetro de você.

Ele passou os dedos por entre o cabelo dela.

– Mais tarde, *ya hayati*, nós nos veneraremos centímetro por centímetro. Agora vou possuí-la. E você me possuirá.

– *Sim*. Ela se deitou e abriu os braços em oferenda.

Ele a cobriu. Ela soltou um grito, deleitando-se com a própria delicadeza amortecendo a corpulência dele.

Ela abriu as pernas, da mesma forma que sempre estivera aberta a tudo relativo a Shaheen. Ele as colocou ao redor de sua cintura, seus olhos buscando os dela, solícitos e tempestuosos, sua ereção procurando a entrada.

Encontrando-a quente e úmida, ele finalmente murmurou sua rendição, mergulhando dentro dela com uma vigorosa investida.

Ela tinha certeza de que não doeria, de que estava pronta.

Mas ela jamais poderia estar preparada para aquilo. Para ele.

E não era apenas seu corpo inexperiente. Ela tinha certeza de que nenhuma experiência ajudaria a suportar a primeira invasão da grossura e do comprimento dele.

Foi apenas na segunda estocada que ele percebeu. Porque a primeira precisou de muita força e encontrou tamanha resistência, porque o choro dela era muito agudo, porque o corpo dela estava tenso e trêmulo.

Ele congelou. O espanto cobriu seu rosto. Por fim, disparou:

– Você é *virgem*?

– Está tudo bem... estou bem. Não pare... Por favor, Shaheen, não pare.

– *B'Ellahi!* – exclamou, tentando sair de dentro dela.

Ela prendeu as pernas trêmulas ao redor de sua cintura, impedindo-o.

– Pare, Gemma! – ele rosnou, tentando livrar-se dela. – Estou machucando você.

– *Sim*. – Isso fez com que ele se levantasse, seus olhos horrorizados. Ela agarrou-se ainda mais fortemente nele, braços, pernas e coração. – E a dor não é nada comparada à sensação de você dentro de mim. Ela está deixando tudo mais... intenso. Sinto você... marcando-me a ferro. Por favor... Você disse que não recuaria.

– Isso foi antes de saber que você era... – Ele balançou a cabeça, a descrença e a perplexidade invadindo-lhe a mente. – *Ya Ullah*, sou seu primeiro.

– Você está... desapontado?

– Desapontado? Talvez pasmo, impressionado. *Ya Ullah*.

Johara ficou mortificada. Seus membros se desprenderam dele.

– Eu deveria ter contado. Não foi uma decisão consciente esconder isso... Mas você não precisa acreditar nisso... – Ela engoliu o choro apertado que se formava na garganta. – Deixe-me levantar. Vou embora, e você nunca mais...

Ele deslizou-se dentro dela mais profundamente, gentil e vagorosamente, seus olhos reacendendo.

– Parece que estou triste por ser seu primeiro? Eu já sabia que você é a maior dádiva que eu jamais recebi. Mas você concedeu-me este prazer e tornou a dádiva ainda maior. Gostaria de poder oferecer-lhe algo da mesma magnitude.

– Você *está* me dando a maior das dádivas também. – Lágrimas dominavam-na. E isso estragaria tudo. Seus lábios tremeram com o que ela esperava que soasse como um gracejo. – Figurativa e literalmente. – Ele inspirou profundamente, tornando-se ainda maior dentro dela. Apesar da dor, ela arqueou o quadril para cima, engolfando ainda mais a ereção. – Então, se você quer me oferecer um presente, não hesite. Dê-me tudo o que puder.

– Você realmente quer que eu vire um lunático delirante, não?

– Ah, sim, por favor.

– Quando você diz “sim, por favor”, tudo foge do controle dentro de mim – murmurou Shaheen enquanto se levantava, erguendo com as mãos os quadris dela para incliná-la, e então a penetrou até o fim. Era algo indescritível, sua primeira vez com ele, ser preenchida por ele além de seus limites.

Ele recuou, e ela choramingou, clamando que ele voltasse para dentro dela. Ele resistiu às súplicas por um momento, seu membro descansando na entrada antes de mergulhar lentamente dentro dela de novo.

Então Shaheen sussurrou nos lábios dela:

– Magnífico, *ya galbi*, dentro e fora, literal e figurativamente. Tudo sobre você, com você.

Ela gemeu quando suas entranhas começaram a pulsar ao redor dele. Como se soubesse, ele a inclinou e ajustou suas investidas, aliviando a tensão. Convulsão após convulsão arrancaram gritos dela, prendendo-o firmemente, dentro e fora.

Foi então que ele relaxou, um momento que Johara reviveria para sempre na memória. A visão e a sensação da entrega dele ao êxtase que a união deles criara. Ela chegou ao clímax novamente enquanto ele jogava a cabeça para trás com um urro de prazer, o calor de sua masculinidade explodindo em seu útero até ela sentir-se preenchida, para nunca estar vazia de novo.

Com espasmos, ela gemeu enquanto ele se movia, pedindo que ele continuasse sobre ela. Em vez disso, ele a girou e a pôs sobre ele, com cuidado para não machucá-la e continuar dentro dela.

Ela deitou-se sobre ele, sua alma satisfeita de maneiras que ela jamais imaginara, espantada com tudo o que acontecera naquela noite.

Então ele a virou, colocando-a de lado, beijou-a profundamente, sem pressa, e então sussurrou em seus lábios:

– Isso foi, sem exageros, a melhor coisa que já me aconteceu. *Você*.

Ela acreditou em seus sentimentos.

Embora ele não fosse livre para ter esses sentimentos.

A verdade cresceu dentro do coração dela, uma tonelada de tristeza fazendo-o espatifar-se na dura realidade.

Mas ela ainda tinha o resto daquela noite com ele.

Espantando o desânimo, ela se focou no milagre que acontecia ali, em seus braços.

Ela sugou a língua que se esfregava na sua, acariciou as costas musculosas arfando contra seus dedos e sorriu.

– Seus sentimentos, senhor, são um mero reflexo dos meus.

Ele recuou para observá-la, com um sorriso contente e malicioso, enquanto apertava as nádegas dela e a aproximava, mergulhando sua excitação intacta dentro dela.

– Então cabe a mim provar o quanto meus sentimentos são autênticos.

E, pelo resto da noite, ela não teve dúvidas.

JOHARA SE fartava com a magnífica visão de Shaheen.

Deitado de costas, com o lençol de algodão verde-escuro enrolado em uma coxa e com o resto do corpo nu para ser devorado, um dos braços musculosos curvava-se sobre a cabeça, e a outra mão tinha a palma virada para cima. Ele parecia segurar os beijos que ela plantara ali antes de se levantar, dizendo que ia ao banheiro e que voltaria em instantes.

Ela sentiu um aperto no coração. Sua visão ficou turva.

Ela prometeu:

– Eu sempre o amarei, *ya habibi*.

Ele suspirou enquanto dormia, os lábios formando um sorriso.

Embora estivesse do outro lado do quarto, ela pensou tê-lo ouvido dizer “eu a amo também, minha Gemma”.

Grandes lágrimas surgiram como se brotassem de seu coração. Ela fechou a porta e partiu do quarto e da cobertura de Shaheen. Da vida dele.

E sentiu como se a sua tivesse terminado.

CAPÍTULO QUATRO

NO MOMENTO em que abriu os olhos, Shaheen soube que algo estava errado. Admiravelmente errado.

Ele estava... sereno.

Ele permaneceu imóvel e fechou os olhos novamente, para saborear a estranha sensação de contentamento absoluto.

Sim. Estranho. Ele nunca se sentira assim, mesmo nos melhores dias.

Ele sempre fora ciente das coisas pelas quais precisava ser grato, nunca havia considerado garantido nenhum de seus privilégios. Aceitara o preço que tivera que pagar por eles, até considerara os pagamentos e a carga postos sobre seus ombros maiores que os privilégios. Ele se divertira com todos os desafios e dificuldades ditados pelo uso de tais privilégios.

Mas Shaheen nunca gostara das restrições impostas em suas escolhas. A frustração de curvar-se diante das exigências significava fazer menos do que ele achava ser certo.

Geralmente ele afastava tais limitações para o fundo de sua mente. Mas elas ainda continuavam presentes, uma fonte de constante tensão.

Agora não havia nenhum sinal daquilo. Ele sentia algo que havia experimentado apenas parcialmente e que nunca imaginara poder sentir por completo. Paz. Plena. Absoluta.

E era por causa dela.

Gemma. Até o nome dela era perfeito. Tudo o que ele sentira, vira e tivera com ela fora assim. E essa maravilha parecia tê-lo limpado de tudo o que viera antes. Ter que se esforçar para pensar em algo que não fosse ela era incrível. Uma noite com ela fora como a soma total de sua experiência de vida.

Ele se espreguiçou, cantarolando a melodia de júbilo e satisfação que permeava seu corpo.

Então isso era *paixão*. Ele nunca sentira nada parecido. Ele conhecera a paixão pelo trabalho, pelo sucesso, por detalhes, sentira amor pela família, tivera um interesse fraco e efêmero por algumas mulheres. Mas nunca imaginara algo tão avassalador, tão intenso. No momento em que colocara os olhos nela, seus sentimentos o consumiram, dominando a razão e o autocontrole. Estar com ela o livrara da tensão e da inibição, deixando-o livre para concentrar-se por completo na maravilha de estar com ela.

Ele realmente sentia que a conhecia desde sempre.

E agora não conseguia imaginar sua vida sem ela. A vida cujo rumo ela alterara. E corrigiria.

Shaheen suspirou profundamente enquanto imagens e sensações da noite anterior e daquela manhã inundavam sua mente e seu corpo.

Ele a *possuía* como se a tivesse desejado por toda a vida. Ele nem conseguira parar quando descobrira que era o primeiro de Gemma. Ou depois, quando dissera a si mesmo que não faria de novo naquela noite. Mas ela roubara seus sentidos e seu controle...

De repente, um desconforto o despertou do estado surreal de felicidade.

Ele a seduzira e possuía como se fosse livre para tomar as próprias decisões e decidir seu destino. Mas ele não era.

Como ele pudera esquecer aquilo por um minuto, por uma noite?

Porém, ele *esquecera*. Completamente. E acabara de se lembrar.

Droga, não. O que exigiam – ou melhor, *precisavam* – que ele fizesse já não fazia diferença. Ele não conseguiria apontar cegamente para um catálogo real de noivas.

Ele não tinha ideia de como iria escapar do casamento arranjado, mas iria. Independentemente da pressão ou das exigências. Cada partícula de seu corpo exigia que Gemma fosse sua.

Shaheen previa uma batalha épica.

Ao visualizar os conflitos futuros, imagens dela e dele juntos conversando e se amando ocuparam sua mente de novo. Na balança em que estavam a pilha de problemas e a chance de ficar com Gemma, não havia dúvidas. Seu desejo era mais forte que o do resto do mundo.

Shaheen sentou na beirada na cama. Ele alisou o lugar onde ela dormira – ou ao menos se deitara – entre as sessões de amor. Já era de manhã quando foram dormir, ocupados demais conversando e experimentando um ao outro sensual, sexual e mentalmente. Seu corpo, já rígido, começou a pulsar, exigindo-a.

Ele tentou acalmá-lo. Não havia como tê-la. Não hoje. Depois do que fizera com ela – duas vezes –, independentemente do quanto ela quisesse, ela precisava de alguns dias para se recuperar.

Ele se levantou.

– Gemma?

Silêncio. Ele a chamou de novo, e, quando houve a mesma ausência de qualquer som ou movimento, os lábios que haviam se encrespado ao imaginarem-na enlouquecendo com sua iniciação se retesaram, alarmados. Ele correu para o banheiro, irrompendo pela porta semiaberta.

Shaheen quase desmaiou ao encontrá-lo vazio. Ele estava pior do que imaginara. Estar com Gemma apenas havia camuflado seu estado. Ele imaginara dezenas de situações macabras durante o minuto em que seus chamados não tiveram respostas.

Tinha que estar na cozinha. Não havia como ouvi-lo de lá. Imagens dela descabelada e recém-saída do banho, vestindo uma de suas camisas ou um de seus roupões encheram sua mente. Ela estaria envergonhada e com dores em lugares que o fariam sofrer até mal conseguir falar.

A premonição o atingiu antes de pisar na cozinha. Por toda a cobertura. A sensação de... vazio. Ausência.

A sensação tornou-se real em segundos. A cozinha também estava vazia.

Desta vez, ele não parou. Deu meia-volta e correu para inspecionar cada quarto. Nada.

Gemma se fora.

Ele ficou parado no meio da sala, contemplando Manhattan, incapaz de processar as informações.

Ela não podia ter simplesmente partido!

Gemma deveria ter tido um motivo muito forte para ir embora. Talvez alguma emergência. Sim. Fazia sentido. Mas... Se algo acontecera, por que ela não o tinha acordado? Para lhe contar, pedir ajuda? Ela sabia o tipo de poder que ele exercia. Se algum de seus entes queridos estivesse com problemas, ela sabia que ele seria a pessoa mais qualificada para ajudar.

Seria possível que ela não tivesse percebido que ele faria qualquer coisa por ela? Seria possível que ela não tivesse acreditado, como ele acreditara, que eles transcenderam todas as convenções do desenrolar de um relacionamento, que eles pegaram um atalho para o nível mais alto que se poderia chegar? Ou ela era tão independente que não conseguia pedir ajudar, determinada a lidar sozinha com qualquer problema? Ou, talvez, não lhe ocorrera pedir ajuda, tamanha era sua pressa.

Pare. Suas pressuposições provavelmente não tinham fundamento. Ele estava fazendo uma interpretação absurda de algo que ficaria claro quando ela entrasse em contato.

Outra coisa o atingiu como uma marreta.

Eles não trocaram nenhuma informação de contato.

E era ainda pior. Ele nem sabia o sobrenome dela.

Por que ele não pensara nisso na noite anterior?

Era isso. Ele não pensara em nada. Nada além dela e do que compartilharam desde o primeiro olhar. Pela primeira vez na vida, ele vivera intensamente o momento.

Shaheen sempre hesitara em confiar plenamente nos outros, até nas pessoas mais próximas, mesmo sabendo de suas intenções. Ele se defendia das consequências dos erros e do mau comportamento dos outros. Mas, com Gemma, ele não só havia baixado a guarda como ela sequer fora erguida. Ele não tivera dúvidas. Ela era a mulher que sempre sonhara, mas que nunca acreditara que fosse encontrar.

A mulher perfeita.

E ela se fora. Depois de proporcionar-lhe a noite mais perfeita de sua vida, depois de se entregar e oferecer-lhe o vislumbre de um futuro magnífico e completo por uma conexão sem precedentes, ela simplesmente... se fora.

Acalme-se. Ela teria uma explicação totalmente sensata para ter partido sem tê-lo acordado. Ela deveria não ter tido escolha, caso contrário não teria feito isso. Ela não o teria abandonado assim.

Ele precisava esfriar a cabeça. Ainda que ele não soubesse o sobrenome ou o paradeiro dela, ela sabia o dele. Tudo o que ele precisava fazer era esperar.

Ela voltaria quando pudesse.

GEMMA NÃO voltou.

Era como se ela tivesse desaparecido da face da Terra.

Ele pensou que talvez a segurança pudesse identificá-la. Quando eles a viram sair tão cedo, só se preocuparam com ele. Ligaram para Shaheen para verificar se estava tudo bem e, quando ele atendeu – o que se recordou de ter feito apenas quando eles o lembraram –, obviamente bem, mas sonolento e exigindo não ser mais incomodado, eles a deixaram ir. Aquilo minara sua esperança de encontrá-la, esperança que diminuía a cada minuto.

Ele ampliara sua busca por todo o Estados Unidos. Ninguém ouvira falar dela.

Com as evidências de que ela nunca existira em solo americano, ele começou a imaginar que ela e a maravilhosa noite que passaram juntos foram frutos de sua imaginação. Mesmo com um prova de sua existência – a foto que tirara –, todos insistiam que nunca a tinham visto. Todos que foram interrogados por sua equipe comentaram que se lembrariam de alguém como ela. Mas eles não se lembravam.

Era *mesmo* como se ela nunca existira.

Uma explicação viera constantemente à mente de Shaheen durante sua busca frenética. Ele a ignorou, determinado a não ser influenciado por ela. Mas, quando ele respirou novamente com a certeza de que ela não sofrera um acidente ou algo do tipo, descobriu que as opções diminuía cada vez mais.

Nada além daquela explicação fazia sentido.

Não havia mais escapatória. Ele tinha que encará-la, independentemente do quanto o feria.

Gemma não queria mais vê-lo.

Ela podia ser a mulher que havia virado seu mundo de cabeça para baixo, mas aparentemente ele fora apenas uma aventura para ela. Um homem que ela escolhera para iniciar seu corpo núbil nos ritos da paixão e liberar seu

potencial sexual sem limites. Talvez o tenha achado exótico, um homem de uma cultura diferente que ela podia excluir da sua vida assim que a noite terminasse.

Aquela resignação fora então substituída pelo desespero, e ele desistiu de seu sonho. Não havia mais pelo que lutar, nada para mantê-lo ali.

Era hora de voltar para Zohayd e fazer o que deveria.

E abraçar o pesadelo.

– SHAHEEN.

Isso foi tudo que seu pai disse, minutos antes de Shaheen entrar no escritório.

Era o suficiente. O desapontamento e a frustração reverberaram da inexpressividade em sua voz.

Shaheen não o culpava. Ele ignorara o pai e o resto do mundo nas últimas oito semanas. Depois do único telefonema dizendo que não voltaria para casa como prometera, ele se isolara de todos. E não explicara o motivo.

Seu pai deixara dezenas de mensagens, enviara emissários para trazê-lo de volta ou para, no mínimo, fazê-lo explicar o motivo pelo qual renegara a decisão que tomara dias atrás.

Seu pai levantou-se por trás da mesa, majestoso, exalando o poder e a ira de ser o rei de Zohayd.

Shaheen encarou o pai enquanto ele se aproximava. O rei Atef Aal Shalaan não tentou abraçá-lo, como sempre fazia, mas ficou parado, punindo-o com o olhar incandescente de desgosto. Ele era um pouco mais baixo que o filho, ainda que mais largo e com três décadas a mais de maturidade e responsabilidade. Shaheen sempre achara que aqueles ombros eram largos o suficiente para carregar o destino daquele reino. Sem mencionar sua presença imponente.

Mas o rei Atef precisava de mais do que presença para manter o reino em paz, a segurança e seus aliados. Mais do que nunca, ele precisava lidar com os poderosos que constantemente tentavam tomar o poder, exigindo cortes, prestígio e proventos. E isso era algo que só Shaheen poderia resolver, sacrificando-se no altar.

– Não vou perguntar por que você desapareceu. Ou por que voltou.

– Bom. – Shaheen não tentou suavizar seu resmungo sucinto. O pai dele teria que se contentar com o fato de que ele *voltara*. Nada mais era de sua conta.

– Porém... – seu pai continuou. – Só vou deixar isso passar porque agora não é o momento para criticar seu comportamento potencialmente catastrófico. A recepção está a todo vapor.

A recepção. Era também conhecida como a parada nupcial que o rei organizara assim que soubera que Shaheen estava a caminho de Zohayd em seu jato particular. Ele estava prendendo-o na armadilha antes que o filho pudesse mudar de ideia.

E ali estava, formando-se no salão cerimonial principal, a tempestade que destruiria a sua vida. Duas mil pessoas envolvidas no casamento e nas negociações, manipulações e coerções.

Mas Shaheen não escolheria a esposa como quem folheia um catálogo por correio e circula a modelo que acha mais suportável. Ele deveria avaliar a mercadoria de maneira mais abrangente.

Com os casamentos sendo do jeito que eram em Zohayd – especialmente à medida que se sobe na escala social –, eram as famílias que se casavam, e não os indivíduos. Ele desposaria uma família inteira. E cada família em potencial estava ali para que ele pudesse decidir qual delas conseguiria aguentar como uma presença constante em sua vida, por meio da influência em cada pensamento e ação da esposa e dos filhos.

– Você não está vestido apropriadamente. – A repreensão o trouxe de volta de seus devaneios desagradáveis. – Eu disse ao seu *kabeer el yaweran* o que se espera de você esta noite.

O chefe da comitiva de Shaheen *dissera* que seu pai queria que ele usasse o traje zohaydiano real. Ele fez uma careta e voltou a observar cegamente as cláusulas de seu mais novo contrato de negócios.

Ele então olhou aborrecido para o terno e fitou o pai com a mesma irritação, seguida pela mesma indiferença cortante.

– Já que suas expectativas são outras, eu exijo que você pelo menos coloque uma expressão no rosto que não demonstre seu aborrecimento por estar ali.

Shaheen suspirou resignado.

– Não me peça mais nada, pai. Fingir que isso tudo não é uma tortura é a última coisa que preciso fazer.

– Você está sendo insensato. Você não é o primeiro e nem o último príncipe a se casar em nome de seu reino.

– Se você fez isso duas vezes, por que não eu, não é? – Shaheen sabia que estava passando dos limites sendo tão rude com o pai e rei. Mas ele não se importava. Não tinha mais forças para seguir o protocolo. – E eu *estou* aqui para me casar, pai. Então por que eu deveria participar desta farsa? Por que não me poupar pelo menos deste tormento? Eu preferiria não escolher o método de minha execução. Eu deixarei que você escolha aquele mais humano.

O rei Atef estremeceu ao ouvir aquela analogia.

– Esse é o problema. Muitas candidatas possuem prós e contras que se anulam. É sua preferência pessoal que pesará a favor de uma delas.

– Você acha que eu ligo se vou ser morto por um tiro, eletrocutado ou esquartejado? São todas iguais e intercambiáveis para mim. Escolha uma e pronto.

– Agora você está exagerando. Todas as candidatas são jovens admiráveis. Belas, sofisticadas, cultas e agradáveis. Você vai acabar gostando de sua noiva e pode até se apaixonar por ela.

– Como o seu amor pela rainha Sondoss? Como você amou minha mãe?

A expressão de seu pai enegreceu. O melhor que ele tivera com a mãe de Shaheen fora uma coexistência pacífica. E, da rainha Sondoss, uma franca hostilidade era tudo o que ele podia esperar em um dia bom.

– Pense em Aliyah e Kamal. Acredito que ninguém possa ser mais feliz do que eles.

– Não fale deles, pai. Eles já estavam apaixonados quando se casaram. As circunstâncias os separaram, e, felizmente, os uniram de novo.

Os olhos de seu pai marearam. E, então, ele abandonou sua compostura real.

Restara apenas um pai amoroso que parecia estar sofrendo por não poder salvar o filho.

– Não consigo expressar o quanto lamento por você precisar seguir os meus passos. Mas não há outra forma. E é por isso que estou pedindo que preste atenção nas candidatas. Pelo menos, você tem mais de uma para poder escolher. Não pude sequer argumentar na escolha de sua mãe ou de Sondoss. Você pode ter mais sorte e encontrar alguém que seja compatível com você entre as dezenas de candidatas.

Shaheen cerrou os dentes. Ele já havia encontrado alguém compatível com ele em todos os sentidos.

Gemma obviamente não pensara o mesmo. Ela sequer pensara que valia a pena se despedir dele.

Ele se absteve de dizer alguma coisa. Seu pai teria que lançar os dados e decidir o destino do filho.

Finalmente o rei desistiu e foi embora, passando por ele com passos pesados.

Shaheen o observou, a compaixão vibrando por entre a morte que lhe consumia.

Seu pai não tivera uma vida fácil. Certamente infeliz. Shaheen crescera acreditando que seu pai jamais conhecera a felicidade ou o amor além daquele que sentia pelo trabalho ou pelos filhos. Foi só há alguns anos que se descobriu que ele uma vez provara dessa felicidade e desse amor por uma mulher. Anna Beaumont.

Ele tivera um caso com ela durante sua separação da rainha Sondoss, dois anos depois do nascimento de Haidar e Jalal. Anna engravidara, e seus esforços para acabar com o casamento dele com Sondoss falhara. E, embora isso quase o tivesse destruído, ele deixara Anna, dizendo que nunca mais poderia ficar com ela devido à ameaça de guerra com o reino de Sondoss, Azmahar, e que era imprescindível que ela abortasse aquela criança.

Mas, em vez de fazer isso, Anna colocara o bebê para adoção. A tia de Shaheen, Bahiyah, que sabia secretamente do caso do irmão, adotara Aliyah e passara a criá-la como sendo dela.

Muitos anos depois, enquanto se recuperava de um ataque cardíaco, o rei procurara Anna novamente e descobrira a verdade. Fora uma descoberta conveniente, pois outro conflito na região só poderia ser resolvido se a filha do rei Atef se casasse com o rei de Judar. Agora, Aliyah era a adorada mulher do rei Kamal e a amada rainha de Judar, e Anna Beaumont se tornara uma presença constante na vida de Aliyah e, por associação, de seu pai.

Shaheen acreditava que aquilo aumentara ainda mais a infelicidade do pai. Porque ele jamais poderia ter a única mulher que amara e, como Shaheen suspeitava, ainda a amava.

Ele e o pai tinham isso em comum também.

Shaheen manteve os olhos fixos nos ombros caídos do pai enquanto se aproximava de seu destino e se preparou para entrar no salão cerimonial.

As luzes e o barulho pareceram aumentar com a chegada deles, mas ele não conseguia registrar a magnificência ao seu redor ou além da escuridão e da fealdade dentro de si.

De repente, todos os pelos de seu corpo se arrepiaram.

E agora?

Seus olhos percorreram o salão, procurando pela fonte do distúrbio que lhe acometera. Era como se um laser estivesse atravessando suas entranhas.

Então o mundo parou abruptamente.

Seu coração quase explodiu de perplexidade.

Lá, no canto mais distante do salão...

Gemma.

CAPÍTULO CINCO

A MENTE de Shaheen entrara em colapso. Tinha que ser.

Estava vendo coisas.

Ele engoliu o choque que se acumulara na garganta, estremeando quando ele despencou como um tijolo no estômago.

Shaheen estava vendo Gemma.

Ele fechou os olhos.

Abriu-os. Ela ainda estava lá.

– Shaheen, por que você parou?

A preocupação de seu pai parecia estar a metros de distância. Gemma, que estava do outro lado dos sessenta metros do salão, parecia estar a apenas alguns centímetros.

O olhar dela capturou o dele como na primeira vez, cheio da mesma intensidade, da mesma consciência. Faltava uma coisa. Espanto.

Claro. Ela esperava vê-lo. Não havia nenhum elemento de surpresa desta vez. Mas havia algo mais em sua expressão. Apreensão. Aversão, até.

Ela estava tão apreensiva assim em vê-lo? Então por que estava lá?

A relevadora questão atingiu-o com mais força do que o choque por ela estar ali.

Como ela estava ali? Em Zohayd, no palácio, na cerimônia?

Ele sentiu que estava se movendo novamente, seu corpo ativado e guiado pela mão do pai em seu braço, conduzindo-o para o meio da multidão reunida para assistir ao seu sacrifício.

A movimentação forçou-o a abandonar o contato visual com Gemma. Ele tentou obter outro caminho direto até ela. Mas ela já se evadira, escondendo-se dele.

A frustração fervilhou dentro dele. Dúvidas. A ânsia de abrir caminho pela multidão tomou conta dele, de empurrar todos do caminho até encontrá-la. Ele se imaginou colocando-a sobre o ombro e fugindo pelo palácio até seus aposentos, onde a pressionaria contra a primeira parede e a devoraria.

Não era consideração pelos convidados de seu pai, as pessoas mais influentes de Zohayd e da região, que o impedia. Era o distanciamento dela. O fato de ela não tê-lo desejado como ele a desejava. O que quer que a tivesse trazido até ali, não era ele.

Por um tempo interminável, ele respondeu quando se dirigiram a ele, monossílabos que achava vagamente serem apropriados, cumprimentou e sorriu para rostos femininos ávidos e seus familiares bajuladores, o tempo todo tentando avistá-la, desesperadamente tentando fazê-la olhar para ele de novo.

Em um momento, seu irmão mais velho, Harres, apareceu ao seu lado.

– Você parece meio avoado, mano. Ficou chapado para aguentar tudo isso?

Shaheen sentiu a necessidade de atingi-lo.

– E daí se eu fiquei, senhor Ministro do Interior Imune-a-este-destino-abominável?

Harres sorriu.

– Eu me ofereci de novo para me casar. Disse a eles que, diferente de você, eu não ligo se me caso ou não, e certamente ficaria neutro em minha posição, já que eu nunca me afeiçoaria a nenhuma esposa que eles me arranjassem. Mas eles, ainda assim, recusaram.

A agressividade de Shaheen se esvaiu. Harres *tentara* ficar em seu lugar novamente. Ele o pouparia se pudesse.

Shaheen suspirou.

– Eles sabem que você se afeiçoaria aos seus filhos.

Harres encolheu os ombros.

–Talvez. Provavelmente. Não sei. Não consigo me imaginar como um marido, que dirá como um pai. – Ele passou um braço sobre os ombros de Shaheen e lhe deu um abraço de consolação, os olhos dourados como os do pai brilhando de empatia. – Eu teria feito qualquer coisa para livrar-lhe disso.

“*Ah*, eu sei”, pensara Shaheen.

Ele avistou novamente Gemma em meio à multidão animada e deu um passo involuntário como se para forçá-la a notá-lo, para ressuscitar o desejo dela.

– E *eu* sei para quem você está olhando. Quem imaginaria que a nossa pequena Johara se tornaria um espetáculo?

As palavras de Harres não faziam sentido. Teria a mente de Shaheen começado a se deteriorar por causa do estresse?

Shaheen encarou Harres, *vendo-o* pela primeira vez desde que começaram a conversar, o cavaleiro implacável a quem o reino confiara a segurança e quem fizera o melhor trabalho da história. Uma expressão abrandou aqueles traços talhados pelo clima do deserto. Uma gentileza rara, uma indulgência orgulhosa.

– Do que você está falando?

– A visão em dourado lá. Nossa Johara... Ou melhor, a *sua* Johara, toda crescida. Harres acenou com a cabeça na direção de Gemma. – Você não olhou para nenhum outro lugar desde que entrou no salão. E não posso culpá-lo. Fiquei boquiaberto por uns bons dez segundos quando Nazaryan me cumprimentou com ela ao lado. Quem diria, hein?

Shaheen fitou Harres como se o irmão tivesse começado a falar em uma língua que ele jamais ouvira.

– Nazaryan?

Harres estalou os dedos em frente ao rosto do irmão.

– Acorda. Você está me assustando.

Shaheen balançou a cabeça novamente.

– O que você quer dizer com Nazaryan?

– Berj Nazaryan, nosso joalheiro real, o pai dela.

Os olhos de Shaheen se desviaram dos de Harres, tão letárgicos e frustrados quanto seus pensamentos, e seguiram a direção do meneio anterior.

Gemma era a única naquela direção vestida em dourado. Harres estava falando dela. E ele a chamara de... chamara de...

Johara.

A bolha de incompreensão estremeceu dentro de Shaheen. E então estourou.

Gemma era Johara.

O choque se expandiu dentro dele como um cogumelo atômico.

A misteriosa Gemma era Johara. A filha de Berj Nazaryan. Irmã de Aram. A menina que ele conhecia desde que ela estava com 6 anos de idade. Que virara a sua sombra desde o dia em que a pegara no ar em uma queda de nove metros.

É claro que ele sentira que a conhecia desde sempre. Ele *realmente* a conhecia. Ele a *tinha* reconhecido no primeiro olhar, mesmo que inconscientemente.

E pudera. Ela não se parecia em nada com a garota de 14 anos que ele vira da última vez. Magricela, com óculos e aparelho nos dentes e sem a habilidade de manejar sua feminilidade da maneira como as garotas em Zohayd aprendem desde muito cedo. Ela não só descobrira seu potencial, como também se tornara o oposto daquilo que fora.

Ele balançava o corpo, assimilando a revelação atômica. Apenas a mão de Harres em seu braço o firmava.

Em meio à tempestade que o abalava, ele tentou responder a pergunta preocupada de Harres:

– Não, eu não preciso de ar. Estou bem.

Mas ele estava tão longe de estar bem que poderia estar em outro planeta. Talvez nunca ficasse bem novamente.

Ele levou Johara para a cama.

Ele a possuía, em todos os sentidos, repetidamente.

E, quando ele pensou que o espanto não poderia dominá-lo ainda mais, seu olhar capturou aqueles incríveis olhos negros novamente. E a peça final do quebra-cabeça encaixou-se. Foi a primeira coisa que ele entendeu ao perceber quem ela realmente era.

Ele poderia não tê-la reconhecido, mas ela sabia quem ele era desde o primeiro instante. Ela dera pistas suficientes. Depois, ainda contara tudo sobre si mesma, o que se somara ao que ele *já* sabia sobre a história de sua família, mas sem os nomes, datas e lugares.

E, quando ele não percebera nada, tão impressionado por ela que não fora incapaz de conectar os gigantescos pontos, ela escolhera deixá-lo no escuro. A apreensão que ele sentia vindo dela deveria ser a ansiedade por sua reação, agora que sabia que ele finalmente compreendera tudo.

– Agora que já conheceu suas potenciais noivas, como está o seu estômago?

– Podemos dar dicas de quem *não* escolher?

Shaheen virou-se confuso em direção àquelas vozes femininas musicais e doces. Aliyah e Laylah se aproximaram dele, abraçando-o dos dois lados e beijando suas bochechas ao mesmo tempo, os rostos delicados transbordando de vitalidade e *joie de vivre*.

Ele automaticamente abraçou e beijou-as de volta enquanto as ramificações do que acontecera entre ele e Gemma... *Johara* se expandiam dentro de si, esmagando seus órgãos.

– A bela vestida em esmeralda ali, com o incrível cabelo preto até os pés?

– Laylah beliscou a bochecha dele divertidamente enquanto virava sua cabeça na direção da mulher que descrevia, antes de voltá-la rapidamente para si. – Nem olhe para ela de novo. Seus inacreditáveis cachos se transformarão em serpentes na primeira oportunidade.

– E a ruiva logo ali. – Aliyah orientou o olhar de Shaheen para a mulher de quem falava com mais tapinhas discretos na bochecha dele. – Corra se encontrá-la novamente. Ela tem escamas e cospe fogo em um raio de um quilômetro.

Harres riu.

– Se vocês estão tentando fazer Shaheen se sentir melhor, estão fazendo isso de um jeito muito bizarro.

Laylah cutucou o abdômen de Harres com o cotovelo, provocando.

– Ei, estamos salvando-o de colher a flor mais linda e acabar sendo devorado vivo.

– Agora que vocês eliminaram as flores mais belas, suponho que vocês achem que ele deva escolher entre as mais feias.

Aliyah estremeceu, horrorizada.

– Ah, não, *aquela* ali também é um monstro, sem a vantagem de ser bonita de se olhar. O que há por dentro também está por fora no caso dela. Na verdade, nós diminuimos suas escolhas para duas.

Harres fez um som de puro sarcasmo.

– Não me digam. As candidatas com as qualidades *menos* monstruosas.

– Na verdade, elas são muito decentes. Uma não é tão educada e experiente como Shaheen preferiria, mas acreditamos que ela possa se tornar, sendo esposa dele. A outra é realmente interessante, mas não tem muito senso de humor. Novamente, com Shaheen como marido, ela definitivamente desenvolveria um.

Shaheen sentia como se estivesse em um episódio de *Além da imaginação*, esperando ouvir uma faixa de áudio com risadas explodir ao fundo a qualquer momento.

Ele pigarreou.

– *Shaheen* está aqui – disse. As duas mulheres apertaram-no de novo, a timidez cobrindo suas expressões. – Obrigado, minhas queridas, por analisarem meus pesadelos nupciais como só duas damas distintas conseguiriam. Escrevam suas escolhas e entreguem para meu pai. Mas se ele decidir que um dos monstros é melhor para as negociações, é com ela que eu ficarei. De qualquer forma, minha vida do jeito que conheço e desejo acabou. Assim, como eu disse ao meu pai anteriormente, não importa o tipo de catástrofe na qual minha vida terminará.

O horror despertou nos olhos de Aliyah e Laylah, suas expressões se contorceram em desgosto. Elas realmente não perceberam o quanto Shaheen odiava aquilo e estavam mortificadas por não terem percebido sua angústia e por terem tirado sarro da situação.

– Oh, Shaheen, eu não sabia que você estava...

– Oh, Shaheen, eu não percebi...

O foco dele voltou-se para sua captora, para Gem... para *Johara*. Os olhos dela fugiram em disparada no momento em que encontraram os dele. Ela estivera observando-o.

Uma bolha de agitação e alegria estourou dentro dele.

Ela podia estar evitando-o, mas ela *queria* olhar para ele, e olhava sempre que podia.

O celular de Harres tocou.

Ele atendeu. Após algumas frases curtas, ele virou-se para Shaheen.

– Desculpe abandoná-lo. Mas algo está acontecendo em nossas fronteiras. Pode levar horas ou até dias para ser neutralizado.

Shaheen concordou, aceitou o abraço apertado de Harres e observou-o abraçar as mulheres e se afastar apressado.

Ele olhou para as inquietas Aliyah e Laylah, com um sorriso calculado nos lábios, embora seu coração se contorcesse dentro do peito.

– Que tal vocês expiarem seus pecados concedendo a este condenado um último pedido?

Ambas se exaltaram, suas vozes se entrelaçando com promessas, se isso o fizesse sentir-se melhor.

– Lembrem-se de Johara Nazaryan?

Ambas olharam para Johara.

– Ah, sim – disse Laylah. – Minha mãe costumava me arrastar para longe sempre que eu tentava falar com ela. Agora, olhem só, estão rodeando Johara como se ela fosse uma estrela de cinema.

Aliyah forçou um sorriso.

– Não só a sua mãe. Todas as mulheres e conhecidas da família que nunca ousaram falar com ela ou com a mãe dela agora estão se matando para ser rerepresentadas.

Laylah riu.

– Que suas almas superficiais sejam abençoadas. Elas nunca reconheceram a mulher elegante e talentosa que Jacqueline Nazaryan era, ou a garota doce que era Johara. Mas, agora que Johara se tornou a nova estilista mundialmente famosa, todas querem a chance de ser a primeira a usar seus modelos exclusivos.

Shaheen piscou, notando as pessoas ao redor de Johara pela primeira vez. Mulheres que a trataram com condescendência ou com a mais desdenhosa cortesia por ela ser membro de uma família importante de empregados, agora a tratavam não só como semelhante, mas como uma celebridade.

Mas era o comportamento dos homens que fazia a raiva ferver dentro de Shaheen. Muitos a paqueravam abertamente e cobiçavam sua atenção. Os músculos dele se enrijeceram enquanto cada célula territorial de seu corpo se preparava para uma batalha até a morte por sua parceira.

Sim. Não importava o que ela fizera ou o quão impossível era tudo aquilo, seu corpo, seu ser, consideravam-na sua parceira. E não aceitavam nada mais.

Aliyah voltou-se para Shaheen.

– Sobre Johara?

Sua convicção abrasadora parecia forçar o olhar de Johara para si. Ele murmurou, sua voz grave e faminta:

– Tragam-na até aqui.

SHAHEEN ESTAVA prestes a explodir.

De frustração.

Passaram-se duas horas desde que ele pedira a Aliyah e Laylah para que arrancassem Johara de seus novos fãs raivosos e a trouxessem até ele.

Depois de uma leve surpresa, as duas mulheres, que obviamente não estavam cientes da seriedade da situação que necessitava de um casamento político, acharam aquela uma ideia brilhante.

Elas partiram em busca de Johara enquanto dezenas de pessoas cercaram Shaheen novamente. Ele as afastou tentando acompanhar os esforços das duas mulheres.

Após serem tragadas pela areia movediça de intrincados movimentos da Corte, as duas mulheres pareciam ter perdido Johara para outra onda de fãs afoitos, até que ela saiu do salão.

Ele não tinha dúvidas de que ela as despistara para escapar. E não tinha ideia para onde ela fora, nem mesmo se iria ficar em Zohayd.

Quando conseguiu se libertar, ele podia escolher entre interrogar os guardas e os empregados, fazendo com que a notícia de que estava procurando por ela se espalhasse como um incêndio por todo o reino, ou inspecionar ele mesmo cada suíte de convidados no palácio e causar um escândalo ainda maior para seu pai – e o pai dela.

Ali estava ele, caminhando por seus aposentos, a ponto de dar um soco em uma parede.

Ele não poderia deixar que Johara o evitasse. Ele precisava confrontá-la. Pelo menos por um minuto.

Planos ricocheteavam em sua mente, cada um mais absurdo que o outro, quando uma batida ecoou vinda da porta do apartamento.

– Vá embora – ele rosnou com toda força.

Ele achava que o infeliz procurando-o naquele momento tivesse ouvido sua ordem, quando ouviu outra batida mais urgente.

Shaheen correu para a porta e escancarou-a, pronto para acabar com quem quer que fosse.

E ali estava ela. Gemma. Johara.

Parada diante dele, usando um vestido dourado que ecoava o esplendor e os inacreditáveis tons de seu cabelo, ela fitava-o com ansiedade e um tremor nos lábios suculentos e delicados.

– Shaheen...

Ele não deixou que ela dissesse mais nada.

Shaheen a agarrou com a mesma velocidade e determinação que há duas décadas. Ele a trouxe para o quarto, sentindo como se seus pés mal tocassem o chão, tamanho seu desespero em tê-la contra seu corpo, debaixo de corpo, em *estar* com ela.

A realidade fundiu-se em uma cena de sonho. Gemma, Johara, em seus braços, a doce respiração dela combinando-se com a sua, seus lábios chocando-se desesperadamente contra os dela, seu corpo acariciando o dela, seu calor e sua ânsia envolvendo-a.

Mas dúvidas o consumiam, abrindo um buraco em suas entranhas tão grande quanto aquele deixado em seu coração quando ela partira. Por que ela ocultara a verdade dele, por que ela o deixara daquele jeito, por que ela escolhera aquele momento para voltar, e o mais importante: ela voltara para ele?

Nada saiu de sua boca, a não ser um agonizado:

– *Como você pôde?*

O corpo dela estremeceu, como se as palavras a tivessem chamuscado. Ela então se afastou, afundando o rosto na cama.

– Você está bravo.

– Bravo? – Ele se ergueu sobre um cotovelo, observando o perfil trêmulo dela. – Você acha que estou *bravo*?

– N-não. – As lágrimas que brilhavam nos olhos dela brotaram, escorrendo sobre a face e formando um rastro úmido até os lábios inquietos. – Você está mais do que bravo. Você está enfurecido. E indignado. E você tem o direito de sentir-se assim.

– Nada disso. Eu estou... estou... – Ele sentou-se e passou as mãos pelo cabelo, quase os arrancando. – Eu ainda não acredito que você fez isso comigo.

– Desculpe-me. Eu sei que deveria ter dito quem eu era...

– Sim, você deveria. Mas não me refiro a isso. Como você pôde me abandonar daquele jeito? Você imaginou como eu me sentiria? Eu me senti... – Ele pausou enquanto ela se virava hesitantemente para encará-lo e

procurou pelas palavras para descrever o desespero e a desolação que sentira após o desaparecimento dela. Mas nada veio à mente, exceto uma expressão, afiada como uma navalha. – *De luto.*

Ela recuou como se tivesse levado um tiro. A emoção desfigurou seu rosto, e mais lágrimas jorraram.

Ele a observou, paralisado pela enormidade da angústia que emanava dela, e então a tocou, ainda temendo encontrar apenas o ar. Ele gemeu lembrando sua angústia enquanto a apertava com mais força contra o corpo, perdendo a habilidade de respirar ao sentir o precioso corpo dela preencher seus braços vazios, quando se desesperou achando que nunca mais iria tê-la tão perto assim.

– Nunca quis que nada disso acontecesse. – Ela soluçou no ombro dele. – E-eu fui à festa pra ver você, mas nem sonhara que você não iria me reconhecer. Mas, quando você não... Quando você ficou...

Ele se afastou para apreciá-la, para preencher seus olhos com a realidade, sua proximidade, e enroscou os dedos em seu cabelo.

– Fiquei o quê? Devorando você com os olhos? Fora de mim, cheio de desejo?

– Nunca imaginei que as coisas poderiam chegar tão longe. Pensei que o veria mais uma vez antes de se casar e que eu não tinha mais o direito de... de... Eu deveria ter contado quem eu era, mas sabia que se eu contasse você hesitaria e me trataria como uma velha conhecida, e eu não conseguiria desistir de você. Se eu lhe contasse, você certamente não teria feito amor comigo. Então eu não contei, e e-eu o prejudiquei. E tive que ir embora antes que eu causasse algo pior.

Shaheen a encarou, a vida inundando-lhe novamente.

Por *isso* Johara partira. Ela achara que tinha que partir. Pelo bem dele. Tinha sido tão mágico para ela quanto tinha sido para ele.

Mas uma coisa interrompeu sua alegria. A mortificação, a culpa dela.

Ele tomou-lhe as mãos, cobrindo-as de beijos.

– Você está errada, minha Gemma, *ya joharti*, minha Johara. Você não me prejudicou. Você me energizou, me estabilizou. Você me liberou e me alegrou. E você estava errada sobre suas dúvidas também. Eu posso ter hesitado quando descobri quem você era, mas por surpresa, pois nada teria me impedido de ter você. Nada além de você mesma, se não me quisesse.

As lágrimas dela pararam abruptamente, o remorso escurecendo seus olhos e então se abrindo para a fragilidade da descrença, o alívio e, finalmente, o esplendor da felicidade.

O coração de Shaheen se expandiu, seu mundo endireitando-se. Uma das mãos por trás da cabeça dela e outra por trás das costas a trouxeram para mais perto, encaixando seu corpo ao dele, a metade que ele sentia ter sido arrancada de si.

– Mas você me desejava – ele murmurou na boca dela, saboreando-a, dando beijos e mais beijos naqueles lábios úmidos. – E ainda me deseja.

Ela gemeu, abrindo-se para ele, deixando-o alcançar seus recantos, a mais potente confissão de um desejo. Ele a tomou e entregou-se ainda mais, ciente de uma coisa: sua Johara estava de volta. E ele planejava mantê-la ali e nunca mais deixá-la partir.

Ele confessou:

– E eu nunca deixarei de desejá-la.

MAS ELA não estava ali para isso.

Não importava que ela estivesse morrendo por ele, definhando por privação.

Ela mergulhou os dedos nas ondas vitais do cabelo dele, tentando puxá-lo para que ele a deixasse tomar um fôlego que não passasse pelos dois corpos. Antes que ele a submergisse mais afundo naquele oceano de prazer, mergulhasse-a na união de ambos. Mas ela falhou.

Como se sentisse o esforço da luta dela, ele afastou os lábios demoradamente, levantando-se para olhá-la com olhos cheios de ternura e feroz possessão.

– O que foi, *ya joharti*? Seu coração está batendo tão forte que posso senti-lo dentro do meu peito.

– N-não é por isso que eu vim até aqui, Shaheen. Eu queria me explicar, dizer adeus...

– Não haverá nenhum adeus ente nós, *ya galbi*. Nunca.

Antes que ela pudesse gritar que haveria, os lábios dele tomaram os dela novamente.

E ela se afogou. Nele, na própria necessidade, em um mundo no qual só ele existia e importava. Ela deixou-se afundar, prometendo para si mesma

que essa seria a última vez...

– Desculpe-me. Eu bati. Várias vezes.

Johara se assustou com as desculpas que vieram de muito, muito longe, estilhaçando o casulo que os envolvia. Ela estremeceu e sentiu o corpo de Shaheen se enrijecer sobre ela.

– Saia daqui, Aliyah.

O silêncio encontrou seu grito, seguido por uma inspiração angustiante.

– Sinto muito, Shaheen, mas isso não pode esperar.

Johara se contorceu de novo quando as tensas palavras de Aliyah fizeram o mundo real cair sobre ela como uma avalanche.

Ela estava por baixo de Shaheen, com o vestido levantado até a cintura. Suas pernas abertas acomodavam o tronco dele, as mãos dele seguravam suas nádegas por baixo da calcinha, e o membro dele pressionava o corpo dela. O vestido pendia por um ombro, expondo metade de um seio que acabara de ser sugado.

A vergonha tomou conta dela, ainda mais porque a excitação que percorria seu corpo ainda não diminuía. Ela não teria conseguido fugir do quarto, mesmo se não estivesse presa pela corpulência de Shaheen. Ela não conseguia se mover.

E nem precisava. Shaheen a libertou tranquilamente, realinhando as roupas dela com um imenso cuidado. Então, ele a ajudou a levantar-se e a arrumar o cabelo, massageando gentilmente suas feições.

Com um último olhar de confiança e um último longo beijo, ele voltou-se para a irmã.

Aliyah desculpou-se com Johara por um olhar. Estava claro que ela tinha um motivo imprescindível para estar ali. Um que ela não podia revelar na presença de Johara.

Vendo esta situação infeliz como uma oportunidade de escapar, Johara apressou-se para ir embora.

A mão de Shaheen a deteve.

– Por favor, Shaheen – ela sussurrou, esperando que Aliyah, que saía discretamente do caminho, não pudesse ouvi-la. – Deixe-me ir. Eu partirei em breve, e você nunca mais me verá, desta vez para sempre. Eu imploro, pelo tempo que eu precisar ficar em Zohayd, que fique longe de mim.

Ele então foi embora, juntando nas mãos as camadas pesadas do vestido de seda para que suas pernas trêmulas não se enroscassem nas dobras.

Mesmo assim, ela quase caiu de cara quando ouviu a voz dele, intensa, grave, permeada de voracidade e determinação.

– Não há como eu ficar longe de você, *ya joharti*.

CAPÍTULO SEIS

– **É** MELHOR que isso seja importante, Aliyah.

Shaheen ouviu a irritação cortante na própria voz enquanto fechava a porta. Ele permaneceu ali, vibrando com a necessidade de sair correndo atrás de Johara. Em vez disso, virou-se para Aliyah. Ele nunca ficara chateado com ela na vida, mas estava furioso naquele momento. Não porque ela interrompera a entrega dele e de Johara à profunda ligação que ambos possuíam ou porque ele estava fervendo de frustração, mas porque a intrusão dela aborrecera Johara, e lhe dera outro motivo para se afastar.

Johara evidentemente sabia da gravidade da situação, como a maioria das famílias que trabalhava nas áreas mais íntimas do palácio geralmente sabia. E ela tinha sentimentos extremos sobre prejudicá-lo. Ela faria ambos passarem pelo inferno se fosse preciso para não comprometê-lo. Aliyah testemunhar o amor entre eles era a exposição final.

E, além de lutar contra o mundo todo por ela, ele agora precisava lutar contra as angústias dela também. Precisava convencê-la a parar de tentar fazer o que achava que fosse certo para ele, a deixá-lo se preocupar com os próprios problemas, a perceber que as intenções dele eram de que ficassem juntos.

– Na verdade, é algo ruim. Muito ruim – Aliyah finalmente respondeu, séria.

Apesar da situação e do que ela acabara de dizer, o coração dele amolecera de amor e admiração por ela.

Aliyah tivera a vida mais dura dentre todos da família e havia triunfado contra todas as impossibilidades. Ele ainda não conseguia acreditar em como ela se recuperara de um vício em medicamentos controlados causado por diagnósticos equivocados e por seus pais superprotetores, como ela decidira encarar seu problema e o mundo sozinha, ainda aos 16 anos. Nunca deixara de ser um prazer vê-la tão saudável, vê-la desabrochar dia a dia com o amor de Kamal, ser cada vez mais feliz com a bênção de duas crianças, além de ser uma das rainhas mais amadas do mundo.

Aliyah parou diante dele, sua perturbação mais óbvia de perto. Apontou para ela mesma:

– Vê algo errado aqui?

– Em você? – Ele a segurou pelos ombros, seus olhos analisando-a fervorosamente. – Você... – Ele se interrompeu, engolindo a bola de pânico que de repente bloqueara sua garganta. – Você está bem?

Ela estendeu a mão rapidamente diante do rosto dele.

– Ah, estou bem. Não é sobre mim. É sobre elas.

O olhar de Shaheen seguiu a mão dela, pousando no magnífico colar de diamante e pedras precisas que adornava seu pescoço esguio. Brincos combinando com ele pendiam sobre seus ombros, e um elaborado bracelete-anel enfeitava seu pulso.

– O que têm elas? – perguntou Shaheen, mistificado. – Além de ficarem ainda mais incríveis com a sua beleza exibindo-as?

– Papai me entregou essas joias para que eu as exibisse hoje. Elas são parte do *Orgulho de Zohayd*. – Shaheen concordou. Ele as reconhecera como parte das joias reais, o principal tesouro nacional de Zohayd. – Eu deveria devolvê-las logo em seguida, como você sabe, mas eu...

– O quê? Você... as danificou?

Se ela as tivesse danificado, Berj Nazaryan as consertaria, não havia ninguém melhor no mundo do que ele para isso.

O olhar dela tornou-se sombrio.

– Não. Descobri que elas são falsas.

Ele a encarou boquiaberto.

Falsas. *Falsas*.

O mundo girou, ganhando força, até catapultá-lo em direção às joias para inspecioná-las.

Ele a olhou confuso.

– Elas parecem as mesmas.

– Essa é a ideia das boas falsificações. E estas aqui são *incríveis*.

Shaheen tentava encontrar a lógica da situação.

– Mas você não é uma especialista. E provavelmente não as tinha usado antes.

– Eu fiz muito mais do que usá-las. Lembra-se de que eu estava quase catatônica quando era jovem? Bem, meus terapeutas recomendaram que eu tivesse um escape criativo como parte da minha “terapia”. Eu queria pintar, e a única coisa que eu queria pintar eram as joias. Bahiyah, minha mãe, me levava regularmente até os cofres para pintá-las.

Então ela conhecia as joias intimamente.

A negação substituiu a lógica.

– Mas isso faz muito tempo.

– O tempo não faz diferença para a minha memória fotográfica. Discrepâncias minúsculas saltaram à minha vista quando eu dei uma boa olhada nelas. Mas, sem compará-las com fotos detalhadas das originais, tenho certeza de que ninguém mais notaria. Ninguém além de especialistas, claro.

Shaheen sentiu o pavor congelar seu corpo. Ele já vira evidências da memória infalível dela. Sendo uma profissional extremamente talentosa, Aliyah a usava para produzir pinturas excepcionalmente detalhadas.

Se ela achava que as joias eram falsas, então elas eram.

Seus ombros curvaram-se sob a enormidade da convicção.

– Meu primeiro instinto foi contar isso para Harres. Tentei ligar para ele, mas ele está incomunicável. Então pensei em Amjad, já que ele é o mais velho de nós, mas então percebi que deveria contar primeiro a você. Por enquanto.

Ele piscou. Nada mais fazia sentido.

– O que você quer dizer?

– Minha decisão foi baseada na sua antiga conexão com Johara e no interesse especial que você demonstrou por ela esta noite. Mas então vim aqui e descobri que era muito mais que um interesse especial. Esta não foi a

primeira vez que isso aconteceu entre vocês. Eu pude notar. A paixão, a intensidade do envolvimento entre vocês, quase me queimou a seis metros de distância. Vocês estão juntos, não?

– Você... – Shaheen balançou a cabeça, ainda tentando assimilar aquelas revelações. E suposições. – Você acha que Johara tem algo a ver com isso?

Aliyah encolheu os ombros.

– Honestamente, não sei o que pensar. Berj e Johara não só estão entre as poucas pessoas com acesso às joias, como também estão entre as poucas pessoas no *mundo* capazes de falsificá-las. E aí ela reaparece subitamente em Zohayd e no palácio.

O torpor de Shaheen evaporou com a feroz necessidade de defender Johara.

– Ela voltou para *mim*.

A desconfiança de Aliyah transparecia no olhar.

– Foi o que ela disse a você? – Ele a encarou desamparado, pois Johara não dissera aquilo. Aliyah continuou, sua voz ainda mais comedida. – Ela voltou há três semanas, eu estava aqui visitando minha mãe no dia em que ela chegou. E eu a encontrei. Ela disse que tinha voltado para ver o pai dela. O pai que resignara de seu posto como joalheiro real pouco antes da recepção.

Ela ficou em silêncio, e Shaheen sentiu como se jamais fosse falar novamente.

Quando o silêncio tornou-se insuportável, ela suspirou.

– Também não consigo acreditar que algum deles faria uma coisa dessas. Mas, ainda assim, quem sabe o que estava se passando com Berj? Minha mãe me contou hoje à noite que ela não se surpreendeu quando ele se demitiu, que ele já não era mais o mesmo há algum tempo. Disse que ele estava cada vez mais taciturno, reservado, apático. E então teve um ataque cardíaco.

O novo choque fez sua voz voltar.

– *Ya Ullah*, quando?

– Três meses atrás.

– Por que você não me contou? – Berj, o homem infinitamente gentil e paciente, o artista surpreendentemente criativo, sempre fora uma das pessoas mais queridas de Shaheen. Ele o amava mais do que qualquer um de seus tios.

– De acordo com minha mãe, ele fez papai prometer que não contaria a ninguém, nem mesmo a Johara – ela garantiu. E completou, relutante: – Talvez ele tenha sentido a mortalidade, soubera que não poderia trabalhar por muito mais tempo. Ou talvez nossos inimigos o subornaram.

– Oferecendo o quê? Segurança financeira? Você acha que o rei não recompensou sua dedicação de duas décadas à nossa família mais generosamente do que qualquer um poderia? Embora o trabalho nunca tenha sido só pelo dinheiro para Berj, ele pode agora viver sua aposentadoria com luxo e livre de preocupações. E, se não quiser, ele pode abrir seu próprio negócio. Ele nem possui dependentes. Toda a família dele é financeiramente independente.

– Ele pode ter algum problema que tenha exaurido seus fundos. Apostas, por exemplo. – Aliyah deu de ombros. – Estou tão confusa quanto você. Só estou dizendo que ele não era mais o mesmo ultimamente. E Johara se transformou em outra pessoa fisicamente. Talvez ela tenha se transformado em outra pessoa psicologicamente também e...

Ele explodiu, mostrando sua incondicional confiança em Johara.

– *Não*. Não, ela não mudou. Ela ainda é a nossa Johara. A *minha* Johara.

Aliyah o encarou com a mesma cautela que ela teria ao olhar para um tigre enfurecido prestes a atacar.

– Eu nunca a conheci propriamente, mas sempre senti boas vibrações vindas dela. Eu a encontrei novamente naquele dia há três semanas e esta noite. Eu gostei dela logo de cara, ainda mais agora, que somos duas adultas. Mas, embora eu não a veja como uma manipuladora, eu sinto que ela está escondendo algo. Algo grande.

– É o relacionamento dela comigo.

– Não. Senti isso novamente agora mesmo, quando não havia... mais nada a ser escondido sobre *isso*.

Ele a encarou furiosamente.

– Você não vai me fazer duvidar dela.

– Só estou lhe apresentando os fatos. Odiaria pensar algo ruim de Berj e Johara, quanto mais algo tão ruim assim, mas, neste momento, não consigo pensar em outra explicação.

– *Existe* outra explicação. Tudo o que você mencionou são evidências circunstanciais. Nada mais.

– É verdade. Mas não podemos ignorar nenhuma possibilidade. Isso é muito sério, Shaheen. O destino da casa real, do reino inteiro, depende disso.

O silêncio castigou-os novamente.

Por fim, Aliyah respirou fundo.

– O que devemos fazer?

– *Você* devolverá as joias como se não tivesse percebido nada. E *não* dirá nada a ninguém, principalmente a Amjad e a Harres. Dê-me alguns dias para pensar em algo.

– Tem certeza, Shaheen?

Não houve hesitação em sua resposta.

– Sim.

Aliyah mordeu o lábio, a preocupação estampada no rosto.

– Eu quis dar a você uma chance de resolver o problema. Mas isso foi antes de encontrar você com Johara. Você está apaixonado por ela, não? – Shaheen confirmou com a cabeça. Ele estava. Irrevogavelmente. Ela suspirou. – Tem certeza de que consegue lidar com isso? Acha que vai conseguir ser objetivo?

Aquilo não era digno de resposta para Shaheen.

– Prometa que vai deixar que eu resolva isso, que eu recrute Harres e Amjad como eu bem entender.

– Você vai procurar por provas de que Johara e Berj não estão envolvidos nisso, não vai? Mas e se não encontrar nenhuma? E se não tivermos tempo suficiente para a sua investigação?

– Nós temos tempo.

– Como você sabe disso?

– Pense, Aliyah. Os falsificadores provavelmente já falsificaram a coleção inteira do *Orgulho de Zohayd* ou então eles teriam, de alguma forma, garantido que você usasse peças autênticas esta noite. Mas, como não houve queixas sobre as joias, os assaltantes e falsificadores estão esperando o grande escândalo estourar.

Horror surgiu no rosto de Aliyah.

– A Cerimônia de Exibição!

Ele concordou, consternado.

– Sim. E ainda faltam meses. Então nós temos tempo. E *irei* aproveitar cada segundo. Prometa que vai deixar que eu resolva isso, Aliyah.

A expressão de Aliyah encheu-se de conflito ao encontrar os olhos de Shaheen. Ele lutou para controlar suas emoções e não dar mais motivos para duvidarem de seu julgamento.

– Prometo. E Kamal também.

– Você contou para ele!

– Eu conto tudo a ele. – Ela, de repente, abraçou-o com força. – Se você a ama como eu amo Kamal, desejo que você consiga provar a inocência dela e que possa ficar com ela e amá-la.

Ele a abraçou de volta por um longo instante. Então lhe deu um beijo na cabeça. Ela o encarou mais uma vez antes de ir embora.

Shaheen deixou-se cair na cadeira mais próxima, afundando-se nela.

Eram coisas demais para assimilar. Porém, uma coisa superava todas as outras.

Johara não estava ali por causa dele. Ela estava por causa do pai.

Ainda assim, a verdade não o ferira. Ela achava que não tinha lugar na vida dele, que não *poderia* voltar para ele.

Não. Ele não podia duvidar de Berj. E jamais poderia duvidar de Johara. *Havia* outra explicação.

As joias do *Orgulho de Zohayd* eram muito mais do que o mais importante tesouro nacional.

As lendas contavam que cada joia da coleção abria portas onde não existiam, alcançara resultados cobiçados que pareciam impossíveis, conquistara favores para a monarquia, trouxera o amor verdadeiro, atingira a glória imortal e até enganara a morte.

Quinhentos anos atrás, quando as guerras tribais nos territórios que viriam a se transformar na Zohayd de agora estavam no auge, Ezzat ben Qassem Aal Shalaan sabia que, quando fosse líder de sua tribo, ele precisaria de mais do que sabedoria, poder e triunfos militares para acabar com os conflitos e reunir as tribos sob seu comando.

Ele acompanhara a história de cada joia e traçara um plano infalível para possuí-las e alcançar uma autoridade sem precedentes. Levara vinte anos em sua jornada. Ao retornar, a maré virara a favor de sua tribo, e, dentro de meses, ele unificara as tribos e se tornara o primeiro rei de Zohayd. Juntos, ele e as joias ficaram conhecidos como o *Orgulho de Zohayd*. Elas se tornaram o símbolo do direito ao trono da família real.

A cada ano nos últimos cinco séculos, os monarcas de Aal Shalaan realizaram uma semana de festividades para renovar o direito ao trono, com uma grande cerimônia para a exibição das joias aos representantes do povo de Zohayd, como prova de que os descendentes de Aal Shalaan continuavam sendo os governantes daquela terra por direito.

Só havia um motivo pelo qual as joias seriam roubadas e substituídas por falsificações.

Uma trama insidiosa para derrubar a família real.

Pelo que pareceu serem horas, a mente de Shaheen fervilhou com planos e soluções. Cada vez que uma ideia parecia possível, ela terminava em um beco sem saída.

Ele sentia como se tivesse sido espancado quando se levantou, com um plano simples – o único que ele acreditava que poderia funcionar – em mente.

Para colocá-lo em prática, ele teria que fugir do palácio.

E também tirar Johara de lá.

ELA PRECISAVA ir embora dali.

Era a única coisa na mente de Johara desde que se desvencilhara de Shaheen.

Durante o trajeto até seus aposentos, ela lutara para caminhar naturalmente e cumprimentar os trabalhadores que estavam em todos os lugares após a cerimônia, limpando os destroços.

Quando chegou, ela já não conseguia mais ficar de pé e se escorou na porta para não desmoronar.

Uma confusão de sentimentos ainda dominava seu ser. Ela queria correr de volta para Shaheen e se jogar nos braços dele. Nada mais importava.

Mas ela não podia. Nunca mais.

E ela não só se privaria dele para sempre, como provavelmente estaria lá para testemunhar o casamento dele se seu pai ainda precisasse dela.

– Está feito.

O coração de Johara quase explodiu no peito. Ela se virou e encontrou seu pai na frente do quarto. Ele parecia ter envelhecido outros dez anos.

– Entreguei minha resignação ao rei.

A desolação na voz dele encheu-a de compaixão, fazendo com que ela o abraçasse, tentando absorver seu sofrimento.

Ele suspirou, aceitando o abraço silencioso da filha.

Então ele se afastou com um sorriso triste, o amor brilhando nos olhos que ela herdara dele.

– Você sempre soube o que fazer e dizer. E, o mais importante, o que *não* fazer e dizer. Acho que eu não teria paciência para as banalidades de como isso é o melhor a ser feito, de como é hora de começar uma nova vida.

Um sorriso tremeu no rosto dela ao tentar provocá-lo:

– Embora seja verdade.

Ele beliscou de leve a bochecha dela.

– Justamente porque é verdade.

Ela sorriu, grata por ele estar permitindo que ela o afastasse da melancolia.

Johara passara as últimas três semanas encorajando-o a resignar de seu posto, desde o dia em que voltara e ele dissera que achava que aquela era a solução para tudo: cortar seu vínculo com Zohayd. E ele não tinha nem ideia do dilema *dela*. Era perfeito.

– Este lugar, estas pessoas, são muito mais do que um trabalho para mim.

– Ele caminhou até o sofá mais próximo e sentou-se com uma pesada exalação.

Ela concordou.

– Mamãe sempre disse que eles estavam em seu coração tanto quanto a gente, porém com o sentimento a mais de estar fazendo algo muito maior que si próprio, participando da manutenção da paz e da prosperidade de Zohayd.

– Não é um sentimento, é um fato. – Uma longínqua expressão de reminiscência doce e amarga surgiu em seu rosto. – Uma vez ela disse que eu estava me iludindo, me considerando um cavaleiro que jurou lealdade eterna ao grande rei. Mas não é uma ilusão. Eu sou, e ele também. O único motivo pelo qual estou terminando meus serviços é porque não estou mais em forma para oferecer o que ele merece. Mesmo quando eu perdi minha família, primeiro Jacqueline, depois você, e então Aram, eu ainda... funcionava. Mas, ultimamente, parece que perdi o foco, minhas habilidades, meu vigor.

– Você nunca *nos* perdeu. Nós o amamos!

– Mas vocês não estão mais comigo. Sabia que eu venho implorando para a sua mãe voltar para mim e a voltar para cá também?

Não. Aquilo era novo para ela. O relacionamento de seus pais sempre fora um mistério.

– Meus esforços se intensificaram depois que Aram voltou para os Estados Unidos, há seis anos. Ela sempre se recusou, então eu comecei a vê-la mais, a ficar cada vez mais tempo em cada visita. Quando percebeu minha necessidade de estar com vocês, o rei Atef fez o que pôde para bancar minhas ausências estendidas.

Ela se perguntara como ele conseguia visitá-las por períodos tão longos. Cada visita sempre deixara Jacqueline Nazaryan perturbada.

– Sua mãe nunca deixou de me amar, sabia?

Johara encarou-o, impotente. Parecia que ele havia, de repente, se decidido a responder todas as perguntas que ele e sua mãe sempre evitaram. Sempre fora impossível compreender sua mãe quando o assunto era seu pai. Jacqueline falava dele e com ele com intensa ira e intensidade, embora nunca tivesse pedido o divórcio ou se relacionado com outro homem.

Agora Johara observava seu pai sorrir para si mesmo, o sorriso de um homem relembrando a mulher que amava.

– Ainda nos amamos.

Ela inspirou. Aquilo era algo que ambos ocultaram dela. Johara duvidava que ela e Shaheen pudessem esconder a natureza íntima de sua relação assim tão bem. Por isso ela nunca mais poderia ser vista com ele novamente.

Ela expirou.

– Por que ela não volta para você?

– Porque ela está brava comigo. Ela está brava comigo há uma década e meia. Por um tempo, eu pensei que ela fosse voltar, mas daí você se juntou a ela, e, desde então, ela tem sido inflexível em retornar para Zohayd, até mesmo para uma visita.

– É por isso que você nunca contou a ela sobre seu ataque cardíaco. Ou sobre sua depressão.

– Não vou pressioná-la usando da compaixão, Johara. E eu certamente não quero que ela tenha pena de mim. Escolhi meu dever em vez dela. Eu fiz muita coisa errada, e não vai ser assim que eu vou tê-la de volta. Mas eu ainda pretendo. Ou morrerei tentando, enfim.

Ela arfou, e ele fez um aceno apologético com a mão enquanto se levantava do sofá.

– Não me dê ouvidos, estou sentindo pena de mim mesmo. Vou superar tudo isso. Mais rápido ainda por você estar aqui. Nunca me senti tão frágil, e eu acho que minha condição me deixa mais propenso a me agarrar ao que tenho aqui. Foi sua presença que me deu forças para fazer o que fiz esta noite. Por favor, você pode ficar até eu anunciar a notícia?

Seu pai nunca lhe pedira nada, até pedir que fosse ficar ao seu lado durante essa situação. Ela não poderia ter dito que não. E tampouco poderia agora. Ela concordou com a cabeça e abraçou-o novamente.

Enquanto ela o observava sair da suíte, seu coração começou a bater pesada e lentamente.

Ela estava presa. Sobrevivera ao encontro com Shaheen fora do reino, mas agora...

Até que ela pudesse escapar de Zohayd de uma vez por todas, precisava fazer tudo que fosse possível para impedir Shaheen de destruir a credibilidade da família real e de enfraquecer seu poder.

Acima de tudo, ela precisava manter seu próprio segredo intacto.

Um segredo que, se descoberto, poderia custar o trono da família Aal Shalaan.

CAPÍTULO SETE

APÓS TOMAR sua decisão, Shaheen emboscara seu pai enquanto ele se preparava para dormir.

Ele disse ao rei Atef que mudara de ideia. Que estava livrando-o do fardo de escolher sua noiva. Porém, ele queria mais escolhas. Ou mais motivos para escolher uma dentre as candidatas existentes. Aquelas famílias realmente pensaram que um vestido mais bonito ou um sorriso melhor ensaiado iria persuadi-lo? Elas não tinham mais... incentivos? Para ele, pessoalmente? Ele não era apenas o filho do rei, um corpo com os genes necessários. Ele era uma força a ser considerada mundialmente. Era em troca da vida dele que elas estavam se oferecendo, afinal de contas, então era melhor que aquilo valesse a pena.

Seu pai apenas fechou os olhos, levantou-se da cama e deixou o quarto sem olhar para o filho.

Shaheen odiava criar mais problemas para o pai. Mas não podia se incluir em seu plano. Não agora.

Seu plano era simples. Começar uma controvérsia, arrastar todos aqueles envolvidos em seu dilema, se afastar e observar. As pessoas mostram quem elas realmente são em conflitos.

E era isso que estava faltando. Depois de concordarem que Shaheen escolheria uma família por meio de sua noiva representante, as tribos entraram em uma coexistência pacífica, achando que, com a reputação de Shaheen de ser completamente incorruptível, não havia nada que eles pudessem fazer a não ser desfilar suas filhas diante dele para influenciar sua decisão.

Agora que ele deixara bem claro que não estava simplesmente agindo como o filho obediente do rei, eles iriam jogar sujo.

As reações a essa nova reviravolta – e, o mais importante, as não reações – exporiam quem, entre os ditos aliados que tiveram acesso ao palácio, estava atrás de novos acordos dentro do regime atual e quem estava planejando um golpe.

Ele jogara a bomba e se retirara, indo para sua *Villa* às águas do Mar Árábico, a 160 quilômetros do palácio. Ele estaria inacessível e, ainda assim, seria capaz de monitorar os acontecimentos, já que as reações dos envolvidos chegariam até ele de um jeito ou de outro. O mais importante é que ele veria Johara longe dos olhares inquisidores da Corte.

Ela estava indo ao seu encontro naquele instante.

Seu coração se expandia ao pensar nela. Ele precisara de cada uma de suas habilidades de negociação para garantir seu acordo com Johara.

Ela não resistira porque estava se sentindo enciumada, menosprezada e até inconsolável, pois ele a estava procurando mesmo tendo continuado com os planos do casamento.

Ele não podia esconder dela seus sentimentos ou o que planejara.

E ela só concordara em ir quando ele ameaçara procurá-la publicamente. Ela acreditara que ele estava desesperado o suficiente para fazer isso. Mas Johara insistira em fazer tudo à maneira dela. Dissera que ninguém falaria nada se a vissem sair de carro do palácio sozinha, mas, se a vissem em um carro com motorista, isso estaria no noticiário nacional dentro de uma hora. Ela até pedira para que ele dispensasse sua comitiva enquanto o visitasse. Já que não havia nada que quisesse mais do que ficar a sós com ela, ele esvaziara as imediações em um raio de 3 quilômetros.

Ele agora estava na varanda de sua suíte, no segundo andar, esperando sua chegada. Ele projetou a impaciência para as tranquilas águas cor de esmeralda, seguindo a curva da baía que abraçava a *Villa*, intocada pelas mãos humanas, exceto pela estrada que formava um arco em sua beira.

O mar brilhava como diamantes na praia da cor de ouro branco, indo e voltando gentilmente, seu estrondo produzindo um ritmo hipnótico. As grandes palmeiras que cobriam a *Villa* nos lados leste e norte balançavam na forte brisa de outono, em uma dança farfalhante de elegância e harmonia.

Uma nuvem de poeira surgiu no canto de sua visão. Em instantes, um feixe prata a partiu. Um carro em alta velocidade.

– *Johara*.

Ele sussurrou o nome dela repetidamente enquanto corria pela *Villa* até os portões.

Em minutos, ela parou o carro suavemente ao lado dele. Ele se aproximou, seus olhares conectados através do para-brisa. Shaheen se inclinou e colocou as mãos espalmadas sobre o capô da Mercedes, tentando controlar a ansiedade. Mas falhou.

Ele correu e escancarou a porta. E então ela estava nos braços dele, e ele nos dela.

Ele a levantou em seus braços, protegendo-a como queria fazer contra tudo que a preocupasse. Ela se entregou ao paraíso, seus braços envoltos no pescoço e nas costas dele. Shaheen saboreou aquela conexão, deixando seus olhos se abraçarem, namorarem, o amor jorrando dentro de si enquanto ele a abraçava cada vez mais forte. Então ele tomou seus lábios.

Ela murmurou o nome dele, e ele sussurrou o dela, entre beijos tão urgentes que deixaram de ser apenas o contato de seus lábios para se tornarem a fusão violenta de seus corpos.

Eles apenas se separaram quando ele a colocou sobre a cama.

Ele pairava sobre ela, encarando seus olhos e esperando que ela se entregasse a ele, pedisse por ele.

E ela pediu de todas as formas. Os lábios intumescidos dela juntaram-se aos seus olhos obscuros em suas súplicas, tremendo ao pronunciarem o nome dele, implorando.

Ele se levantou, e os braços dela se desprenderam do corpo dele. Eles caíram sobre a seda marrom-escura que ele colocara sobre a cama para ela. Então ela arqueou o corpo sinuosamente, uma onda de desejo quente e alvo que o tocou das coxas até o peito.

Shaheen estremeceu com o esforço de tentar não lhe rasgar as roupas e esmagar aquele corpo contra o seu. Ele obrigou suas mãos a serem gentis

enquanto a despiam tremulamente de seu terninho – que poderia ser a mais provocante das lingerie, tamanho seu efeito sobre ele. Shaheen se aprofundou ainda mais na insensatez conforme o corpo dela se contorcia, ajudando-o a expor sua exuberância à voracidade dele.

– Você não tem ideia, minha Gemma... – Ele começou a beijar seus pés, subindo por suas intermináveis pernas sedosas, virando-a de bruços para devorar a firmeza de suas coxas e nádegas, para então massagear suas costas e seu gracioso pescoço com os dedos e a boca. – Não tem ideia pelo que eu passei quando você me desapontou. A preocupação quase destruiu minha sanidade. E depois a tristeza, quando achei que você não me queria.

– *Não*. – O grito dela atravessou o corpo de Shaheen conforme ele debruçou-se sobre as costas dela, a elegância e o comedimento se evaporando. – Nunca quis nada além de você, Shaheen.

– E eu nunca soube o que era querer até desejar você. – Ela derramou lágrimas ao ouvir a declaração dele. Shaheen as beijou e colocou as mãos dela em sua camisa. – Mostre-me o quanto você me quer, *ya galbi*.

A ânsia que se espalhou pelas feições de Johara o deixou incapaz de lidar com a velocidade com que ela o despiu. Ele arrancou tudo o que podia ser tirado rapidamente, desejando que ela não ficasse alarmada com sua selvageria. Shaheen ficou aliviado quando isso apenas a excitou ainda mais.

Mas não foi o toque dos dedos, dos dentes ou dos lábios, ou ainda o fato de ela ter superado a timidez e provado a masculinidade dele que o deixou quase frenético. Foram as palavras que penetraram até sua alma e serviram como o afrodisíaco derradeiro.

– Sempre achei você a coisa mais linda do mundo, Shaheen – murmurou ela. – Quero que você me possua, quero você dentro de mim.

– Dê-me seu prazer primeiro, *ya galbi*.

Antes que ela pudesse protestar, ele mordeu um de seus mamilos, sugando e mordiscando-o, banqueteadando-se na sensação e no sabor. Seus gemidos de prazer amplificaram-se no cérebro ensandecido dele, enquanto seu corpo implorava para ser invadido. Ele deslizou sua nudez contra a dela, deleitando-se com sua firmeza delicada, que amortecia sua corpulência bruta. Ele afastou as pernas dela com os joelhos e tocou-lhe as intimidades. Deslizou os dedos pelas bordas quentes e úmidas, farejando a excitação dela.

Ele mordeu com mais força o mamilo, dando-lhe dois dedos para chupar, enquanto a outra mão fazia círculos sobre o nó onde os nervos dela convergiam. Ela se contorceu e gemeu, arqueando o corpo por baixo dele e exigindo mais. Ele a obedeceu, penetrando dois dedos em sua estreita e pulsante chama. Depois de algumas lânguidas investidas, ela se curvou em um choro sufocado. E então desmoronou.

– *Aih, ya galbi*, mostre-me o quanto você deseja tudo o que eu faço. – Ele se deleitou vendo-a se encher de prazer, suas inibições quase extintas.

Ele ainda esperou até que ela se acalmasse e então a estimulou novamente. Ela afastou a mão dele com um gemido agudo de impaciência, enlaçando-o com as pernas e tentando trazê-lo para cima de si.

Ele sorriu, demonstrando sua aprovação para os olhos tempestuosos de Johara.

– *Aih*, mostre o que você quer de mim, diga como quer.

– Quero que você me possua com força. Não ouse hesitar desta vez. Mostre-me do que você é capaz... – Os dedos dela fincaram-se nos ombros dele, puxando-o com violência para cima de si. – *Agora!*

Antes, ele buscou algo na gaveta ao lado da cama. Ele tinha proteção desta vez. Mas ela o impediu e balançou a cabeça. Observado aquele olhar denso de desejo, ele entendeu a mensagem. Ela dizia que era seguro. E ele não poderia respirar novamente se não conseguisse dar-lhe tudo de si. Shaheen, então, agarrou as nádegas dela, inclinou-a e murmurou:

– *Khodini kolli...* sou inteiramente seu, *ya joharti*. – E a penetrou.

Ele alcançou seu útero na primeira investida, realizando o desejo de ser totalmente invadida por ele, seguro de que ela estava pronta e que qualquer desconforto apenas aguçaria o prazer dela. Ela o recebeu com um grito lancinante, consumindo-o no que parecia ser um inferno aveludado.

Ele descansou a testa junto à dela, sentindo-se verdadeiramente em casa, o controle de suas faculdades mentais se esvaindo.

Então ela se arqueou, e ele sentiu que atingira seu âmago.

Com a promessa de que nunca iria deixá-la, ele retirou o membro para então penetrá-la de novo, feroz e completamente.

Ver o abandono e sentir a força do prazer dela o arrebatou. Ele mergulhou no abismo do êxtase, deslizando para dentro dela e liberando sua essência.

O tempo parou de existir quando ele saiu de cima dela, ancorando-a depois do tumulto.

Então Shaheen colocou-a sobre si.

– *Ahebbek, ya joharti. Aashagek. Enti hayati kollaha.*

Ela estremeceu ao ouvir as palavras que ele sussurrara, encostado em sua testa suada. Ela se afastou debilmente, exigindo ser liberta daquela união.

Ele demorou alguns instantes para conseguir soltá-la, a preocupação substituindo a satisfação e a felicidade ao vê-la respirar agitadamente e com novas lágrimas, o que certamente não indicava que ela estava excitada de novo.

– Não... diga coisas assim. – Ela limpou as lágrimas, meio ferida, meio furiosa. – Acredito que você me queira como jamais quis alguém, mas não diga o que você provavelmente não pode sentir.

Ele sentou-se, tomou-lhe o rosto entre as mãos e a fez olhar para ele.

– Mas é assim que eu me *sinto*. É muito mais.

Grossas lágrimas verteram de seus olhos vermelhos.

– Mas como? Como você pode me amar, me venerar, achar que eu sou tudo na sua vida? Antes de hoje, nós só estivemos uma noite juntos.

– Nós estivemos juntos por oito *anos*. E os anos em que ficamos separados. Eu a amei em cada momento desses também. – Um soluço a atravessou conforme ela balançava a cabeça, tentando escapar dele novamente. Mas ele não iria soltá-la e persistia. – Por que você acha isso inacreditável? *Você* me amou em todos os instantes daqueles anos.

– Eu... nunca disse que o amava.

– Sim, porque você estava tentando não me “comprometer” ou não se “impor”, mantendo nossa relação longe dos domínios do coração e da alma.

Ela mordeu o lábio trêmulo.

– P-por que você acha isso?

– Porque eu sei. Sei tudo sobre você desde quando você tinha 6 anos de idade, e cresceu diante dos meus olhos orgulhosos. Você não só compartilhava tudo o que pensava comigo, mas também o modo *como* pensava. Posso prever tudo o que se passa na sua brilhante, porém equivocada, mente e em seu magnânimo e sacrificante coração. É por isso que eu a amo tanto. E você me ama com a mesma força, a mesma intensidade. Eu sinto isso. Senti no primeiro instante em que a encontrei

novamente. Posso não tê-la reconhecido conscientemente, mas todo o meu ser a conhecia, e sabia que eu sempre a havia amado.

Ela o encarou boquiaberta. E então irrompeu em lágrimas.

– Oh, Shaheen... E-eu nunca sonhei que você pudesse sentir o mesmo. – As palavras saíam entre soluços. – Se eu soubesse, eu teria tentado encontrá-lo novamente. Não quero complicar a sua vida.

Ele a abraçou fortemente, impedindo-a de se culpar ainda mais.

– Como eu disse na noite passada, você fez a minha vida valer a pena, nada mais. No passado, estar com você foi a melhor coisa que já me aconteceu... até Aram me fazer sentir como um velho indecente. – Ela se espantou com aquilo. Ele quase se bateu por trazer aquilo à tona e tentou desviar do assunto. – Então, desde a noite em que nos reencontramos...

Mas ela não se distraiu.

– Como Aram fez você se sentir assim? – Ele encolheu os ombros. Ela agarrou o braço dele, seus olhos de ébano implorando incontestáveis. – Conte-me, por favor.

Como ele poderia resistir a ela olhando-o daquele jeito?

Além disso, ele não queria que houvesse nenhum segredo entre eles. Nunca mais.

Shaheen suspirou.

– Você se lembra de que eu costumava passar cada segundo possível com você e Aram, juntos ou separados. Então, um dia, depois de uma partida de *squash* que ele me derrotou, eu contei algo inteligente que você tinha me dito um dia antes, e ele me destruiu. Disse que eu era cruel, um príncipe mimado, me acusou de ignorá-lo por anos sempre que tentava me alertar para não ser tão indulgente com você, para que eu parasse de encorajar sua queda sem esperanças por mim. E daí me ameaçou.

– C-como ele o ameaçou?

– Não de morte ou nada sério, não se preocupe. Mas foi isso que me abalou: o quão intenso e pacífico ele foi. Era como se ele me odiasse há muito tempo. Eu preferia que ele tivesse me batido, quebrado alguns ossos. Eu teria me curado disso. Mas eu nunca me curei de ter perdido nossa amizade. Ele me disse que, se eu não me afastasse de você, ele faria com que meu pai ordenasse que eu jamais me aproximasse de você novamente.

– Então foi por isso que você se afastou de repente de nós!

Ele assentiu.

– Eu tentei me defender primeiro, disse que você era a irmãzinha que eu nunca havia tido e como ele se atrevia a dizer que eu pensava em você, ou que eu a encorajava a pensar em mim, *daquela* maneira.

– Então você nunca pensou em mim... daquela maneira?

– *Não*. – Ela parecia consternada com sua negativa enfática. – Eu era um homem de 22 anos, e você, uma criança de 14, Johara. Eu seria um perverso se tivesse pensado em você desse jeito. Mas você era a *minha* garota, a única que me entendia. Eu tinha que me explicar para todos, até mesmo para Aram e para minha família, mas não para você. Eu a amava em todos os sentidos, menos *naquele*. Agora sim, eu a amo em todos os sentidos.

Ele despejou as emoções em seus olhos e, depois, em seus lábios. Ela interrompeu-o, ofegante. Então o prazer desapareceu do rosto dela quando a tristeza ressurgiu.

– O que aconteceu depois?

Ele suspirou novamente.

– Aram disse que não dava a mínima para o que achava ou sentia. Ele só se importava com o fato de eu a estar explorando emocionalmente, e que ele não podia ficar parado e me deixar causar danos irreversíveis a você. Eu percebi que ele estava fazendo o que achava que era o melhor para protegê-la, por isso eu nunca fiquei realmente bravo com ele. Subconscientemente talvez, eu *estava* esperando você crescer para que eu pudesse ter esses sentimentos. Assim, em uma crise de humilhação, eu jurei que nunca mais falaria novamente com você *ou* ele e que nenhum de vocês teria que suportar mais o “príncipe cruel e mimado”. Foi por isso que eu me afastei, em um esforço equivocado de manter a minha palavra. Então, enquanto eu agonizava pensando o quanto eu iria inadvertidamente magoar meus melhores amigos, você deixou Zohayd, e seu pai anunciou que você não iria mais voltar – continuou Shaheen. – Minha última lembrança sua era de sua expressão desamparada ao deixar o palácio. Eu sentia que havia traído a nossa amizade. Eu parti de Zohayd logo depois e só voltava para lá esporadicamente, até Aram deixar Zohayd, há alguns anos. Eu sentia como se não tivesse o direito de curar a nossa amizade.

Ela encarou-o com o peito pesado, as emoções sucedendo-se vertiginosamente em seu rosto ultraexpressivo.

Então Johara jogou-se sobre ele.

– Ah, *ya habibi*, sinto muito. Aram estava *tão* errado.

Os lábios dele se curvaram enquanto ele observava a nudez entrelaçada de ambos.

– Acho que ele estava *tão* certo.

– Ele estava certo *naquela* época. Isso é o que importa. Você nunca me ludibriou, nunca me magoou. Devo quase tudo o que sou hoje à nossa amizade. Acho que não sou tão problemática quanto ele temia que eu ficasse.

– Você é a própria perfeição, por dentro e por fora.

– Viu só? Ele estava totalmente errado. Ah! – Ela deu um soco no travesseiro. – E aquele canalha ainda me disse que você tinha parado de falar conosco porque éramos da “criadagem”.

– O quê? – gritou ele. – *Agora* estou bravo com ele.

– Então somos dois. Espere só até eu me encontrar com ele. Vou arrancar o couro daquele superprotetor!

– Espero que você não tenha acreditado nele.

– Não, *alhamdulillah*, graças a Deus. – Ela deslizou uma perna entre as dele e acariciou-lhe o rosto. E, como um livro aberto, ofereceu-se para que ele lesse tudo o que havia dentro de si, para que bebesse de seus segredos. – Você é tudo o que eu quero. Só o que eu quero é ficar com você.

Uma careta apagou a expressão amorosa do rosto de Johara.

– Querer e poder são dois polos opostos aqui.

– As coisas estão complicadas agora, mas eu vou resolver tudo...

– Não, por favor. Não prometa nada. Não quero que você se sobrecarregue com coisas que não pode cumprir ou com a culpa quando você falhar. Vou aproveitar tudo o que puder enquanto estiver com você e serei sempre grata. Que eu o amo. Que você me ama.

Antes que ele pudesse protestar, ela se aproximou e o afogou em uma delirante paixão, tomando as rédeas.

Após o prazer, ela dormiu nos braços dele. Shaheen permaneceu acordado, observando-a.

E sabia que não poderia contar nada para ela. Sobre as joias ou sobre o plano. Ele não podia trazer a feiura do mundo exterior para dentro da felicidade deles. Ele não macularia a alegria dela, se pudesse.

Cabia a ele fazer isso.

NAS DUAS semanas seguintes, Johara passara algumas horas de cada manhã ajudando seu pai a fazer as malas, a resolver assuntos pendentes e a treinar seus substitutos antes de escapular para a Villa de Shaheen e se jogar nos braços dele.

Ele repetiu várias vezes que ela não se preocupasse, que ele estava trabalhando em uma maneira de ficarem juntos.

Ela achava que ele falharia. Que o tempo que tinham juntos estava se acabando. De novo. Em uma escala menor que naquela primeira noite, quando ela achara que seria tudo o que teria dele, mas ainda assim se acabando. E, quando finalmente terminasse, isso aniquilaria a ambos.

Mas ela não podia pensar nisso. Johara precisava preencher cada segundo que passavam juntos com maravilhas, felicidade e prazer. Talvez, se carregassem cada célula com amor, intimidade e carinho, eles poderiam suportar a desolação de uma vida separados.

Ela abriu a porta da frente da *Villa*, sabendo que a encontraria vazia. Ele não estava lá. Uma mensagem há dez minutos dissera que ele se atrasaria, mas que chegaria logo. E que a adorava.

Ela suspirou em antecipação, absorvendo a elegância masculina ao seu redor: acres de mármore polido da cor das praias deslumbrantes a alguns passos da varanda dos fundos, mobília de um marrom-escuro semelhante às palmeiras que pareciam formar uma muralha natural ao redor da *Villa* e detalhes em tons de esmeralda como o mar de tirar o fôlego que a recebia em cada janela, para além do horizonte.

– Quando me contaram, eu não pude acreditar.

Durante o tempo que as palavras levaram para chegar até seu cérebro, Johara tinha certeza de que era de Shaheen aquela voz acariciando seus ouvidos e percorrendo cada centímetro de sua pele, uma presença que a alcançava e a envolvia.

Mas, antes mesmo de se virar, ela já sabia. Era quase a voz de Shaheen, quase a presença dele. Porém, não era.

Essa voz tinha a mesma beleza, profundidade e influência, mas, em vez do calor, ela emanava um frio ártico; em vez da emoção, um vazio. Essa presença não era permeada por humor, gentileza e compaixão, mas, sim, por sarcasmo, agressão e crueldade. Ela sabia quem era antes mesmo de vê-lo.

Amjad.

O irmão mais velho de Shaheen. O herdeiro da coroa de Zohayd. Uma das forças mais incontroláveis do mundo das finanças.

E o homem mais temido da região.

O queixo de Johara quase despencou enquanto ele se aproximava com um vaguear lânguido e majestoso, como um tigre à espreita.

Um anjo caído deveria ser assim. Uma beleza impossível, uma aura arrepiante. Diziam que seus luminescentes olhos cor de esmeralda eram os únicos na família Aal Shalaan em cinco séculos, herdados diretamente de Ezzat Aal Shalaan, o fundador de Zohayd. Muitos diziam ainda que Amjad era uma réplica dele, com o mesmo porte imponente, uma inteligência assustadora e um carisma esmagador. Alguns acreditavam que ele era a reencarnação de Ezzat.

Diziam, ainda, que suas vidas seguiam as mesmas linhas. A primeira esposa de Ezzat também planejava assassiná-lo.

Mas era aí que seus destinos divergiam. Ezzat encontrara o amor verdadeiro um ano depois de acabar com o plano contra sua vida, vivera com ela em harmonia desde o momento em que se casara, aos 31 anos, até o dia em que morrera, aos 85.

Amjad havia exposto sua esposa traidora há oito anos, e não havia sinal de que ele encontrara alguém para amar. Na verdade, pelo que ela ouvira, ele estava determinado a lutar pelo domínio do próprio destino, frustrando qualquer tentativa de intimidade em sua vida.

– Agora vejo que o que pensei ser uma hipérbole ridícula é na verdade um eufemismo patético. Você se tornou uma deusa, Johara.

Johara piscou, aturdida.

O sorriso dele faria qualquer zohaydiana se derreter. Mas a chocava ver aquela sensualidade predatória no rosto do homem que ela sempre considerara como um irmão mais velho.

Sem saber o que falar ou pensar, ela disse o que achava que deveria:

– Que bom vê-lo, Amjad.

Os olhos dele se estreitaram, tornando-se ainda mais glaciais.

– Mesmo?

Ela engoliu em seco, sentindo-se como um rato prestes a ser transformado no brinquedinho de um gato entediado.

– Sim, claro. Não o vejo há muitos anos. Você está ótimo.

– Só ótimo? – Os lábios espetaculares de Amjad arquearam-se para baixo, amuados. – Geralmente, eu recebo respostas mais... entusiasmadas das damas.

Ela pigarreou.

– Você sabe o quanto é bonito, Amjad. Com certeza, a última coisa que um homem do seu calibre precisa é de um ataque de egocentrismo.

– Ai. – Ele recuou, parecendo tudo menos ferido, a astúcia em seu olhar cada vez mais mordaz. – Um ataque de egocentrismo vindo de uma mulher do seu calibre é algo a ser cobiçado. Qualquer tipo de ataque seria... mais do que bem-vindo.

Ela se assustou quando Amjad parou a quase um passo de distância e tentou recuar. Ele então se aproximou, mantendo a sufocante proximidade.

Ela também pensara que as histórias que ouvira sobre ele eram exageradas. Mas elas eram subestimações absolutas. Assim, tão próxima, ela teve uma boa visão do que Amjad se tornara.

Era como se seu corpo magnífico fosse uma concha, abrigando uma entidade de intelecto avassalador e um desprezo aniquilador. Ele costumava ser um homem amoroso, extrovertido, profundamente apaixonado e empenhado. A mulher que tentara envenená-lo poderia ter falhado em matá-lo, porém envenenara sua alma e destruíra tudo o que fazia dele a incrível força para o bem que já fora.

O remorso esmagou o coração dela.

De repente, cada fio de cabelo de seu corpo eriçou-se, no mais absoluto choque.

A mão dele deslizou ao redor da cintura de Johara, puxando-a contra seu corpo.

Ela congelou, incapaz até de respirar.

Por fim, ela balbuciou:

– Amjad, por favor, não...

Ele a pressionou para ainda mais perto.

– Não o quê, *ya joharti*?

Ouvir o apelido carinhoso de Shaheen vindo de qualquer outra pessoa a teria surpreendido. Mas ouvi-lo de Amjad, com aquela insolente familiaridade, perturbou-a seriamente.

Ele não a enojava. Era impossível que o fizesse; ele era do mesmo sangue de Shaheen. Ele era como *seu próprio* irmão, mesmo que não

estivesse se comportando em nada como tal. Ela sentia-se tão triste que poderia chorar. Então, Johara ficou furiosa.

Ela o empurrou com toda força.

– Não me chame assim. Não sou nada sua.

Era como brigar com uma parede de tijolos. Ele nem se movera. Amjad ainda puxou-a para mais perto.

– Ainda não. Mas posso ser. Tudo o que você quiser. Posso lhe dar tudo, Johara. Peça o que for, e será seu.

A mortificação inundou seu corpo enquanto a percepção do que ele realmente estava tentando fazer se irradiou, jogando-a em uma tempestade de arrepios.

– Por favor... não faça isso.

Ele capturou-lhe as mãos e as colocou ao redor do pescoço, segurando-as com uma das suas, enquanto a outra a mantinha prisioneira para que se inclinasse e mordesse seu pescoço. Ela poderia ter gritado, mas, no segundo seguinte, um trovão dissipou seus esforços.

– *B'haggej'jaheem*, o que você está fazendo?

CAPÍTULO OITO

O CORAÇÃO de Johara parou no instante em que a voz enfurecida de Shaheen ecoou atrás dela.

Mas não foi apenas seu coração que se congelou. A paralisia foi total quando Amjad se endireitou, sem pressa alguma de se virar para Shaheen. Ela só conseguiu olhar para Amjad conforme ele erguia a cabeça, libertando o pescoço dela da frieza de seus lábios, que poderiam muito bem estar sugando sua vitalidade. Então ela encontrou o olhar dele, e a tensão aprisionando-a a transformou em pedra quando ele deixou transparecer o que realmente sentia por ela. Pura repulsa.

Uma de suas mãos ainda prendia as dela em volta do pescoço. Ele levantou a outra mão, e o horror dela intensificou-se. Para qualquer espectador, para Shaheen, pareceria que ele segurava as mãos que ela colocara lá por vontade própria.

Então Amjad se moveu para o lado, permitindo que ela olhasse diretamente para Shaheen. Ele estava parado sob o arco entre o vestíbulo e a sala de estar. Ela teria murmurado algo se não tivesse ficado muda. Ela jamais imaginara Shaheen olhando-a daquele jeito. Ele parecia... assustado.

– Shaheen, você chegou mais cedo. – Amjad virou-se para seu irmão mais novo com um gesto de pura graça e poder, imperturbado,

imperturbável. – Johara e eu estávamos... nos reencontrando.

Por dentro, ela gritava. *Não acredite nele*. Por fora, ela só conseguia assistir à reação dele em um crescente horror. Então ela percebeu o que estava acontecendo e desistiu de sair da paralisia.

Talvez fosse melhor assim. Para o bem de Shaheen. Se ele acreditasse em Amjad, ele ficaria magoado, sentindo-se traído. Mas ficaria livre de seu amor por ela. Livre dela. Ela desejou isso para ele, a paz e a liberdade que ela nunca tivera.

Shaheen então se moveu, caminhando até eles. Mesmo tomada pelo desespero, cada passo mais próximo atingia seu coração amedrontado como o tique-taque de uma bomba-relógio. E ele nem a encarava. Os olhos de Shaheen estavam presos nos do irmão.

Ele então parou, encarando o braço ao redor da cintura dela. Sem levantar os olhos, disse:

– Tire as mãos de Johara, Amjad. Ou eu quebrarei todos os seus ossos.

Johara estremeceu. A voz dele estava tão impiedosa quanto a de Amjad. Pior. Carregada de uma agressividade quase incontrolável.

Amjad finalmente a soltou, erguendo as mãos cruzadas em falsa rendição.

– Intenso. E eu aqui pensando que você era cavalheiro demais para não tornar isso mais... embaraçoso do que já é. Então, irmãozinho, é assim que você reivindica uma mulher? Ameaçando os outros homens? Com medo de que, se deixar que ela escolha qual homem consegue satisfazer suas... necessidades, ela não escolha você? É como Johara disse. Você não lhe deixa outra escolha senão sucumbir às suas... atenções.

– Mais uma palavra e você vai estar caído de costas com a mandíbula quebrada, cuspiendo sangue e dentes.

– Eu deveria ter acreditado quando você contou que ele estava sendo um homem das cavernas. – O rosto cruelmente lindo de Amjad mudou de friamente sincero, enquanto falava com ela, para diabolicamente provocador ao se dirigir a Shaheen. – Foi uma dúzia de palavras, a propósito.

Shaheen atacou-o, agarrando Amjad pelo suéter. Cada nervo de seu corpo se afrouxou enquanto as duas magníficas forças da natureza se preparavam para colidir.

Após um momento de tensão em que Johara tremia com a necessidade de jogar-se entre ambos, forçando-se a deixar tudo desenrolar sem intervir, Shaheen empurrou Amjad com um resmungo de asco, tão forte que seu irmão deu vários passos para trás até se endireitar novamente.

– Não vale a pena – Shaheen rosnou.

– Vá em frente, me transforme no vilão aqui. Mas foi mútuo.

Shaheen exibiu os dentes com uma expressão de raiva incontida.

– *Cale a boca!*

– Ou o quê? Você já se decidiu a não manchar suas mãos com meu sangue. – Amjad ajeitou as roupas e pôs no lugar o cabelo que cair sobre o rosto, emoldurando suas bochechas machucadas. – Eu não sabia que vocês estavam tão envolvidos, mas talvez seja melhor assim. Você realmente precisa ser objetivo, Shaheen. Uma mulher tem o direito de buscar seus interesses. Johara está certa em querer o melhor e ir *atrás* do melhor. E sejamos francos: com os seus problemas, você não se qualifica para este posto.

Shaheen bufou cinicamente.

– Poupe seu veneno, Amjad, mesmo que você tenha um estoque ilimitado dele. Você deve ser bem menos astuto e perspicaz do que eu imaginava se acreditou que eu iria cair nesta farsa.

Amjad olhou-o com pena.

– É isso que você acha que é? Uma armação minha? Como eu poderia ter armado para que os braços dela estivessem no meu pescoço no instante em que você entrasse?

– Conhecendo você, você a forçou a fazer isso. Conhecendo ela, Johara não conseguiu separar quem você é para mim e para ela e detoná-lo do jeito que merece. – Shaheen pensou de repente que Amjad não merecia mais atenção e virou-se para ela, seu rosto transformando-se instantaneamente de intolerante e impiedoso para a própria visão da ternura e da preocupação. – Sinto muito, *ya joharet galbi*, por tê-la exposto a este ultraje.

Estupefata, ela sussurrou:

– Você não fez nada...

– Foi por minha causa que Amjad a insultou, tentando plantar dúvidas em minha mente sobre seus sentimentos e intenções.

– Você percebeu que... Você sabe que eu... – Ela engasgou, incapaz de continuar. Ele confiava nela, sequer havia parado para perguntar...

Tendo esquecido a ideia de abrir mão dele, ela se jogou nos braços de Shaheen, com o coração despedaçando-se de tanto amor. Ele a acalmou com carinhos gentis e ininterruptas palavras de amor e desculpas.

– Eu sempre saberei o que se passa em seu coração. Você é o meu coração.

– Caramba, Shaheen... – O sarcasmo de Amjad estilhaçou aquele momento de comunhão. – Você vai entrar para os recordes mundiais como “O Homem Mais Patético”. Pense, irmãozinho. Por que ela voltou agora, depois de tantos anos? Ao contrário de você, ela sabe que você não é tão esperto quanto pensa e que nós iríamos acabar descobrindo seu acordo “secreto”.

Shaheen voltou-se para Amjad, sem jamais soltá-la.

– Nós? Quer dizer que nosso pai também sabe?

Amjad bufou, menosprezando-o.

– Com todo o trabalho que ele está tendo por sua causa e do jeito que ele está desde que Aliyah e Anna voltaram? Que nada. Mas, se *eu* saquei vocês dois quando a vi voltar para o palácio toda corada e aturdida ontem enquanto você estava convenientemente fora, tenho certeza de que outras pessoas menos perspicazes ligaram os pontos.

Shaheen balançou a cabeça abismado.

– Então me esclareça uma coisa, Amjad. Qual é o plano de Johara, na sua opinião?

Amjad suspirou como se tivesse que explicar a um imbecil coisas óbvias.

– Ela está em busca de um prêmio. Você. Eu estava fingindo me oferecer em troca para salvá-lo das garras dela, quando você me interrompeu.

Shaheen massageou a cintura dela, como se para apagar as acusações e o desdém de Amjad.

– Mas eu não interrompi. Você arranjou um pretexto para eu me afastar, esperou por Johara e cronometrou sua *performance* para que eu entrasse e a visse supostamente em seus braços. E você pensou que eu iria cair nessa e a acusar de estar me traindo.

Amjad era a própria imagem do tédio.

– Teria sido menos... traumático para vocês, pombinhos, se você tivesse caído. Que pena. Eu tentei ser “legal”. Deveria ter usado meu ponto forte: ser indecente. Mas agora eu o usarei.

– Em primeiro lugar, você não vai fazer nada, Amjad. E, em segundo, se Johara quisesse ser subornada para abandonar o ingênuo aqui, por que você acha que ela insistiria com todo esse sigilo?

Amjad ridicularizou-o com o olhar.

– Porque abandoná-lo quando você estivesse venerando-a iria render um prêmio muito maior. E funcionou. Eu estava disposto a pagar um preço alto.

Shaheen apenas riu e olhou para ela, não mais fervendo de raiva, mas muito entretido.

– Quanto seria necessário para que você me abandonasse, *ya joharti*?

Um sorriso arqueou os lábios dela.

– Você sabe.

– Somente eu posso fazê-la me abandonar, Amjad. E eu nunca vou deixá-la partir. Então por que você não fica de joelhos, implora pelo perdão de Johara e dá o fora daqui?

Amjad bufou de desgosto.

– Você está de fato comendo na mão dela, não está? Tudo bem. Todo homem tem o direito de escolher seu veneno. Mas arriscar começar uma guerra por causa dela? Tsc, tsc.

– Se você está tão preocupado com guerras, por que não faz alguma coisa? Quebre a sua estúpida promessa de nunca mais se casar e escolha uma das noivas que eles querem que eu engula.

– Ah, mas eu quebrei quando o vi esperneando. Achei que, como herdeiro da coroa, eles aceitariam minha oferta em um piscar de olhos. Mas nosso pai logo chegou a um consenso: nenhuma noiva me escolheria. Elas acreditam que eu daria uma de Shahrayar ou Otelo. Mesmo que as famílias estejam dispostas a sacrificarem suas filhas no altar de minha loucura, elas acham que eu vou acabar descontando em alguém da família. Por ser visto como uma força da qual ninguém pode se aproximar e, muito menos, se aproveitar ou lucrar.

Shaheen gargalhou.

– Obrigado por tentar me poupar *disso* pelo menos. Mas estou contente que você não ficou chocado por ter sido rejeitado. Você *tem* andado pelo reino e pelo mundo agindo e apostando feito louco.

O olhar de Amjad tornou-se ainda mais zombeteiro.

– Sério? Então como isso tudo tem me recompensado tão bem? Talvez eu não seja tão irracional quanto você pensa. Tente digerir e repense as ações e

convicções de seu irmão insano. Você vai descobrir que estou certo sobre muitas coisas também. – Ele deu um olhar de “espere-até-eu-acabar-com-você” para Johara. – Sobre ela, por exemplo. Embora você não possa perceber isso agora, por estar sob seu feitiço de amor.

Johara viu os olhos de Shaheen se suavizarem.

– É você que está sob um feitiço. De ódio. Você já conheceu e amou Johara também. Mas não consegue acessar essa lembrança por causa da paranoia em que você vive desde Salmah. Você nunca entenderá que eu desconfiaria primeiro de mim do que de Johara. Eu confio nela com a minha própria vida.

Amjad fingiu limpar o suéter.

– Eca. Toda essa baboseira pegajosa vai dar trabalho para limpar. Bem, vá em frente e fique cada vez mais preso na doce armadilha dela, enquanto eu...

Ele se interrompeu e virou a cabeça. E então ela também ouviu o que chamara a atenção dele. Um zumbido longínquo. O barulho foi ficando cada vez mais alto, aproximando-se mais a cada segundo. Em instantes, já era algo inconfundível.

Um helicóptero.

Amjad virou-se de volta, o escárnio transformando sua beleza em uma maldade impenitente.

– Uh-oh. Parece que a cavalaria percebeu o que você estava tramando, e estão chegando para salvá-lo de seu coração mole e de sua mente defeituosa.

Lançando um último olhar desaprovador para o irmão, Shaheen agarrou Johara e a conduziu para a varanda oeste, onde ela notou pela primeira vez um espaço que deveria ser uma pista de pouso.

E era. Em segundos, o helicóptero pousou. Enquanto os motores paravam, um homem muito alto e de ombros largos pulou do lado do piloto. Ele correu para o lado do passageiro para ajudar uma mulher a descer, seus movimentos tão gentis quanto os de Shaheen com ela. Ela tentava identificar a mulher, quando reconheceu o homem. Kamal Aal Masood, o rei de Judar.

Em seguida, Aliyah entrou em seu campo de visão, confirmando a dedução de Johara. E aumentando sua agitação.

Pela expressão sombria no rosto de Aliyah enquanto ela se aproximava da *Villa* com seu corpulento marido, Johara sabia que o motivo pelo qual ela os interrompera naquela noite não fora resolvido. E Johara tinha certeza de que aquilo a envolvia. Talvez a mesma preocupação de Amjad. E Aliyah voltara para abordar o assunto com Shaheen, com um exército de um homem só como reforço.

O casal real adentrou a *Villa*. Shaheen os recebeu com ela ao seu lado, abraçando-os e a apresentando a Kamal. O rei de Judar beijou-lhe a mão galantemente. Aliyah deu-lhe os costumeiros três beijos. Tudo parecia agradável, mas Johara vibrava com a tensão que irradiava do casal, da situação toda.

Amjad avançou até eles, deu um rápido beijo em Aliyah, uns tapinhas nas costas de Kamal e foi direto ao ponto, quebrando a cordialidade artificial.

– Então, Kamal, o que justifica a presença do rei de Judar em nosso solo e em uma visita clandestina?

Kamal devolveu o sorriso de Amjad, que demonstrava que ele estava ciente de seu poder, versados em manejarem-no até os limites mais destrutivos, que não toleravam nada que não fosse à sua maneira, sempre.

– Qual parte de “clandestino” você não entendeu, Amjad?

Aliyah levantou uma sobrancelha.

– Sim, Amjad, se quiséssemos que você se envolvesse, não viríamos até aqui.

Amjad levou a mão ao coração como se Aliyah o tivesse atingido com uma farpa.

– Uau. Minha “priminha-que-virou-irmã” desenvolveu presas bem afiadas. Especialmente com seu marido de destruição em massa ao lado.

Kamal riu brevemente.

– Se você pensa que ela está expondo as presas porque estou aqui, então você deveria ser reapresentado à sua “priminha-que-virou-irmã”. Sou eu quem a segura quando ela quer cortá-lo em pedacinhos. Você a faz se lembrar muito de mim antes de ela me... reparar.

Amjad encarou-o com uma doçura fingida no olhar, cheio de depreciação.

– Sim, posso ver que você está todo “consertado”.

Aliyah pigarreou.

– Você terá muita sorte se encontrar alguém que possa “consertá-lo” também, Amjad.

– Essa eu passo, mana. Pelas próximas reencarnações, inclusive.

Kamal aproximou-se dele, seu sorriso tornando-se tão confrontante quanto o de Amjad se tornava sarcástico.

– E que tal eu “consertá-lo”?

O sorriso de Amjad tornou-se ainda mais provocador. Ele estava claramente ávido pela briga que Shaheen lhe negara.

– É assim que você consegue as coisas hoje em dia, Kamal? Não consegue contrariar a mulher que o domou, então por isso você entra em brigas para descontar? Shaheen acabou de tentar a mesma coisa, por falar nisso.

– Sabe, Amjad, faz muito tempo que eu quero acabar com você. Agora é um ótimo momento para agir por impulso.

Enquanto os dois se preparavam para lutar, Johara encontrou-se pensando distraidamente que eles poderiam ser irmãos também. E não só por causa da altura e da aparência. Kamal tinha mais coisas em comum com Amjad do que Shaheen. Havia o mesmo rigor nele, esculpido em seu rosto e entalhado em seu ser. Esse homem poderia ser implacável. E devia ser mesmo, para conseguir governar um reino tão bem, para ser obedecido tão plenamente nessa região volátil.

Aliyah separou os dois homens, cada um para um lado.

– Ok, vamos dar um tempo na testosterona. Cada um para um canto, meninos.

Johara piscou ao ver a transformação que ocorreu em Kamal quando ele olhou para Aliyah. Foi um choque ver a suavidade desarmá-lo, o amor e a devoção dominando cada expressão e movimento. Johara reconheceu as emoções que ela e Shaheen compartilhavam. Ela não tinha dúvidas de que Aliyah era tudo para Kamal, que ele morreria por ela. E vice-versa.

Kamal abraçou carinhosamente Aliyah.

– Só porque você deseja, *ya rohi*. Mas, da próxima vez que quiser retalhá-lo, é só me avisar.

Amjad bufou.

– Além de compartilharem as amáveis fantasias que todos vocês têm de me bater, espero que tenham vindo aqui em uma missão secreta para salvar Shaheen de sua estupidez.

Os lábios de Kamal se crisparam.

– Talvez eu esteja aqui para mostrar-lhe alguma solidariedade de irmão mais novo, compartilhando minha experiência em acabar com irmãos mais velhos incômodos.

– Quer dizer, Farooq e Shehab? – Amjad soprou o ar com força. – Aqueles molengas que lhe deixaram o trono para ficar com as namoradinhas? Quase me sinto no dever de ensinar-lhes como tornar a sua vida mais dura. As coisas vêm muito facilmente para você. – Ao levar um soco no estômago de Aliyah, Amjad revirou os olhos, perdendo o fôlego. – Ótimo. Fiquem aí com seus segredos reais. Por enquanto. Vou deixar os quatro neste encontro duplo nauseantemente doce. – Ele acenou para Johara, como um tiro de despedida. – Vou estar de olho em você.

Os outros três se arrepiaram. Johara quase deixou escapar que ele não precisaria; não por muito tempo. Mas Shaheen a abraçou, o gesto protetor intensificando sua mudez.

Assim que Amjad se afastou caminhando despreocupadamente, Kamal respirou profundamente.

– Viemos aqui para saber se houve algum progresso e para darmos o nosso apoio, mas... – Ele pausou, olhando apologeticamente para Aliyah e para Shaheen. – Eu sei que prometi e que Amjad é um tormento em escala mundial sem precedentes, mas ele é muito poderoso, sem contar que ele possui uma participação majoritária nisso. E, embora eu concorde que o sigilo é fundamental, acredito que ele e Harres precisam entrar nesta história agora, e não depois. Precisamos deles.

Os olhos de Shaheen flamejaram, alarmados.

– Preciso de mais tempo. Meu plano está funcionando. Estou coletando mais informações a cada dia.

Kamal balançou a cabeça, enfático e decisivo.

– Não está funcionando bem ou rápido o suficiente, Shaheen, e você sabe disso.

– Que plano? – Johara agarrou o braço de Shaheen, seu coração acelerado de desespero. – O que está acontecendo, Shaheen?

Shaheen fitou-a, os olhos suplicantes.

– Não precisa se preocupar com nada, *ya habibati*.

Aliyah pousou a mão no outro braço dele.

– Não, Shaheen. Agora eu acredito que Johara não tem nada a ver com isso. Ela precisa saber. Isso a envolve também, tanto quanto ou ainda mais do que a qualquer um de nós.

O coração de Johara quase se desprende dentro dela quando Shaheen fechou os olhos por um longo momento, a confusão e as piores hipóteses abalando sua mente.

– Certo. Chamem Amjad de volta.

Em instantes, Kamal voltou com Amjad. Antes que Amjad pudesse expressar a evidente especulação estampada no rosto, Shaheen começou a falar.

Johara apenas encarou-o enquanto choque após choque foi sendo revelado. As joias. O *Orgulho de Zohayd*. Roubadas. Substituídas por falsificações. As consequências previstas. Ela preencheu as lacunas deixadas por ele, com todos os presentes intimamente atentos.

Quando Shaheen terminou, a única coisa que poderia fazer jus àquelas revelações agourentas pairou sobre o quinteto. Um silêncio massacrante. Até Amjad estava sem palavras.

Foi ela, que estivera muda desde que Shaheen chegara, quem finalmente se expressou, em um tenro sussurro.

– Por que você não me contou?

– Eu não queria afligi-la com isso antes de encontrar os culpados.

– Ora, por favor! – explodiu Amjad. – Eu posso perdoar sua cegueira quando é a sua vida que está em risco, mesmo se suas ações causassem uma crise interna. Mas uma guerra civil não é nada comparada ao que isso pode gerar na região inteira. Você consegue imaginar a instabilidade que um golpe e uma nova casa real em Zohayd causariam? Consegue pensar em algo pior do que uma nova ditadura “democrática” brotando do meio dos reinos? Você perdeu totalmente a cabeça? Que culpados você está tentando encontrar? Um deles está bem diante de você, o único que teve a oportunidade e os meios de armar tudo isso. Do que mais você precisa? Um vídeo com uma confissão arrogante depois que ele destruir a todos nós?

– Eu juro que *vou* acabar com você, Amjad – Shaheen rosnou.

– Como quiser, Shaheen. – Amjad levantou as mãos, tomado pela agitação do momento. – Achei que a volta de Johara era o plano de uma mulher para conseguir tudo o que pudesse da família real em que ela cresceu. Mas é muito pior. Está claro como tudo aconteceu. Berj a

convocou para ajudá-lo a pôr em prática seu plano e fingiu um ataque do coração para ter um motivo para chamá-la de volta. Ele deve tê-la mandado procurar você para garantir que ninguém questionasse a volta dela, não com o duplo álibi de ser a filha perturbada e a amante sem esperanças. Teria funcionado espetacularmente se Aliyah não tivesse descoberto o roubo.

Shaheen bateu ambas as mãos espalmadas nos ombros de Amjad.

– Você vê traição em todos os lugares, Amjad. Você está tão envenenado que não consegue nem perceber como suas suspeitas se contradizem. Em um momento, você acha que Berj e Johara seriam estúpidos o suficiente para fazer algo assim, pois seriam os primeiros suspeitos; depois, você os acusa de serem perfeitos manipuladores. Você é quem está tão cego que não consegue ver o quão superficiais são as evidências contra eles e como elas não se encaixam.

– Isso faz sentido – Aliyah concordou. – Alguém pensou que Berj e Johara seriam os bodes expiatórios perfeitos se o plano fosse descoberto.

– Se os instintos de Aliyah e Shaheen dizem que você e seu pai são inocentes... – Kamal olhou para Johara, com uma promessa brilhando em seus olhos dourados. – Então você é inocente. Você tem a minha palavra de que eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para defender você, para descobrir quem tentou incriminá-la e para puni-los por isso.

Amjad ergueu as mãos, impaciente.

– Já que a voz da sanidade não está conseguindo acabar com esta sociedade de admiração mútua, eu farei algo impensável. Vou admitir que posso estar errado. Mas, caso eu não esteja, considerem as consequências que possam surgir por caçarem culpados ficticionais enquanto os verdadeiros saem impunes com as joias, o trono e a estabilidade da região.

– Sua preocupação foi considerada, Amjad. – Shaheen murmurou. – E rejeitada. Agora prometa que não vai perseguir Johara ou Berj de maneira alguma.

Amjad encarou os olhos do irmão por um último instante, antes de encolher os ombros.

– Só posso prometer uma coisa: se Harres ficar a par de tudo isso e acreditar no mesmo, já que você tem mais a perder do que qualquer um de nós, eu deixarei que você conduza a situação.

Shaheen concordou brevemente com a cabeça.

Aliyah então pareceu concluir o assunto.

– Agora que não estamos mais brigando entre nós mesmos, todo cuidado ao lidar com isso será pouco. Mesmo que os ladrões saibam que nós não poderíamos conduzir uma investigação aberta se descobríssemos as falsificações, dar a falsa segurança de acreditar que nós não as descobrimos nos ajudará a desmascará-los e a recuperar as joias antes da Cerimônia de Exibição.

Depois disso, Aliyah e os homens determinaram o papel de cada um deles na investigação, sendo Kamal, por ser a parte mais neutra, o escolhido para informar Harres.

Johara ficou ao lado de Shaheen, estarrecida, enquanto eles se despediam.

Após o último eco do helicóptero de Aliyah e Kamal e do carro esporte de Amjad desaparecer o horizonte, Johara permaneceu olhando cegamente para o vazio.

Ela se assustou quando as mãos de Shaheen pousaram em seus ombros.

– Entre. Está frio, *ya galbi*. Você precisa sentar-se, vou ajudá-la a digerir tudo isso.

Enquanto concordava, ela ouviu outro barulho distante. Em segunda, viu o que era. Uma procissão de imponentes limusines negras brilhando contra o sol poente, cada uma ostentando a bandeira dourada e esmeralda de Zohayd.

Shaheen se enrijeceu.

– É tudo o que eu preciso para terminar este dia. Meu pai. – Ele virou-se para ela. – Por favor, espere em nosso quarto. Vou resolver o que quer que seja o mais rápido possível.

Ela pôde apenas concordar e obedecê-lo como um robô.

Em minutos, ela estava sentada na beira da cama dele – deles, por enquanto –, seus nervos se retesando a cada som dos movimentos da comitiva, as vozes que ela distinguia sendo de Shaheen e do rei, e o som de passos urgentes subindo as escadas, se aproximando cada vez mais.

A porta do quarto de Shaheen se escancarou.

Shaheen olhava por detrás do pai, como quem o empurraria do caminho. Então o rei Atef adentrou o espaçoso quarto, vestindo o traje real completo, dispensando os protestos do filho.

Ela levantou-se da cama, sentindo que estava prestes a receber o golpe de misericórdia. Então o rei desferiu-o:

– É verdade, Johara? Você está grávida de um filho de Shaheen?

CAPÍTULO NOVE

SHAHEEN ENCAROU a nuca do pai, a pergunta reverberando em sua mente. Seu olhar moveu-se e se fixou no rosto petrificado de Johara. Os olhos dela estavam presos nos do rei, cheios de uma negação surpreendida.

Com a voz embargada, ela respondeu:

– Não, não estou.

E então ele obteve a confirmação.

Johara *estava* grávida.

Shaheen sentiu o coração entrar em uma espiral, como se estivesse na queda de uma interminável montanha-russa.

No momento em que descobrira que ela havia ido embora, ele se perguntara se houve consequências da entrega deles à paixão sem nem ao menos pensarem em proteção. Pensar que ela poderia ter descoberto a gravidez sozinha exacerbou sua angústia pelo desaparecimento. Mas ela não dissera nada desde que voltaram a ficar juntos, o que lhe dera a certeza de que ela não estava grávida. Então, depois da primeira vez que ela o impedira de usar proteção, fazendo-o acreditar que ela tomara as próprias precauções, eles fizeram amor repetidas vezes durante as últimas duas semanas, e ele acreditara que não havia chances da paixão deles gerar frutos.

Mas ela não tomara precauções porque já estava grávida. E não contara a ele devido à aparentemente inabalável decisão de nunca comprometê-lo ou fazer exigências, já que ele seria incapaz de atendê-las.

Do fundo do abismo, ele ouviu a voz de seu pai, carregada de remorso e desculpas.

– Desculpe-me, *ya b'nayti*, se estou aliviado em ouvir isso. Não poderia desejar uma esposa melhor para Shaheen, mas, como rei, a última coisa que posso considerar são meus desejos. Com a situação atual e o compromisso de Shaheen em apaziguar os ânimos, sou forçado a considerar apenas isso, a qualquer custo para mim e para minha família.

Shaheen viu Johara concordar, seu cabelo dourado formando uma suave onda de resignação ao redor do rosto. Então ele se moveu, passando pelo pai.

Ele parou diante dela. Incapaz de tocá-la como suas emoções demandavam, ele ouviu um estrondo ressoar dentro de si.

– Você não acreditou em mim. Quando eu prometi que ficaríamos juntos, que eu seria seu e de mais ninguém. E é por isso que você nunca me contou. Você planejava me abandonar “ao meu destino” sem me contar. Você planejava ter o nosso filho sozinha.

Ela baixou os olhos, como se para desviá-lo da verdade que agora corria em suas veias.

– E-eu disse que não estou grávida.

Ele então a tocou, apenas um dedo abaixo do queixo, erguendo aqueles olhos que ele precisava tanto encarar para se sentir vivo.

– Sim, porque você é irremediavelmente heroica e equivocada e quer se sacrificar pelo meu suposto bem e o de Zohayd. Seus olhos ainda me prometem liberdade, quando minha única liberdade é ser seu.

Seu pai avançou, a confusão e o pressentimento guerreando em seu rosto vivido.

– Então é verdade?

Johara encarou os olhos de Shaheen, na tentativa de esconder a trêmula verdade antes de ela se quebrar. E o que veio foi uma cascata de lágrimas suplicantes.

– Sinto muito...

Ele a abraçou, apertando-a contra si.

– Sinta por esconder isso de mim, por pensar em me privar não só de você, mas de nosso filho também. Você não entendeu que eu preferiria morrer a perdê-la?

– Eu também. – Ela soluçou no peito dele. – Mas eu nunca quis causar nenhum problema. E foi só o que fiz até agora. Oh, Shaheen, eu não deveria ter ido àquela festa...

– E o que eu sou, um menino sem vontade própria que não percebe as consequências dos próprios atos? Tudo o que fiz, eu faria novamente da mesma maneira. A única coisa que eu faria diferente seria amarrar você no meu pulso para que jamais me abandonasse pelo meu “próprio bem”, e eu também estaria presente para celebrar a descoberta da gravidez com você. – A raiva pelos esforços dela em protegê-lo explodiu novamente. – Você dormiu em meus braços todos os dias, me contou tudo... Menos *isso*. Você algum dia me contaria?

– *Não*. – Os olhos dela transbordavam de súplicas. – Nunca quis esconder isso de você, mas não consigo pensar no futuro quando estou com você, não consigo imaginar você não fazendo parte da minha vida ou da vida do nosso filho. Tudo o que eu sei é que a minha gravidez causará isso que o rei está dizendo. Não consigo nem imaginar os danos se as pessoas souberem que seu herdeiro está a caminho.

– E os danos a nós, ao nosso bebê? Você não pensou nisso?

Um barulho penetrou o casulo de agitação deles. Shaheen virou-se para olhar para o pai e estremeceu com a mistura de amor, pesar e determinação congelada no rosto dele.

Então, com a voz embargada, o rei disse:

– Estou muito mais do que feliz por você ter uma mulher de quem gosta...

Shaheen o interrompeu.

– Eu *amo* Johara. Sempre amei e sempre amarei. Não haverá negociações sobre isso.

Sei pai continuou, um rei que não permitiria que o filho ou a dor que lhe causava o impedisse de honrar suas obrigações:

– O fato de essa mulher ser Johara torna tudo infinitamente melhor. Mas não há como impedir a reação em cadeia que isso desencadeará. – Ele se virou para Johara com o olhar pesado de remorso por ser incapaz de colocá-la em primeiro lugar. – A notícia da sua gravidez chegou até mim por meio

dos criados, então ela já deve ter se espalhado por toda a região. Tudo que podemos fazer agora é reescrever a história e esperar pelas consequências menos piores.

– O que você quer dizer?

O pai de Shaheen respirou profundamente.

– Vou anunciar que vocês já estão casados em um *zawaj orfi*. Mesmo sendo um casamento secreto, mal visto e, nos círculos reais de Zohayd, sem precedentes, ainda é legal. Diremos que foi por isso que você voltou para Zohayd depois de tanto tempo. Isso legitimará seu filho, e teremos um ritual matrimonial para tornar o casamento público e totalmente oficial.

Shaheen sentiu Johara tremer em seus braços e viu a esperança cintilar no rosto dela antes da dúvida destruí-la novamente.

– E o casamento político que Shaheen é obrigado a fazer? Como isso afetará as negociações e a paz em Zohayd?

Os ombros do rei se encolheram.

– Tentarei convencer alguma tribo a consentir que a filha seja sua segunda esposa.

– *Eu* não vou aceitar uma segunda esposa.

– Não descarte essa opção tão rápido, Shaheen.

– Nunca tive a intenção de me casar com ninguém além de Johara. Eu estava apenas ganhando tempo até... – Shaheen parou. Ele quase revelou o motivo pelo qual parecia ter concordado com as negociações. – Até descobrir uma saída com o mínimo de repercussões. Mas agora que sei o preço que eu teria pagado por não confrontar isso, não vou mais fingir.

– Que escolha você tem, Shaheen? Se você não fizer o que eles querem, haverá graves consequências. Eu sacrificaria qualquer coisa que não a paz de Zohayd para que você pudesse ter Johara. Mas, independentemente do que aconteça agora, você pelo menos terá seu filho, o criará como sendo seu e não será privado dele como eu fui privado de Aliyah até pouco tempo.

– Você, ao menos, está ouvindo o que está dizendo, pai? Você sacrificou seu único e verdadeiro amor e acabou achando que sua filha era sua sobrinha, e só porque *Ammeti Bahiyah* a salvou de uma vida no anonimato. Mas o que você ou o reino ganharam com seus sacrifícios? Você vem combatendo uma possível revolta atrás da outra desde então, a última há dois anos, quando o casamento de Aliyah e Kamal se desmanchou no último momento. E, mais uma vez, estamos enfrentando ameaças, e você

acha que me sacrificar irá aplacá-las? Por quanto tempo? Eles são como pirralhos birrentos: quanto mais eles ganham, mais eles querem e mais alto eles gritam. Você nunca vai satisfazê-los. Assim, eu vou me casar com Johara agora, e não depois, como eu estava determinado. E não como uma medida de controle de danos, mas porque estar com ela é a única coisa que eu sempre quis. E eu estarei com ela pelo resto da vida. Você e o resto das tribos vão ter que lidar com isso.

Johara agarrou-o.

– Não posso deixar que você faça isso com você mesmo, seu pai e o reino, Shaheen. Não por mim...

– É por todos nós. Por você, por mim e pelo nosso filho. Confie em mim, *ya joharet galbi*. Vou resolver isso.

Os dedos dela apertaram o braço dele, seus olhos firmes em determinação.

– Então me prometa que... se não conseguir, você me deixará partir.

– Eu prometo que nunca vou deixar.

Antes que ela pudesse protestar, o rei falou, sua voz como sinos de luto:

– Não faça promessas que você não pode manter, Shaheen. – Antes que Shaheen pudesse interrompê-lo, ele continuou: – Agora você vai voltar para o palácio comigo. Sua cerimônia de casamento precisa ser providenciada de uma vez.

– MINHAS SINCERAS congratulações, Johara, de um mestre manipulador para outro. Você é a melhor que eu já vi.

Johara enrijeceu-se ao ouvir a zombaria de Amjad. Shaheen a reconfortou antes de se virar para o irmão.

Foi Harres, que os encontrara na entrada principal do palácio, que respondeu:

– Fui eu quem recomendou que você fosse uma das duas testemunhas do casamento, Amjad. Posso muito bem substituí-lo pelo nosso pai. Ou qualquer um da rua.

– E me negar o prazer de entregar Shaheen à leoa que ele quer tanto que o devore? Você seria tão cruel assim? – Amjad pôs o braço sobre os ombros de Shaheen e encarou Johara. – Então, como você acha que Johara vazou a informação sobre a gravidez dela? Ela deve estar satisfeita com o escândalo

e os resultados. Você não é o único que mal pode esperar para se casar com ela. Todo mundo, inclusive eu, está empurrando você para ela.

Shaheen olhou para cima, antes de encará-lo com pena.

– Qual é o seu café da manhã? Duas xícaras quentes de paranoia?

Amjad riu, dando um abraço apertado antes de soltá-lo.

– Aposto que o gosto é melhor do que as xícaras de sentimentalismo insosso que você tem mandado goela abaixo.

– Que tal você tomar um gole de bom-senso, mesmo que seja algo estranho para você? – replicou Shaheen. – O palácio está cheio de criados cujo passatempo favorito é monitorar as pessoas e que só pensam em escândalos sexuais. Uma mulher que conhece os primeiros sinais da gravidez deve ter adivinhado a condição de Johara, “ligado os pontos” como você e aí espalhou os rumores. O *kabeer el yaweran* do nosso pai achou que os rumores eram muito perigosos para ser ignorados e lhe informou. Feliz agora?

– Extático. – Amjad juntou as mãos sobre o coração, fingindo alegria. – Eu vou ser tio!

Shaheen fez uma careta.

– Teoricamente. Na prática, não vou deixar você se aproximar de seu sobrinho ou sobrinha se não voltar a ser um ser humano.

– Quer dizer que eu já fui um? Estou lisonjeado. Mas vou deixar a natureza humana para você. Com toda a estupidez associada a esta condição. A qual, devo admitir, possui facetas muito interessantes. Foi muito esclarecedor aprender que você não se importa em mandar a região para o inferno, contanto que tenha Johara e sua cria vindoura. Que alívio saber que você não é perfeito afinal, Shaheen. Estava começando a ficar preocupado.

Shaheen fitou-o serenamente.

– E então, alguma nova acusação contra Johara e o pai dela, Amjad? Pode desabafar.

Amjad encolheu os ombros.

– Oh, só variações de velhos temas, de acordo com os acontecimentos. – Ele se virou para Johara. – A nossa Johara é mesmo cheia de surpresas, não?

Harres deu um soco no braço do irmão, apontando dois dedos para os próprios olhos.

– Mantenha seus olhos aqui, *faahem*.

Amjad massageou o braço com um largo sorriso de escárnio.

– Entendi. Você agora é um dos lacaios de Johara.

Harres estreitou os olhos.

– Eu *posso* ordenar que minha força especial o leve para algum lugar onde você possa destilar seu veneno até a cerimônia acabar.

– Você acha que eles iriam obedecê-lo, e não o príncipe da coroa? Estou quase tentado a demonstrar até onde vai a lealdade deles.

– Eu diria até os jardins da insanidade. Você os plantou, e não seria difícil convencê-los a levar você embora daqui.

– M-mas... *mããe!* – Amjad fez uma imitação espetacular de um menino mimado, e isso fez Johara pensar que nunca estivera na presença de alguém mais perigoso. Ou mais... solitário. – Sou a única diversão por aqui. O que seria desta festa sem mim?

Harres balançou a cabeça com uma intensa ternura misturada com exasperação e até pesar.

– Eu juro, às vezes você parece o mais novo, e não o mais velho.

A provocação de Amjad foi além.

– Mas você fica sendo o do meio de qualquer forma, mano.

– Você *disse* que apoiaria a minha opinião. Eu deveria saber que você só faria isso se ela coincidissem com a sua. – Harres virou-se para Johara com um pedido de desculpas no olhar. – Eu disse a Amjad que as teorias dele sobre você estar por trás da conspiração das joias e da criação de um escândalo para forçar Shaheen a se casar com você se anulam. Se a conspiração vingasse, Shaheen não seria príncipe. Por que sabotar o status pelo qual você estaria se casando?

Amjad levantou a mão em outra imitação de um estudante ansioso na sala de aula.

– Eu sei essa! – Johara olhou relutante para ele. O homem era eletricamente carismático, mesmo quando a insultava com todas as forças. Seus olhares se encontraram, e ele ainda falou dela como se ela não estivesse ali: – É uma situação em que ela só teria lucro. Se a conspiração funcionasse, ela receberia uma bolada; Shaheen perderia o título, porém ainda teria o dinheiro e o poder como homem de negócios e sheik, e ela, ainda assim, manteria o cabresto nele. Então, quando ela tivesse todo o

poder nas mãos, negociaria a devolução das joias a qualquer preço, por meio de terceiros, e ficaria com tudo.

Harres bufou gravemente.

– Caramba, Amjad. Você consegue viver com essa coisa que você chama de cérebro dentro da cabeça?

– Está com inveja porque não tem nada dentro da sua? Deve ser por isso que o nosso chefe da segurança interna e do serviço secreto confia tanto nas pessoas. Quase me sinto obrigado a informar isso ao conselho. Aposto que eles o expulsariam de lá aos chutes se tivessem uma ideia do romântico desmiolado que você é.

Shaheen sorriu forçadamente para ele.

– Herdeiro da coroa ou não, Amjad, nós estamos em maior número que você. Que tal se nós tirássemos *você* daqui aos chutes?

Amjad abriu um sorriso perturbador para os irmãos, tão seguro de seu poder que sua postura era imperturbável.

– Calma, rapazes. Nunca ouviram falar do prezado cargo de advogado do diabo?

– Você quer dizer “assistente do diabo” – Harres ponderou. – Logo agora. Você é doentio, Amjad.

– Vou sobreviver. Mas, realmente, que hora melhor do que esta? Além do mais, vou ter que conter minha agressão para sempre. E, com Shaheen pensando com outras partes do corpo que não o cérebro, você era minha última esperança de alguém enxergando além do drama malfadado se desenrolando aqui.

Naquele momento, o rei chamou Shaheen e Harres, deixando Amjad sozinho com Johara.

Ela esperou até que eles se afastassem. E então atacou.

Agarrou o antebraço de Amjad, fincando os dedos com toda a força. Ela percebeu a surpresa dele em seu fôlego, viu as pupilas se dilatarem ao máximo, engolindo a inquietante esmeralda de seus olhos.

– Escute aqui, Amjad – ela disse entredentes. – Não estou em condição de escutar mais nenhuma de suas adoráveis teorias sobre minha astuta traição em longo prazo. Eu amei Shaheen desde o momento em que coloquei meus olhos nele, até mesmo antes que ele salvasse a minha vida. Pensei que viver com meu amor sem esperanças fosse a pior coisa que eu jamais sentira. Então eu voltei para a vida dele e percebi que ele me amou

desde sempre também, e minha dor se transformou em agonia. Sinto como se estivesse em um pesadelo, realizando meu sonho de ter Shaheen, porém desta terrível maneira. Tudo o que posso esperar são alguns meses com ele, se muito, e então uma vida sem ele, quando ele me amará e precisará de mim e do nosso bebê tanto quanto nós dele, mas ele será forçado a viver sem nós. Então agradeça aos seus demônios que você *nunca* amou desta forma e evidentemente *não amará* mais ninguém – continuou. Você nunca sofrerá as agonias e os êxtases de nossa conexão tão profunda e o desespero de quando eu tiver que deixá-lo. E eu *não* vou deixar que você cause mais problemas a ele. Então, para citar Shaheen, de agora em diante, Amjad, cale a *boca!*

Ela ficou em silêncio, encarando-o, tremendo, com as emoções percorrendo seu corpo. Se a estupefação tomasse a forma humana, ela seria Amjad.

Quando ele permaneceu em silêncio, ela soltou o ar dos pulmões, arquejante.

– Agora pare de pensar em mim e concentre seus formidáveis poderes na coisa mais importante. As joias.

Ele balançou a cabeça, como se para acordar de um transe. Então finalmente balbuciou:

– Sempre compensou pensar no pior e fazer alterações depois se fosse preciso. Assim, eu farei o que puder para reparar minha atitude quando... *se* eu me convencer da sua inocência. Apenas me responda isso, Johara: se você e seu pai *são* inocentes, por que vocês não reconheceram as falsificações?

– Eu sei por quê. – Johara se assustou ao ouvir a declaração de Shaheen. Ele e Harres haviam voltado para perto deles. – Berj caiu em depressão, e sua inabilidade de focar no trabalho, portanto, sua falha em perceber as falsificações, é o motivo dele para se aposentar. Johara não se aproximou das joias desde que partiu de Zohayd, há vinte anos.

Amjad franziu os lábios para considerar aquelas racionalizações.

– Eu ainda preciso interrogar Berj.

Shaheen bufou.

– A única coisa que o salva de levar um gancho nesta sua mandíbula implacável é que eu não quero minha mão inchada sobre a dela na cerimônia de casamento.

– Posso ser seu parceiro com as juntas inchadas. – Nos olhos ferozes de Harres brilhou uma mistura de pura diabrura e perigo absoluto.

Amjad assobiou admirando, zombando deles.

– Nossa, como vocês estão cheios da melhor agressividade masculina. Quietos, rapazes. Vou questioná-lo como parte legítima da investigação, não como um suspeito.

– Você pode *me* interrogar o quanto quiser, mas não se atreva a se aproximar de meu pai.

– Precisamos que ele examine as falsificações – Amjad persistiu.

Johara balançou enfaticamente a cabeça.

– *Eu* farei isso.

– Você é qualificada? – Ela o encarou. Ele levantou a voz, em concessão.
– Tudo bem. Qual o seu plano?

– Analisarei o trabalho e farei uma lista de possíveis falsificadores. Há um número limitado de artistas no mundo capazes de produzir réplicas quase indistinguíveis. Estudei cada um exaustivamente e posso diferenciar seus estilos.

Depois que Shaheen e Harres concordaram que esse era o melhor plano, Amjad se aproximou, curvando o braço sobre ela. Ela piscou, aturdida. O que esse homem confuso estava fazendo?

– O que você está fazendo? – Shaheen expressou a suspeita dela.

Os olhos de Amjad se enrugaram no que parecia ser um sorriso verdadeiro.

– Johara precisa escolher as joias que ela usará no casamento. E, como o noivo é proibido de vê-la até a cerimônia... – Amjad olhou para ela. – Estou pedindo que ela me conceda a honra de acompanhá-la até os cofres.

Depois de um longo instante de silêncio, Harres gargalhou.

– E os milagres não param de acontecer.

Shaheen pareceu lutar contra a indecisão antes de acenar para que ela aceitasse a oferta de Amjad.

– Se você disser mais uma palavra para chateá-la...

– Não se preocupe, Shaheen. – Amjad piscou para ela. – Quando eu chamei Johara de leoa, não sabia nem da metade. Ela obviamente pode defender a si mesma e você contra um exército inteiro.

– OUVI DIZER que você usou preto no seu casamento.

Aliyah riu do comentário de Johara, olhando as diversas roupas que foram trazidas para Johara escolher.

– Escolher a cor do luto e do poder em Judar foi minha maneira de mostrar a Kamal o que eu achava de ser forçada a me casar. Sua, bem, reação *muito* favorável foi um sinal de que *somos* feitos um para o outro. – Aliyah parou alarmada. – Não me diga que você está pensando em me copiar!

– Ah, não. Só espero que você não queira que eu use branco. – Johara alisou sua barriga ainda plana. – Vai ser engraçado quando todos souberem que estamos nos casando porque estou grávida.

– Você está se cansando porque está apaixonada – disse Laylah, já vestindo a roupa que usaria na cerimônia, um sonho em duas peças de um cetim reluzente e um chiffon etéreo em tons de esmeralda e turquesa, trabalhado à exaustão em paetês, contas e pérolas. – Não deixe que as circunstâncias a enganem.

Johara transmitiu sua gratidão com um olhar. Laylah e Aliyah estiveram com ela a manhã toda, acalmando-a. Não que ela tivesse imaginado o casamento dela com Shaheen, já que ela nunca pensara que haveria um, mas ela mal dormira na noite anterior, temendo a pomposa e tensa cerimônia que os *tornariam* casados.

Faltavam apenas duas horas. E ela ainda não conseguia escolher um vestido. Ela balançou a cabeça para outra sugestão de Aliyah.

Aliyah suspirou ao colocar a roupa de volta na prateleira lotada.

– Você está certa. Nenhuma dessas é... *você*.

– Talvez você devesse ir à cerimônia usando apenas as joias. – Laylah piscou para ela. – Quem precisa de roupas quando se está adornada com as peças inestimáveis do *Orgulho de Zohayd*?

Aliyah trocou um olhar com Johara. Laylah não sabia de nada.

Antes que algo mais pudesse ser dito, uma batida soou na porta da suíte de Johara, onde ela insistira em permanecer até após a cerimônia.

Aliyah correu para atender a porta.

Após um momento, ela se virou com o olhar e o sorriso praticamente dançando de excitação.

– Feche os olhos, Johara!

– O quê...? – perguntou Johara, confusa.

Laylah correu para trás do sofá onde Johara estava sentada e tampou os olhos dela.

– Estão fechados! – ela avisou para Aliyah.

Após alguns instantes ouvindo risadinhas das duas mulheres, Aliyah cantarolou “tá-dá!”, e Laylah retirou as mãos.

Johara piscou. E ficou boquiaberta.

Aliyah segurava a roupa mais incrível que já vira na vida. E, na sua profissão, ela já vira o melhor que a criatividade e a habilidade humana podiam oferecer.

– *Isso*, sim, é você! – Aliyah anunciou orgulhosa. – Cortesia do homem que melhor a conhece e valoriza, seu noivo apaixonado! Tem um bilhete também.

Aquilo tirara Johara da paralisia. Ela avançou em direção à verdadeira parte inestimável do presente, sem pensar duas vezes. Suas mãos tremiam e seus olhos se encheram de lágrimas ao ver a elegante e poderosa caligrafia de Shaheen, e quase pôde ouvi-lo sussurrar aquelas palavras.

Lan ustatee abaddan ann oteeki ma yoofi jamalek huqqun, fahal turdeen an ta'khothi nafsi kollaha awadan, ya joharet hayati?

“Eu jamais poderia lhe dar algo que fizesse justiça à sua beleza. Mas você me aceitaria como marido, joia da minha vida?”

Ela ficou entorpecida por um tempo indeterminado, enquanto Aliyah e Laylah a cercaram, compartilhando aquela intensa alegria.

Então Laylah finalmente se acalmou.

– Se você *não* quiser comparecer ao casamento usando apenas joias, é melhor vestir logo esse milagre.

E milagre era a palavra certa. Os tons de dourado e marrom refletiam a cor de cada fio de seu cabelo, com as melhores sedas, georgettes, chiffons, laços e tules, criando uma roupa de três peças que parecia ter sido esculpida sobre ela.

Aliyah e Laylah comentaram que esse era outro milagre: um homem que conhecia cada centímetro de sua mulher e que conseguia traduzir este conhecimento íntimo de maneira tão precisa.

Ela usara vestidos incríveis desde que fizera 16 anos, mas esse não era apenas ela, era também o melhor que ela poderia ser.

A parte de cima era como um corselete, acentuando as curvas da cintura e a exuberância dos seios, com pequeninas mangas e um profundo decote

que exibia a brancura da pele e a maravilha de cada joia que ela usava no pescoço e nos braços.

A saia *lehenga* de jacquard concentrava-se de um lado, envolvendo os quadris em curvas fartas antes de descer em dobras justas até o chão. O bordado e o corte eram de uma habilidade que ela jamais vira, com paetês, fios de seda, pérolas e gemas, tudo nos mais tradicionais motivos zohaydianos ao redor da primeira letra dos nomes dela e de Shaheen em árabe, o que a surpreendeu novamente, já que isso significava que a roupa fora feita nas últimas 24 horas especificamente para ela. O toque final era uma esvoaçante *dupatta* de seda e chiffon com os mesmos motivos nas bordas, pendurada do meio da cabeça de Johara e presa por uma tiara que valeria o resgate de uma rainha se fosse autêntica.

Ela ficou ali, vestindo a roupa completa, com o prazer pela beleza de tudo aquilo se dissipando.

Tudo isso para uma cerimônia tão estéril.

– Chegou a hora, Johara.

Ela espantou o desânimo e correu para sair do quarto na frente de Laylah e Aliyah. Não importava o que era. Como dissera a Amjad, era muito mais do que já sonhara.

Ela estava se casando com Shaheen. E iria ter o filho dele.

Aqueles eram os verdadeiros milagres.

CAPÍTULO DEZ

A PEQUENA procissão de Johara começou a ganhar seguidores assim que elas saíram no corredor que levava aos seus aposentos.

Cada vez que ela olhava para trás, mais mulheres haviam se juntado à fila, e logo havia algumas dúzias delas, sorrindo de orelha a orelha e dando risadinhas.

Cada grupo de quatro mulheres vestia a mesma roupa, com as cores da vestimenta de cada grupo variando entre os mesmos tons escuros de creme e bege. Da última vez que ela olhou para trás antes de alcançarem o piso principal do palácio, a formação da fila e a gradação de cores do tom mais claro logo atrás de si até o tom mais escuro no fim da fila não deixavam dúvidas.

Aquele era seu cortejo nupcial.

Ela ouviu Laylah reclamar.

– Cara, estou parecendo um pavão!

Aliyah olhou para o próprio vestido de tons escuros de vermelho e laranja.

– E eu me sinto como um dragão cuspidor de fogo. Alguém deveria ter nos informado qual seria o esquema de cores.

– Alguém... – Laylah acrescentou, caso Johara não tivesse escutado. E, na condição dela, ela não *tinha*. – Queremos dizer, seu noivo vai pagar caro por decidir os trajes do cortejo nupcial com base no seu vestido e nos deixar no breu. Ou melhor, em *technicolor*.

– No futuro – Aliyah reclamou –, seus filhos vão olhar o seu álbum de casamento e perguntar por que as tias estavam empoleiradas ao seu lado parecendo papagaios.

– Vocês são as cores dando vida a isso tudo. – Elas lançaram um olhar de “sim, com certeza” para Johara, que continuou: – Eu não poderia usar essas cores, e Shaheen sabia disso. Mas a beleza vívida de vocês jamais poderia se sujeitar a algo menos ardente e vital. E esta é minha opinião profissional. Eu nunca escolheria cores que não fossem arrojadas e vibrantes para vocês. E mal posso esperar para desenhar alguns vestidos que só vocês fariam justiça!

– Eu sempre achei que iria gostar de você se a conhece melhor, mas eu estava errada. – Laylah abraçou-a fervorosamente. – Eu vou *amar* você.

Aliyah a abraçou do outro lado.

– E eu já amo. Sentir o quanto você ama Shaheen já é o suficiente.

Johara fitou os olhos de Aliyah e percebeu que era por isso que ela decidira que Johara era inocente no roubo das joias. Sendo ela mesma uma mulher apaixonada, Aliyah reconhecera que Johara preferiria morrer a causar algum dano ou magoar Shaheen.

Sentindo as lágrimas se formarem, ela se distraiu olhando ao seu redor. Não queria encontrar Shaheen com os olhos vermelhos e a maquiagem borrada.

Logo, o esplendor daquele lugar ocupou sua mente para valer: o palácio que ela considerara seu lar, onde ela vivera a maior parte da infância, a melhor parte de sua vida.

O fato de crescer ali instigara as chamas das tendências artísticas que Johara herdara dos pais. Mudar da funcionalidade simples de Nova Jersey para esse país das maravilhas, cheio de beleza, exotismo e grandeza, nascido de influências persas, otomanas e mongóis incendiara sua imaginação desde o primeiro dia.

Mas de nada serviria tudo aquilo se as joias não fossem encontradas. Se ela não conseguisse descobrir quem as falsificara...

– Chegamos!

Ela estava diante das portas do salão de cerimônia onde o desfile nupcial para Shaheen acontecera. Embora tivesse sido agonizante estar ali naquela noite, ela sentia-se extasiada.

Quando criança, ela nunca pudera ir aos eventos reais que aconteciam ali. Mas, quando tudo estava calmo, Shaheen a levava lá sempre que ela desejava, podendo ficar o quanto quisesse, tendo o lugar só para ela para desenhar cada canto, cada detalhe incrustado, cada peça, cada painel de caligrafia.

Parecia que toda grandeza, propósito e filosofia do design do palácio convergia para aquele salão octogonal. Era o centro do palácio, graciosamente fechado por sua cúpula de mármore central de trinta metros de largura e altura, as paredes cobertas por formas geométricas intrincadas, os seis arcos ascendentes definindo o espaço ao nível do solo, cada um coroado por um segundo arco a meio caminho da parede, com arcos superiores formando balcões. Fora nestes que ela aprendera as melhores lições de perspectiva.

A alguns metros das imponentes portas duplas do salão, intensamente trabalhadas em motivos zohaydianos de bronze, ouro e prata em relevo, a música elevou-se, em meio à fumaça e ao aroma dos incensos.

Então quatro criados vestindo trajes pretos com bordados dourados abriram as portas enormes.

Johara parou, e tudo desapareceu.

Ela pensara que a cerimônia era uma questão de controle de danos, servindo para duas coisas: para o rei anunciar o suposto casamento secreto e para que eles pudessem pôr as mãos nas joias falsas. Mas isso... isso...

Ela jamais poderia ter esperado por *isso*.

Johara moveu-se novamente, propelida pelo ímpeto de suas companheiras pela entrada que parecia se abrir para outra dimensão. Para uma cena das mais luxuosas d'*As Mil e Uma Noites*.

De cada arco, pendiam fileiras de queimadores de incenso e tochas flamejantes, e, em cada parede, havia maravilhosos arranjos de rosas brancas e douradas contra um exuberante fundo de folhagens. Cada pilar estava envolto em cetim da cor de bronze, trabalhado em padrões dourados e com borlas prateadas. O piso de mármore estava coberto por um brilhante pó de ouro. Tudo cintilava sob a luz ambiente como o cofre de Midas, sob o doce aroma de *ood*, almíscar e âmbar.

E naquela cena havia muito mais do que as duas mil pessoas presentes na primeira e única cerimônia da qual ela participara ali. Era uma variedade impressionante de pessoas vestindo desde os últimos e exclusivos lançamentos da moda até trajes tirados dos contos de Xerazade.

Seus olhos febris faziam paradas erráticas nos rostos que reconheciam. O rei Atef e o rei Kamal, sentados lado a lado em uma plataforma, em assentos que lembravam tronos. Dezenas de figuras políticas internacionais importantíssimas e celebridades. A rainha Sondoss e os meios-irmãos de Shaheen, Haidar e Jalal, e provavelmente outros membros e parentes do clã Aal Shalaan.

O único que ela não conseguia encontrar era Shaheen.

– Johara, respire!

Ela inspirou ao ouvir Laylah. E depois de novo.

– *Pare*. Você está hiperventilando! – exclamou Aliyah.

Ela se obrigou a controlar a respiração. Já podia imaginar as manchetes se ela desmaiasse:

“Noiva de Aal Shalaan grávida desmaia na cerimônia de casamento.”

Sua visão clareou, e seus passos se firmaram quando a multidão claramente embasbacada abriu caminho para que ela e a procissão passassem. Ela sentia que caminhava sobre o chão imaterial de um sonho, enquanto o trovão de palmas elevava-se acima da música, que ela percebera que vinha de um enorme conjunto ao vivo. A percussão característica da melodia era da mais famosa música de casamento de Zohayd, aquela que chamava a todos para admirarem o esplendor da noiva e a sorte fenomenal do noivo. Quando Aliyah e Laylah começaram a cantar junto, ela já flutuava.

Então ela viu seu pai.

Ele estava sob os três degraus cobertos por cetim dourado que levavam a uma plataforma também coberta por cetim dourado no epicentro do salão. Ela o escolhera para ser seu representante, aquele que colocaria a mão sobre a de Shaheen durante o ritual. Johara pensara que todos se sentariam e que tudo terminaria em minutos. Agora esse papel incluía levá-la até o noivo, com toda a cerimônia cuidadosamente coreografada.

Ela o vira com Shaheen e o rei na noite anterior por alguns minutos, quando fora lhe contar sobre sua situação. Dizer que ele havia ficado chocado seria o eufemismo do século.

Ele agora a esperava, sua esguia figura acentuada por uma túnica justa de seda cor de bronze e uma calça, o peito pesado e reluzente pelo brilho e as cores das medalhas de honra e distinção que recebera ao longo dos anos de serviço, seus ombros largos exibindo as marcas da altíssima posição que renunciara. Ela sentiu Aliyah e Laylah se distanciarem conforme subia os degraus, cada uma divergindo para um lado da plataforma e levando uma porção da procissão para formar um círculo. Ao chegar ao topo, seu pai segurou as mãos dela, o choque anterior substituído por uma perplexidade insistente cheia de uma alegria contida.

Mas foram as desculpas escondidas no fundo dos olhos negros dele que a fizeram abraçá-lo com tanta força.

Ele deixou escapar um débil suspiro enquanto seus braços tremiam ao redor dela.

– Desculpe se estive tão absorto em meus problemas que nem notei o que estava acontecendo com você. Foi por isso que você achou que não podia me contar? Você achou que eu não a apoiaria?

A mortificação surgiu dentro dela. Ele não estava a par de mais coisas sobre ela do que poderia imaginar.

– *Não*. Se é um problema meu, o senhor sempre saberá, papai.

– Mas era algo que envolvia Shaheen também, e você estava protegendo-o. – Ela balançou a cabeça no ombro dele. Ele suspirou e se afastou para encará-la, seus olhos na altura dos dela. – Você o ama? – Ela balançou a cabeça novamente, sabendo que não precisava dizer o quanto nem há quanto tempo. Estava claro nos olhos dela. – Então esta é a melhor coisa que já me aconteceu, ver você se casando com o homem que ama. Não consigo pensar em um homem melhor para você ou em um homem melhor do que ele. Acho que Shaheen é o melhor de todos os príncipes.

– Melhor até do que eu, Berj? Você me considera tanto assim? Johara se assuntou quando Amjad se aproximou, abraçando os ombros do pai. – Onde foi que eu errei?

– Príncipe herdeiro Amjad... – O pai de Johara parecia totalmente confuso. – Não tive a intenção de ofendê-lo...

– Oh, não peça desculpas a ele, pai. – Johara encarou Amjad mostrando-lhe dentes em advertência, tentando descobrir se ele iria fazer algo mais além de importunar.

– Falou minha futura cunhada. – Amjad fez aquilo que fazia tão bem, olhar nos olhos de alguém e falar na terceira pessoa, desprezando-a. – Parece que agora você tem licença para ofender, Berj. E espero que você reconsidere sua opinião. Não vamos querer que eu tenha uma boa reputação, vamos?

Enquanto o pai de Johara sorria como quem acabara de entrar no meio de uma conversa e estivesse muito envergonhado para perguntar o assunto, os olhos de Amjad pousaram na incrível cópia da gargantilha em cascata de puro ouro, incrustado em diamantes de 250 quilates cuja cor variava do mais puro gelo ao dourado. A joia cobria o colo de Johara do pescoço até início do decote.

– Então, Berj, na sua opinião, qual é o *verdadeiro* orgulho de Zohayd? Sua filha ou isto aqui?

Ele tocou o colar. Ela pisou no pé dele.

Amjad sequer piscou quando o salto alto dela esmagou seus ossos; sua única resposta foi intensificar o tormento no olhar. O cabo de guerra fora sutil o bastante para passar despercebido, pois o pai dela quase pulou de susto quando Amjad jogou a cabeça para trás em uma gargalhada, como se fosse do nada. O som era tão predatório que ela teria ficado assustada se não estivesse tão furiosa.

Johara estava prestes a sussurrar para Amjad que ela seria capaz de uma retaliação ainda mais evidente se ele ousasse romper o acordo, quando uma tempestade de murmúrios se irrompeu, interrompendo a música e atraindo sua atenção.

A multidão se virou em direção ao novo foco, mas ela já sabia. Era Shaheen.

– Exibido – Amjad murmurou. Então se inclinou para proferir suas próximas palavras no ouvido dela: – Aproveite. Mas não tanto a ponto de esquecer-se do que isso realmente se trata.

– E *você* não se esqueça das minhas forças especiais guardando a saída do salão.

Harres se materializara ao lado dela. Ele lançou um olhar de apoio a Johara e uma sutil repreensão a Amjad, fazendo-o se afastar acenando para que ela e Berj continuassem.

No instante em que o quarteto desceu pelo outro lado da plataforma, as luzes diminuíram até o salão mergulhar na escuridão, com apenas um

holofote seguindo a procissão, focando-se em Johara. Ela mal conseguia enxergar os próprios passos.

Seu coração em alta velocidade acelerou ainda mais. Ela podia sentir que estava se aproximando da órbita de Shaheen e sentia os olhos dele acariciando-a, amando-a.

E, embora não pudesse vê-lo, ela se abriu, exibindo-lhe tudo que havia dentro de si. Johara deu-lhe sua gratidão por não ter deixado que essa fosse uma mera cerimônia. Mesmo que estivesse morrendo de vergonha e preferisse algo mais reservado e distante, ela sabia que esse era o jeito dele de gritar ao mundo o mais alto que podia o orgulho de ser dela.

E ela sabia que isso já estava causando danos incalculáveis.

Ela notara a ausência de todas as tribos com as quais eles vinham negociando. Ela só conseguia pensar no pior.

A música mudou para um ritmo mais quente. Seu coração o acompanhou, enquanto o holofote que a seguia dividiu-se em dois, levando consigo seu olhar.

E, então, a luz caiu sobre ele.

Ela parou, fazendo com que seu pai parasse também, e ouviu Amjad bufar quando ele e Harres quase se trombaram. Mas nada importava. Nada além de Shaheen.

Foi a primeira vez que ela o viu assim. E ele parecia um deus do deserto em trajes modernos!

Ela se moveu novamente, o desejo de examinar de perto cada detalhe dele eletrizando-a.

As vigorosas ondas de seu cabelo, agora roçando seu colarinho, cintilavam sob a luz, com línguas de fogo em seus olhos castanhos incandescentes. Seu rosto nunca parecera tão nobre, tão potente, cada traço acentuado pela intensa luz. O resto de sua perfeição estava envolto por um traje de três peças feito de seda *jamawar*, o marrom e o dourado fazendo coro à roupa dela. Um lenço estampado com uma engenhosa repetição da insígnia real preso por um incrível broche, outra peça do *Orgulho de Zohayd*, se sobrepunha à camisa dourada. Uma larga faixa de cetim cor de bronze unia a parte superior à calça de um cobre escuro que acentuava a força de suas coxas e pernas, ondulando no final para dentro de botas de couro marrom-escuras. Mas era o manto por cima de tudo que fazia parecer que ele viera do passado.

Johara sabia que ele estava fazendo tudo por ela, para honrá-la, para mostrar a ela que aquilo não era uma manobra de controle de danos, mas sim algo que ele queria fazer e que fazia com todo o alarde possível para que ninguém duvidasse de seu desejo e orgulho.

Antes que ela pudesse se jogar nos braços dele, uma loira em um traje creme, semelhante a um sári, e um homem de preto tão alto quanto Shaheen, com o cabelo negro até os ombros, surgiram da escuridão.

Johara quase engasgou.

Shaheen trouxera sua mãe e seu irmão!

Ela não via Aram cara a cara há mais de um ano e sentia a falta dele terrivelmente. Mais do que nunca, ele se parecia com um pirata, aparentemente tendo ficado mais imponente a cada ano, o oposto dela nas cores, tendo herdado os olhos turquesa ofuscantes de sua mãe e a pele morena e o cabelo negro de seu pai, combinado à altura da família materna com a robustez e a largura da família paterna. Sua mãe estava tão bela quanto sempre fora.

Ela então correu até eles, abraçando-os junto com Shaheen em sua alegria. Seus beijos começavam em sua mãe e iam para Aram, terminando em Shaheen com uma reiteração de agradecimentos por esse presente, o melhor de todos até então.

A música mudou novamente, para um timbre solene e grave, anunciando a próxima etapa da cerimônia.

Sua mãe a abraçou e beijou novamente.

– *Ma chérie*, nunca achei que esse dia chegaria. Estava tão preocupada com você.

Johara afastou-se, espantada.

– Você sabia?

– Eu sempre soube. – Os olhos de sua mãe ficaram marejados. – Foi por isso que eu nunca quis voltar para cá. Não queria expô-la a mais sofrimentos. Achei que seu amor por Shaheen só iria machucá-la, pois era impossível. Não consigo expressar o quanto estou aliviada, o quanto estou feliz por ter me enganado.

Ela se rendeu a outro abraço apertado, processando esse novo conhecimento. Aparentemente, ela era incapaz de manter um segredo. Todo mundo, exceto seu pai, a lera como um livro aberto.

Então um pensamento a atingiu e dirigiu-se a Aram.

– O que me lembra de uma coisa! – Seus olhos exibiam o desgosto por ele. – *Você* estava errado.

Ele pareceu surpreso por um segundo, seu olhar apontando acusadoramente para Shaheen antes de fitá-la novamente, sorridente.

– Se isso não prova que eu estava certo, não sei mais o que provaria.

– Você estava errado *naquela época*. E eu quero desculpas!

– Não vou pedir desculpas por ter feito o que eu tinha que fazer: protegê-la.

– Ah, mas você *vai* pedir desculpas. Para Shaheen! Como você pôde acusá-lo... daquilo? Logo você, o *suposto* melhor amigo dele!

– Não vamos ter *outra* briga entre irmãos aqui, vamos? – Harres murmurou. Acho que já vimos o suficiente.

– Brigas entre irmãos nunca são o bastante – disse Amjad, seu tom de voz incitando-os. – E, de novo, que melhor hora do que agora? Vamos lá, meninos e meninas.

Aram mostrou os dentes.

– Não tinha percebido o quanto senti a sua falta, Amjad.

Amjad retribuiu a careta, expondo o demônio que habitava seu corpo.

– Essa era a deixa para dizer que também senti a sua falta? Opa, errei.

O pai de Johara pigarreou.

– Percebo a cada segundo que não sei de nada do que está acontecendo ao meu redor. Vocês vão ter a piedade de não me fazer sentir como surdo?

Johara e Aram o abraçaram, desculpando-se. Shaheen esperou um instante e então abraçou os quatro.

– Não haverá mais brigas entre nós. – Ele olhou enfaticamente para cada um deles. E falara de todos: entre ele e Aram, ela e Aram, os pais de Johara. – Agora precisamos acabar com a agonia do *ma'zoon*. Depois da cerimônia, ele passará o resto da noite imprimindo nosso livro de matrimônio.

Então eles se separaram, e Berj colocou a mão sobre a de Shaheen, que abraçou Johara de lado enquanto a guiava, juntamente com sua procissão, ao destino final, uma miniatura dourada do palácio – o *kousha* –, onde o *ma'zoon* os aguardava e onde eles se sentariam durante os procedimentos do casamento.

Quando eles se sentaram no sofá de brocado de seda, Johara entre Shaheen e seu pai e o resto dos familiares em ambos os lados, ela trocou um olhar de total amor e aliança com ele.

E o ritual começou.

DEPOIS DE três horas de festividades intensas, Johara estava no quarto de Shaheen, tirando as joias diante da cômoda, ainda aturdida.

Shaheen queria tê-la levado para o lar deles por mar, ou ainda de avião, para terem a noite de núpcias a bordo de seu jato. Mas as joias eram proibidas de deixar o palácio.

Ela não se importava. Johara vinha imaginando estar com ele naquele quarto desde aquele fatídico encontro, na noite em que ela voltara para Zohayd.

Shaheen fora informar que as joias seriam devolvidas pela manhã. Quando ela perguntara qual desculpa ele daria, ele a fez desejar que não tivesse feito tal pergunta. Ela corou, pensando sobre isso.

– Tire sua *dupatta*, *ya joharti*.

Ela se virou conforme a ânsia naquele murmúrio grave reverberou em suas costas. Ela o observou se aproximar, suas mãos obedecendo-o automaticamente.

Enquanto ela despia a *dupatta*, ele arrancou o lenço do pescoço, lançando-o ao chão.

– Agora sua *lehenga*.

Ela obedeceu novamente, de uma vez, incapaz de esperar até se livrar das roupas para estar sob seu corpo, dominada, invadida, completa.

Ele percorreu o meio metro que os separava, retirando o manto enquanto ela despia a saia, e então ambos tiraram a parte de cima. Ela sorveu o show de força e simetria dos movimentos dele. Logo, tudo o que restava era a calcinha dela, que ela retirou em troca da faixa dele. Tudo o que lhe restava eram as sandálias de sete centímetros.

– Essa é a maior das injustiças – ela reclamou, quando ele parou diante dela vestindo as calças baixas e as botas, um colosso esculpido pelos deuses da virilidade. – Você sempre usa mais roupas do que eu.

Os olhos dele se estreitaram enquanto devoravam-na, o fogo neles chamuscando-a.

– Eu queria poder levar o crédito por isso. Não há causa maior do que me banquetear em sua nudez.

– Você pode levar o crédito desta vez. – Ela segurou os seios, tentando amenizar a dor. – Por tudo. Hoje foi melhor do que qualquer sonho, *ya habibi*. A roupa, a ideia por trás dela, o bilhete, cada mínimo detalhe desta noite, mamãe e Aram. Não tenho palavras para descrever o quanto sua preocupação significa para mim. O quanto *you* significa para mim. Você sempre significou... tudo. Agora... agora... não... não há palavras. Só espero que você permita sempre que eu lhe mostre o quanto eu o amo, assim como você sempre me mostra.

– Tudo o que eu fizer para mostrar o meu amor, para provar que você é minha, jamais será suficiente. Eu achei que antes eu a desejava tanto quanto era possível. Mas agora, sabendo que o nosso filho está crescendo dentro de você e que você é minha *esposa*... Meu desejo por você faz minha antiga ferocidade parecer domável, e meu medo de perder o controle, um impulso facilmente controlável. Minha mente está considerando todos os medos possíveis, que nossa união desta vez possa nos levar ao limite entre a vida e a morte.

– E daí?

O desafio imprudente dela o fez perder o controle. Ele a puxou pela mão, chocando-se contra seu corpo.

– E daí mesmo. Que tal descobirmos como é o limite entre a vida e a morte?

– Oh, sim. Sim, me leve até lá, Shaheen, e além. Ela o soltou e se ajoelhou diante dele, suas mãos venerando a rigidez dele por cima da calça, abrindo o zíper.

Enquanto ela o abaixava, ele colocou a mão nas costas e soltou o elástico da calça fazendo-a cair até as coxas, permitindo que ele se libertasse, grosso e imponente, reluzente de desejo, pulsante.

Ela mal o colocara na boca, lambendo o gosto viciante de desejo, quando ele a levantou do chão pelo braço. Ela gemeu em protesto, e ele rosnou, saudando cada um dos mamilos de Johara com sua boca. Ela gemeu novamente quando outra onda de excitação varreu seu corpo, suas entranhas implorando para ser invadidas.

– Você sempre diz que receber prazer antes de me satisfazer é uma punição, e não uma recompensa. – Ele a prensou contra a parede atrás da cama. – Hoje você vai receber primeiro a recompensa, e depois a punição.

Ele fez um rápido movimento com a mão esquerda enquanto a direita a prendia contra a parede. Ela sentiu um forte puxão e ouviu um clique agudo.

Johara tentou virar a cabeça para investigar, mas os olhos dele surpreenderam os dela, e tudo deixou de importar, de existir.

O olhar de Shaheen fervia como lava, assim como a ereção, que encontrara sua entrada nela.

– Eu quero invadi-la, acabar com você, morrer dentro de você.

– Então faça isso, acabe com nós dois... *por favor...*

Ele a golpeou. Com todo o amor e a ânsia por trás da investida. Ele deslizou até os lugares certos, lugares que ele criara dentro dela, pondo seus nervos em uma agonia de respostas, estimulando os receptores a transmitirem todas as sensações possíveis. Então ele se movimentou tão rápido e intensamente quanto ela desejava.

Ela tentou envolvê-lo com os braços enquanto se entregava, mas sua mão direita estava presa.

Ela olhou aturdida e encontrou-a presa à mão esquerda dele por uma algema dourada.

– Eu disse que iria amarrá-la ao meu pulso, não? – ele murmurou enquanto a penetrava com toda sua força, fazendo o corpo dela explodir no mais poderoso clímax que ele já lhe proporcionara.

O grito do nome dele irrompeu em curtas explosões, enquanto convulsões rasgavam o corpo dela. Descargas e mais descargas de prazer golpeavam-na, retesando todos os seus músculos, dentro, fora e sobre todo o corpo dele, o calor e o peso de Shaheen atingindo-a em ondas, estimulando-a além de seus limites.

Ela delirou, implorou.

– Não consigo... não... por favor... você... você...

A visão de seu rosto, a sensação dele sucumbindo ao êxtase que ela lhe proporcionava, a pulsação do próprio clímax dele dentro dela. Tudo a levava ao auge, fazendo-a se debater e chorar, incapaz de suportar o ápice do prazer. Tudo se desvaneceu...

Uma respiração pesada e batimentos cardíacos preguiçosos pareciam ecoar do fim de um longo túnel, enquanto o aroma de sexo e de satisfação inundavam seus pulmões. A sensibilidade escorreu por seu corpo, uma

bagunça de tremores tão saciantes que ela ficara praticamente entorpecida. Ela sentiu uma coisa. Shaheen. Ainda dentro dela.

Ela abriu os olhos, suas pálpebras pesando toneladas, e o viu entrar e sair de foco. Ela estava deitada de costas na cama, com ele ajoelhado entre suas pernas, seu quadril sobre as coxas dele, a mão livre segurando seus seios e alisando seus ombros, seus braços e sua barriga.

– Você gostou da sua... recompensa?

– Você tinha razão... – disse Johara, com a voz embargada. – Isso foi... o limite entre a vida e a morte. Eu senti... cada célula do meu corpo... explodir.

Ele cerrou os dentes enquanto a penetrava mais um centímetro.

– Viu por que eu sempre insisto em passar dos limites? – Ele se levantou da cama levando-a junto, com o sorriso de pura satisfação e indulgência. – E, agora que já passei, posso dar a sua punição?

E, pelo resto da noite, entre algumas outras recompensas, ele a puniu com uma crescente criatividade.

E em constante cativo.

JOHARA PULOU quando algo caiu em seu colo.

Ela olhou para baixo e viu as algemas, no mesmo instante em que sentiu Shaheen envolvê-la.

Ela estava tão absorta que nem percebera ele se aproximar.

– O melhor dos dias para você, minha astuta Gemma.

Johara se inclinou, abrindo a boca para sua luxuriosa invasão. Ela se soltara e saíra da cama há duas horas. Ela não conseguira acordá-lo, mas estava louca para examinar as joias.

Ele se afastou do beijo, com um delicado toque em seu rosto.

– Vejo que você preencheu um caderno inteiro com observações. Posso esperar por uma lista para nós?

– Não. – Ela viu o desapontamento nos olhos dele e se apressou para informar o resto do veredito. – Tenho algo melhor. Sei exatamente quem forjou estas joias.

CAPÍTULO ONZE

– **T**EM CERTEZA, *ya joharti*?

Johara desviou os olhos das ruas de Genebra que passavam pela janela do carro. Ela ficara olhando distraída para fora desde que saíram do aeroporto. Preocupado, Shaheen a encara desde então. Agora que ele expressara sua preocupação, ela não podia mais desviar o olhar.

Ela encontrou a solicitude dele e quis novamente dizer que não tinha certeza. E novamente afastou aquele pensamento.

Ela balançou a cabeça e beijou a mão que acariciava seu rosto. Os olhos dele se suavizaram ainda mais antes de voltarem para a estrada.

Eles voaram para lá no jato particular dele horas depois de ela anunciar o veredito. Ele não perguntava se ela estava certa *disso*. Shaheen tomara cada palavra que ela dissera como um fato irrefutável. Ele tinha certeza absoluta não só da integridade dela, como também da sua experiência. Ele estava confiante de que a dedução sobre a identidade do falsário era incontestável. Também porque acreditava que ela conhecia seu ramo e que não acusaria alguém se não estivesse certa e sem sombra de dúvidas.

Ela estava. Embora estivesse tentada a dizer que não. Porque ela sentia que, assim que seu papel na descoberta da conspiração acabasse, seu tempo com Shaheen também acabaria.

Nada conseguia aplacar esse medo. Nem mesmo quando ele dissera que eles acabariam com a conspiração e ficariam juntos para sempre. Na verdade, quanto mais ele dizia aquilo, mais desesperada ela ficava. Essa felicidade não iria durar.

Ela começara a contar o tempo que lhe restava com ele no momento em que dera o veredito.

Ele, Harres e Amjad disseram que cuidariam disso. Eles iriam cercar o falsário por meio de suas influências e forçar uma confissão. Mas ela insistira em abordá-lo, acreditando que nenhuma coação seria necessária. Shaheen acreditara no julgamento dela de imediato, apoiando tal decisão.

Mas ele sentia a agitação dela e estava preocupado que ela estivesse desconfortável. E ela estava, só que por outro motivo.

Eles pararam em um portão de estacionamento. O atendente reconheceu ambos e deixou-os entrar na área reservada para a elite da clientela do estabelecimento.

Shaheen parou o carro e virou-se para ela.

– *Kolloh zain?*

Ela o puxou e deu-lhe um breve e intenso beijo.

– Sim, está tudo bem. Vamos lá.

Em instantes, ele estavam andando de mãos dadas na arrojada recepção da sala de exposição de LaSalle, um dos mais celebrados designers de joias do mundo.

Quanto mais pessoas os reconheciam, mais eles recebiam o tratamento que só uma estrela da moda e um príncipe bilionário receberiam. Em segundos, estavam no santuário de Théodore LaSalle, o dono do estabelecimento e homônimo da marca.

Com a elegância de uma estrela de cinema dos anos 50, o sócio de David Niven correu para encontrá-los na sala que dava para o seu escritório, com o gigantesco sorriso de alguém que esperava um grande reconhecimento ou uma transação equivalente a um ano de vendas excepcionais.

– Ele não parece suspeitar do motivo de estarmos aqui – sussurrou Shaheen, enquanto o homem os acompanhava até o escritório. – Ou ele é um tremendo ator.

– O que posso lhes oferecer, *mes chéries?* – perguntou LaSalle, com um dedo no interfone.

– Isso não será necessário, *Monseur* LaSalle. – disse Johara. Por favor, sente-se conosco. Temos algo de extrema importância para discutir com o senhor.

O rosto de LaSalle se transformou enquanto ele se sentava diante de Johara.

Trepidações tomaram o rosto do designer. Shaheen disse algo a ela em árabe. Que aquele parecia um homem culpado. Ela apertou sua mão e concordou. Independentemente do que pensava, ele a deixaria negociar com LaSalle. Ela acreditava não só no talento dele, mas também em sua integridade. Ela lhe daria o benefício da dúvida.

Johara começou, tomando cuidado para não fazer de suas palavras uma dúvida ou uma acusação.

– É sobre as réplicas da coleção do *Orgulho de Zohayd*, *Monsieur* LaSalle.

Com o olhar fixado nervosamente em Shaheen, o homem sequer a olhara.

– Há alguma reclamação sobre as peças, príncipe Aal Shalaan? Estou disposto, obviamente, a substituir qualquer peça que tenha sido danificada, até mesmo por negligência. Minhas peças possuem garantia vitalícia. Mas, se for sobre a qualidade, em minha defesa... – Ele olhou de relance para ela, como se pedisse apoio. – Você, de todas as pessoas, *madame* Nazaryan... *pardonnez moi*, princesa Aal Shalaan, conhece a dificuldade de se trabalhar com fotografias, mesmo os *closes* mais detalhados.

Johara se inclinou, colocando sua apalpacadora mão sobre a mão trêmula dele.

– A qualidade é a que só o senhor consegue alcançar. Foi a genialidade da cópia que me trouxe até você. É imperativo que você nos conte como veio a fabricar estas réplicas.

– Quer dizer que vocês não *sabiam*? – LaSalle encarou-a boquiaberto. – Mas foi a casa real que autorizou as réplicas.

Depois de um instante em que Johara achou que eles tinham confundido as coisas, ela perguntou lentamente:

– Quer dizer que o rei Atef autorizou-as pessoalmente?

O homem balançou suas expressivas mãos.

– Claro que não. Eu não sei nem que foi, mas ficou entendido que era a casa real.

– Como ficou entendido? – irritou-se Shaheen.

O homem encolheu os ombros, indefeso.

– Donos de tesouros inestimáveis geralmente desejam ter réplicas para usar ou exibir em condições não totalmente seguras.

– Quem da casa real o procurou? – perguntou Shaheen.

– Não me procuraram diretamente. Na verdade, foi tudo meio complicado, por meio de terceiros.

– E você ainda achou que era um negócio lícito? – Shaheen se indignou.

O homem ficava cada vez mais mortificado.

– Sim. Os ricos sempre querem esconder seus negócios, e fazia sentido a casa real não querer que todos soubessem da existência das réplicas. E quem mais poderia ter me fornecido todas aquelas fotos? Quem poderia pagar a quantia astronômica que recebi?

– Quem mais? – Shaheen bufou. – Mas não lhe pareceu suspeito eles não terem confiado esta tarefa ao joalheiro real da casa?

O homem negou.

– Eles me disseram que Berj não estava bem, e eu ainda liguei para ele para me certificar. Meus contatos disseram que eles não queriam incomodá-lo. Eles temiam que, se ele ouvisse algo sobre isso, se sentisse menosprezado, como se sua serventia tivesse terminado. Como colega de profissão, esse foi um incentivo maior que a quantia que recebi. Eu avisei que ele descobriria, independentemente do quão precisas elas fossem, mas me garantiram que ele não estava em condição de perceber.

Ela fitou LaSalle com uma terrível suspeita. Johara virou-se para Shaheen e viu a mesma suspeita refletida em seus olhos.

– Eles tinham certeza da inabilidade de Berj em reconhecer as falsificações porque o estavam drogando. Isso explica sua condição. E, quando ele acreditou que havia algo errado consigo e começou a tomar remédios para a tal depressão, as interações medicamentosas devem ter lhe causado o ataque cardíaco.

– Eles poderiam tê-lo matado! – Johara exasperou-se com o coração em fúria.

Shaheen concordou solenemente, eloquente na determinação em punir os responsáveis.

– Mas, como não queriam um joalheiro mais novo e mais atento em seu lugar, eles desistiram, contando com os medicamentos para confundi-lo.

– Que pavoroso! – exclamou LaSalle. – Eu fiz parte de uma fraude e quase da morte de Berj!

– De forma alguma o senhor tem culpa – garantiu Shaheen. Mas precisamos que você nos conte todos os detalhes de como você foi contatado, como foi pago e como entregou as joias. Qualquer informação que você nos der nos levará aos culpados e às joias verdadeiras.

– Vocês têm minha total cooperação. E, se eles me procurarem novamente, vou entrar no jogo deles, para que forneçam mais informações ou façam algo que nos ajude a expô-los!

DEPOIS DE conseguirem todos os detalhes possíveis com LaSalle, Johara e Shaheen foram direto para o aeroporto.

Conforme se aproximavam do jato de Shaheen, ela avistou um Jaguar preto estacionado próximo à escada. Amjad e Harres estavam encostados nele.

Assim que Shaheen e ela pisaram fora do carro, Harres os abordou. Amjad permaneceu onde estava, com os quadris encostados no capô, os pés cruzados e as mãos nos bolsos.

– Novidades? – perguntou Harres.

– Só o que nos for útil por favor – Amjad interveio.

– O falsificador é um respeitável joalheiro que foi enganado como todos nós. Ele se ofereceu para fazer o possível e nos prometeu continuar ajudando.

Amjad suspirou.

– Se é o que você diz... Ou é o que Johara diz?

Shaheen o ignorou.

– Os ladrões têm total acesso aos fundos da casa real e estão infiltrados no palácio. – Ele entregou a Harres a fita com os registros detalhados de LaSalle. – Acho que temos aqui pistas suficientes para chegarmos até o mentor do plano.

Harres guardou a fita no bolso.

– Já comecei a investigar todos que estiveram no palácio durante o ano passado. Mas isso facilitará a minha busca. Facilitará a sua também, Amjad.

Amjad encolheu os ombros, a imagem da indiferença.

– Por que eu deveria facilitá-la? Estou me divertindo à beça rastreando cada transação das contas de todos que *já estiveram* no palácio e cruzando os dados com praticamente todos os seres vivos da região. Mesmo depois que eu identificar os fundos usados nesta conspiração e quem está por trás dela, eu vou continuar com isso. Parece que o *Orgulho de Zohayd* não é o único tesouro a ser descoberto. Estou encontrando dezenas de segredos inestimáveis. Agora sei algo de podre sobre todo mundo. É sublime.

Harres bateu nas costas de Amjad.

– O que ele quis dizer é que, como todos nós, ele estará eternamente grato a você, Johara.

Johara encarou Amjad.

– Só aceitarei a gratidão de Amjad quando ele provar sua eficiência na recuperação das joias.

O sorriso letal de Amjad captou a indireta.

– Oh, eu provarei. Mas agora é hora de voltar para Zohayd e encarar os fatos. Harres deveria ter ficado lá e anunciado o código vermelho. Seu casamento deixou as tribos furiosas. Espere pelo pior.

NO INSTANTE em que pousaram em Zohayd, o rei os convocou. E estava claro que o pior *estava* por vir.

Johara precisou ouvir os fatos para acreditar neles, para mergulhar no pesadelo.

– O Conselho está em sessão neste instante, Shaheen – disse o rei Atef, assim que eles entraram em seu gabinete, sua voz embargada de pesar. Eles anunciaram um decreto final. Você deve desmanchar seu casamento com Johara. Uma noiva foi escolhida unanimemente para você, e nem ela ou a família aceitarão a condição de segunda esposa. Exigem também que um filho seu seja o herdeiro, mas não seu filho com Johara. Eles estão juntando forças nas fronteiras. Disseram que as próximas ações dependerão da sua resposta.

Johara sentiu como se uma foice tivesse decepado suas pernas, na altura dos joelhos. Os braços de Shaheen envolveram-na.

– Não se preocupe com esses marginais, pai – Harres vociferou. – Vou fazê-los fugirem com o rabo entre as patas.

– E depois, Harres? – Todos, inclusive Harres, se surpreenderam quando Shaheen falou. Johara estremeceu com sua calma. – Você acha que a violência gerará uma paz duradora ou real?

A expressão raivosa de Harres era espetacular. Ela conseguia imaginá-lo lutando até a morte.

– Eles estão blefando, e eu lhes mostrarei que não aceito blefes. E, se não estiverem, lhes mostrarei que tolero menos ainda ameaças. O mesmo Conselho me encarregou de manter a paz do reino, e, *B'Ellahi*, eu a manterei.

– Isso não é um blefe, Harres – afirmou rei Atef. – E, se eles cumprirem as ameaças, será minha culpa. Eu os enganei por muito tempo. Agora estão enfurecidos.

Os olhos de Harres incendiavam-se.

– Eu vou lhes mostrar o que é estar enfurecido!

Amjad permaneceu o tempo todo em silêncio. Observando-a.

Shaheen balançou a cabeça para Harres.

– Nada disso será necessário. – Ele dirigiu-se ao pai: – Gostaria que você tivesse me contado isso antes, em vez de carregar o fardo das exigências pomposas e insanas deles sozinho. Então ele se virou para ela e disse: – Fique aqui, *ya galbi*. Voltarei em minutos.

Johara observou Shaheen se afastar e sentiu como se já o tivesse perdido.

Harres exclamou que ele iria revidar com tanta força qualquer tentativa de revolta que até os mortos se arrependeriam do motim. O rei argumentou que não podia autorizar mergulhar o reino em guerra. Amjad observava-a. Ela se afundava ainda mais no desespero.

Então Shaheen voltou. Seu *kabeer el yaweran* vinha consigo, abarrotado de dossiês.

– Vamos, *ya joharet galbi*?

Ele a guiou, mal reparando na rota que faziam pelo palácio até o salão do Conselho. Eles entraram e pararam no meio da assembleia romana, e o barulho gradualmente cessou.

Shaheen falou de uma vez, sua voz reverberando notavelmente.

– Nunca me divorciarei de Johara. Ou aceitarei uma segunda esposa. E ponto-final.

O salão explodiu.

Shaheen levantou a voz acima da cacofonia:

– Mas... eu tenho uma solução.

O tumulto silenciou-se novamente conforme todos reconheceram a determinação e a certeza de Shaheen.

– Minha solução exonerará meu rei, minha família e minha tribo de minhas ações e impedirá qualquer mal que vocês queiram causar a eles.

Seu coração deixou escapar uma batida quando todos pareceram segurar o fôlego. Então disse:

– Exilem-me.

O coração de Johara parou.

Ela sentiu acontecer o mesmo com todos os corações da assembleia.

Então Shaheen continuou, e o coração dela explodiu em uma tempestade de choque e horror.

– Proponho que minha família me deserde e renegue meu nome e que o reino de Zohayd proíba a mim e a meus filhos de pisar em seu solo.

Conforme o tumulto recomeçou, a voz dele voltou a aplacá-lo.

– Mas isso apenas apaziguará o insulto que lhes causei ao quebrar meus votos. Para compensá-los, veneráveis lordes, de qualquer perda que tenham sofrido pela minha recusa em fazer parte da união que me foi exigida... – Ele acenou para que o *Kabber el yaweran* se aproximasse. – Eu lhes ofereço todos os meus bens.

O silêncio esmagou o salão.

O vazio rugia dentro dela.

Shaheen estava dizendo... Oferecendo...

De súbito, uma voz rompeu o silêncio.

– Sim, façam de Shaheen Aal Shalaan um exemplo!

– É a única forma de aplacar nossas tribos. Exilem-no! – bradou outra.

– Provemos que nem o filho do rei pode renegar a própria palavra.

– Mostremos à realeza que eles não podem zombar de nós e saírem impunes!

Shaheen apenas sorriu para ela. O sorriso de quem conseguira exatamente o que queria. Então ele a conduziu para fora do salão do Conselho.

Haviam andado dois passos ou duas milhas quando tudo fez sentido. Ela agarrou a mão dele, fazendo-o parar.

– Você perdeu o juízo?

O sorriso dele se alargou, a própria imagem do alívio.

– Nunca estive mais são, e eu...

– Era *isso* que você queria dizer quando disse que resolveria tudo? Era *essa* a solução?

– Sim. Levou um tempo para acertar os detalhes que passarão tudo o que possuo e controlo adiante, sem que os negócios entrem em colapso ou que pessoas percam seus empregos...

Ela cortou sua explicação, arfante, enraivecida.

– Isso... é uma *catástrofe*. Você está sacrificando quem você é!

– E estou muito aliviado que isso tenha terminado. *Não* é um sacrifício, a propósito, apenas um pequeno preço para ter você e o bebê. Mas não se preocupe. Eu reconstruirei meu sucesso e minha fortuna.

– Não estou preocupada com isso. – Ela bateu o pé, sentindo o cérebro sobreaquecer e o corpo tremer. – Eu ganho muito bem e tenho dinheiro suficiente para nós dois, e você pode usá-lo como capital para reconstruir seu império. Estou *devastada* pela enormidade de seus sacrifícios: seu nome, sua família, seu país, tudo pelo que você trabalhou...

Ele se atreveu a rir.

– E daí? Eu tenho uma esposa que me apoia.

– Você... Você... – As palavras se esfarelaram em seus lábios. Apenas uma esperança sobreviveu. – Eles não aceitarão.

– Ah, sim, eles aceitarão. Se ficássemos mais um segundo, teríamos nos afogado na saliva deles, tamanha a avidez pelos meus bens. Valho muito mais morto e enterrado para eles, figurativamente falando, do que vivo e gerando seus herdeiros.

Ela segurou o braço dele e o sacudiu.

– Volte lá agora e retire o que disse! Diga que você...

Ele a abraçou e a levantou do chão, acalmando-a.

– Não vou repetir os erros do meu pai, *ya galbi*. Ele desistiu da única chance de amar e casou-se com uma mulher que mal conseguia suportar pelo bem do trono e do reino. Estou abrindo mão de coisas substituíveis, dando às tribos o que elas querem para que eu possa ser quem eu sou. Seu. Nada mais importa. – Ela se contorceu, e ele a pressionou para mais perto. – Mesmo que nunca obtenha o mesmo sucesso ou riqueza de outrora, isso lá importa quando eu tenho meu mais preciso tesouro: você e nosso filho?

Ela finalmente conseguiu se afastar e tomou o rosto dele entre as mãos.

– Mas você *sempre* terá a nós, a preço algum. Divorcie-se de mim, Shaheen, e dê a eles o casamento que tanto querem. Nosso filho e eu seremos para sempre seus, e nada mais importa.

– Ok. Romeu e Julieta, vamos lá.

Johara se assustou quando alguém agarrou seu braço. Era Amjad. Ele segurava Shaheen também. Antes que o casal pudesse dizer algo, ele os arrastou de volta para o salão do Conselho.

No meio da assembleia onde estiveram minutos atrás, ele parou e se adiantou.

– Tudo bem, lordes *veneráveis*, escutem com cuidado. – A algazarra voltou a dissipar-se ao som da voz de Amjad. – Vocês sempre me chamaram de “príncipe louco”, e agora é a hora de descobrirem o quão louco eu sou. Tudo que precisam fazer é votar contra Shaheen, ou eu farei vocês e cada um de seus descendentes nas próximas cinco gerações se arrependem de ter nascido.

– Eu também. – Harres ficou ao lado de Amjad.

Os meios-irmãos mais novos de Shaheen, Haidar e Jalal, juntaram-se à formação, criando uma barricada de virilidade e poder diante de Johara e Shaheen.

– E nós também – disse Haidar, por ele e o irmão gêmeo. – Vocês podem ser poderosos lordes das tribos, mas deixe-me lembrá-los de que não somos apenas os filhos do rei. Cada um de nós agrega poderes ao redor do mundo maiores do que vocês possam imaginar.

– Vocês *não* querem ser nosso inimigos. – O rosto de Jalal ecoava a beleza cruel de Amjad, com uma versão mais nova e ainda mais imprudente do demônio de Amjad incubado dentro de si.

Harres lançou um olhar de aprovação para os irmãos mais novos.

– Resumindo, se vocês votarem para exilar Shaheen, se tocarem em um centavo de seus bens, nós seremos seus inimigos para sempre.

– *Porém*, se o libertarem e se desculparem pelo que o fizeram passar – ponderou Haidar –, terão a nossa... gratidão.

Amjad soprou o ar com força, irreverente.

– É. E vocês querem me ver grato, eu lhes garanto. Vocês vão adorar.

Harres concordou.

– Ou vocês se juntam a nós no século XXI, abandonando esses rituais e fazendo negócios por meios... mais lucrativos, ou... deixem-nos em paz. A

escolha é de vocês.

E, com isso, os irmãos se viraram e foram embora.

Shaheen os advertiu.

– Não vou permitir que vocês...

Amjad agarrou o braço de Shaheen e o arrastou, sussurrando:

– Já ouviu falar em retirada estratégica, Romeu? Venha comigo.

Lá fora, Amjad acenou para os guardas, e eles se dispersaram. Então colocou as mãos na cintura, estreitando os lábios.

– O que há de errado com você? Estávamos barganhando. Não se pode contradizer o próprio time.

Harres riu rispidamente.

– E os fanfarrões gananciosos estão tendo miniataques cardíacos lá dentro, pensando em tudo que poderiam sugar de nós.

Shaheen balançou a cabeça, impassível.

– Não permitirei que vocês façam isso. A responsabilidade é toda minha.

Amjad revirou os olhos.

– Blá-blá-blá.

Harres virou-se para Haidar e Jalal e os enviou de volta para o salão para descobrir o veredito do conselho.

Assim que partiram, Johara percebeu que ele os despistara para falar livremente.

– Só gostaria de contar que o Conselho, na verdade, está em *dívida* com você e, mais ainda, com Johara, por nos darem as primeiras pistas sólidas para acabar com a conspiração que destruiria o reino pelo qual eles estão brigando.

Haidar e Jalal saíram logo que entraram, sorrindo cinicamente.

– Essa deve ter sido a decisão mais rápida da história do reino – falou Jalal, rindo. – O dinheiro realmente fala mais alto. Muito mais alto.

Amjad deu um tapa nas costas dele.

– Diga de uma vez.

Jalal sorriu afetadamente para ele.

– Eles liberam Shaheen de seus votos sem exigir nenhuma punição. E, “para dar uma chance à paz”, eles estão “dispostos” a negociar uma compensação “adequada”.

Aliviada e confusa, Johara estava incerta do que isso significava para todos e que tipo de perdas eles enfrentariam para continuar juntos.

– É isso? – Ela ouviu a pergunta tremer em sua voz. – Eles querem... dinheiro? Por que eles não pediram logo de cara?

Shaheen ergueu o rosto dela, adorando seus olhos.

– Você teria pagado o meu resgate, *ya joharti*?

– Com certeza. Pagarei tudo que precisar como parte dessa compensação.

Shaheen abraçou-a, satisfeito, acalmando-a.

– Eles jamais teriam feito um acordo se não estivéssemos em tamanha crise. As tradições são muito rígidas, e muitas pessoas na região já entraram em guerras desnecessárias para manter votos e alianças. – Ele se virou para os irmãos. – Eles nunca teriam entrado em acordo, independentemente do quanto poderiam ganhar, se vocês não tivessem se reunido e os assustado. Vocês têm a gratidão minha e de Johara, mas, agora que eles perderam a pose, sou eu que vou negociar com eles. O dinheiro, como Jalal disse, e grandes favores são mais potentes do que mágica.

– E deixar você desistir de seus direitos como o irmão “do meio” que sempre nos arranja problemas? – Jalal piscou para ele.

– É mais rentável dar àqueles abutres um pouco de cada um de nós do que ajudá-lo a reconstruir seu império. – Haidar agarrou Jalal e se voltou para o salão. – Agora, nos deem licença, que vamos tratar dos detalhes dessas quantias.

Shaheen os chamou:

– Se eu tivesse deixado aqueles abutres destruírem tal império, eu não teria precisado da ajuda de vocês. Tenho uma oferta de pé da minha princesa para me ajudar.

Johara ouviu a risadas até elas acabarem.

Então Shaheen voltou-se para Amjad e Harres.

– Antes que eles voltem, vamos combinar. Vou cuidar dos nossos supostos aliados, enquanto vocês cuidam dos nossos inimigos ocultos.

Amjad deu um tapinha nas costas dele, condescendente.

– Isso, fujam vocês dois e deixem que os adultos cuidem de tudo.

Shaheen sorriu ironicamente para ele e virou-se para acertar alguns detalhes com Harres.

Johara pousou a mão no braço de Amjad.

– Vocês ajudaram Shaheen e eu a ficarmos juntos, correndo um grande risco. Esse é seu jeito de reparar as coisas? De dizer que você retira tudo o que disse de mim?

Os olhos de Amjad tornaram-se ainda mais cruéis com o desgosto simulado.

– Como eu poderia fazer isso? Você é uma mulher, não?

– Sua mãe é uma mulher.

Amjad gargalhou.

– Não preciso de mais evidências.

– E sua tia? Sua irmã, sua prima?

Amjad fingiu estar pensativo.

– *Talvez* elas sejam anomalias da espécie.

– Há alguma chance de eu estar na mesma categoria de anomalias?

– Quem sabe. – Os olhos de Amjad tornaram-se mais penetrantes. – Vou guardar meu veredito final. Para daqui a algumas... décadas.

– Não dê ouvidos a ele, Johara. – Harres colocou o braço em seus ombros. – Você é a nossa Johara, e nós a amamos.

Amjad lançou-lhe um olhar abrasivo.

– E alguns de nós não só morreriam por você, como também estavam prestes a se excluir da existência por você. – Seu olhar voltou-se para Shaheen. – Idiota.

Shaheen jogou a cabeça para trás e riu.

– Mal posso esperar pelo dia em que aparecerá uma mulher que fará você fazer o mesmo.

– Ela já apareceu. E quase conseguiu.

O coração de Johara deu um solavanco. O sarcasmo na voz de Amjad fez-na perceber o quão profunda era sua cicatriz. Atravessava-o. Ela se mortificou ao lembrar como o acusara de ser incapaz de amar. E se isso não fosse só traição e ódio, mas também um amor mortalmente ferido?

Então Amjad abriu a boca e aniquilou qualquer compaixão:

– Nós saímos para combater nossos inimigos, enquanto você dorme tranquilamente ao lado de sua noiva. Agora que você é todo dela, com uma cereja no topo, ela pode até matá-lo... de muito amor.

Harres gargalhou.

– Um dia, Amjad, uma mulher fará você implorar para que ela o mate da mesma forma. Ela está em algum lugar.

Amjad fulminou-lhe com um de seus olhares demolidores, que Johara tinha certeza de que desintegraria qualquer outra pessoa.

– Falou o homem que já passou por todas as mulheres de 25 a 40 anos do hemisfério norte e que ainda não encontrou a “mulher certa”.

– Deixo esse debate para vocês. Vou levar a mulher que eu nasci para amar... – Shaheen pausou para que Amjad lhe lançasse um riso de deboche
– Para a nossa lua de mel, longe de todos os debochadores e conspiradores.

Com um último olhar de agradecimento, do qual ela compartilhou, ele a tomou nos braços.

Extática, ela afundou o rosto no pescoço dele, com o coração arrebatado demais para fazer qualquer coisa além de murmurar seu amor.

MUITO TEMPO depois, emaranhados na luxúria da intimidade com a brisa do mar acariciando seus corpos arfantes, Shaheen apoiou-se nos cotovelos ao lado dela.

Ele correu a mão pela barriga ainda lisa de Johara.

– Sabe, lamento apenas pelo meu plano não ter funcionado. Se eles tivessem me exilado, eu teria provado que você é muito mais preciosa do que qualquer coisa, mais até do que a vida. Mas eu tenho o resto da eternidade para isso.

– Você já provou. E ainda prova a cada respiração. Ela lhe acariciou o rosto, a felicidade escorrendo por sua face. – E vou passar a minha vida provando o quanto você é precioso.

Ele a abraçou.

– Você já provou no dia em que se jogou e confiou em mim para salvá-la. Quantas vezes você confiou em mim desde então? Seu coração, seu corpo, sua felicidade, seu futuro? E você está nos ajudando a expor a conspiração, sabendo que quem quer que seja fará de tudo para ocultá-la.

– Estamos nisso juntos, para o melhor e para o pior. – Ela o beijou com toda a força de seu amor, com a intensidade de seu desejo. – Obrigada, *ya habibi*, por me salvar, me amar, por existir e ser tudo para mim.

Ele a mergulhou em outro beijo antes de se afastar.

– E ainda não agradei *você* por uma coisa.

Ela o encarou, inundada por amor e êxtase.

– Obrigado por nunca me esquecer, por me procurar novamente e me dar a razão de viver. Você e nosso filho.

MISSÃO: CONQUISTAR

MAUREEN CHILD

Hunter estava a ponto de perder a paciência. Durante o percurso de volta para casa, aturou mais alguns comentários sobre sua *esposa*, antes de finalmente chegar à passagem circular que levava até sua mansão. Ele não fazia ideia do que estava acontecendo, mas planejava descobrir exatamente do que se tratava a história. Rápido.

Ele pegou a mala, entrou às pressas em casa e nem reparou a presença da empregada doméstica, que correu em sua direção agitando as mãos.

– Sr. Hunter!

– Desculpe, Sophie – gritou Hunter, subindo a escada de dois em dois degraus, sem nem ao menos olhar para trás. – Preciso tomar banho; depois nos falamos.

Ele passou de forma imponente pelo longo corredor acarpetado que levava até os quartos, sempre impecavelmente arrumados para ele. Em sua suíte, Hunter jogou a mala e ficou imóvel. O chuveiro do banheiro estava aberto, seria sua *esposa*?

Raiva e curiosidade tomavam conta de seu corpo. Agitado, seguiu em direção ao banheiro sem nem pensar no que estava fazendo.

Ele abriu a porta e foi envolvido pelo vapor e pelo som de uma mulher cantando... fora do tom. Era Margie, sem dúvida.

Bem, se era sua esposa... Hunter atravessou o banheiro, puxou a porta do chuveiro e fitou uma mulher tentadoramente molhada, nua e cheia de curvas.

Ela virou-se de frente para ele, batendo os braços pelo corpo todo, enquanto soltou um grito curto, mas apavorado.

Hunter sorriu.

– Olá, querida. Cheguei.

– Quem... o que... como... quem...

– Agora, querida – disse com a fala arrastada, deliciando-se com a expressão de choque no rosto dela.

– É assim que você cumprimenta seu marido?

– Eu... Eu...

Ele a deixou nervosa... com toda certeza, ele disse a si mesmo. Foi fácil perceber, pelo modo como ela movia os olhos de um lado para o outro, como se estivesse procurando uma saída de emergência.

Bem, não havia uma saída. Ela não iria a lugar algum até que explicasse a situação. Mas isso não significava que ele não poderia deixá-la mais desconfortável ainda. Pelo amor de Deus! Depois de ter fingido ser esposa dele; ela merecia.

O chuveiro estava diretamente atrás dela, e o vapor pairava no ar como neblina. Uma rápida olhada ao redor do banheiro, outrora familiar, fez com que Hunter reparasse os potes e frascos de loções. Além disso, as toalhas pretas que ele gostava haviam sido substituídas por outras azul-marinho. Sem mencionar um vaso cheio de rosas no canto da mesa de mármore.

Parecia que ela estava muito bem confortável em sua casa, o que significava que estava mentindo para o avô dele. Droga. Hunter estava com muita raiva, e teve que lutar para contê-la. Essa mulher, demasiadamente atraente, cheia de curvas e nua, estava mentindo para um homem velho e solitário. Provavelmente inventou uma forma de conquistar o afeto dele, e estava lhe roubando sem que notasse. Bem, o jogo dela, fosse qual fosse, estava funcionando. Ele não se importava quão linda ela era nua, quer dizer, se importava, mas não o suficiente para deixar-se distrair.

Ele chegou mais perto e sentiu o aroma delicioso dela. Jasmim, se não estava enganado. E então, algo dentro dele foi despertado. Havia um tempo desde a última vez que esteve com uma mulher. Ele andava muito ocupado, com uma missão atrás da outra, e portanto não teve tempo para se preocupar com esse tipo de coisa. Mas agora, com uma mulher extremamente cheirosa, molhada e nua a centímetros de distância, ele estava agitado, tão furioso quanto excitado.

Ela o estava observando como se fosse um coelho, e ele uma serpente venenosa.

Uma mulher tão perspicaz quanto mentirosa.

– O quê? Nenhum beijo? – Ele perguntou, chegando ainda mais perto. Se ela abaixasse um dos braços, ele poderia olhar novamente seus seios.

– Você não sentiu minha falta, querida?

Ela olhou rapidamente para trás, mas não viu saída e virou-se para encará-lo com um olhar penetrante. O movimento brusco fez com que gotas de água de seus cabelos encaracolados e vermelho-escuros atingissem o rosto de Hunter.

– Se afaste de mim, seu... safado.



Saiba de todas as novidades da Harlequin!

Acesse

www.harlequinbooks.com.br

e faça seu cadastro.

- ◆ Receba nossa newsletter com lançamentos e promoções!
 - ◆ Confira os calendários de bancas!
 - ◆ Saiba onde estão nossas bancas especiais!

Encontre aquele livro que você sempre desejou e faça sua assinatura.

Assine já!

Monte agora o seu pacote

Pacote Sedução ou Fascínio todos os meses na sua casa!

Vantagens: Conveniência + Frete Grátis + Descontos de 5% a 10%

Ou ligue para o nosso Marketing Direto:

(0XX21) 2589-5877

de segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00.

compras@harlequinbooks.com.br



www.harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

Harlequin®
Paixão

*Todas as semanas muito mais
Paixão para você!!!
Sempre uma novidade que você não pode perder!*



Compre edições antigas e
assinaturas ON-LINE!
www.harlequinbooks.com.br
Aguardamos sua visita!
Ou pelo telefone: (0XX21) 2589-5877
De segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00
compras@harlequinbooks.com.br

HARLEQUIN®
www.harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!
[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil) [Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

LEIA TAMBÉM

 Harlequin HISTÓRICOS

EMOÇÕES GARANTIDAS EM TODAS AS ÉPOCAS.

Regência

Edição
97

MARGARET
MOORE

A LEI DO CORAÇÃO

Violando a lei! A herdeira Moira MacMurdaugh mal havia suspirado aliviada por ter evitado um casamento desastroso com um mulherengo envolvido com jogos de azar para logo em seguida receber uma ação judicial. Dividido entre o dever e a desconcertante beleza da dama, o advogado Gordon McHeath não tem outra escolha senão ir contra a mulher cujo beijo jamais esquecerá. Até que forças sinistras ameaçam lady Moira, obrigando Gordon a pôr de lado as leis para salvá-la!



Compre edições antigas e assinaturas ON-LINE!

Acesse:

www.harlequinbooks.com.br

Aguardamos sua visita!

Ou pelo telefone: (0XX21) 2589-5877

De segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00
compras@harlequinbooks.com.br

Siga nossas redes sociais, conheça nossos lançamentos e participe de nossas promoções em tempo real!

[Twitter.com/harlequinbrasil](https://twitter.com/harlequinbrasil)

[Facebook.com/HarlequinBooksBrasil](https://facebook.com/HarlequinBooksBrasil)

 HARLEQUIN

www.harlequinbooks.com.br

170 – MISSÃO: CONQUISTAR – MAUREEN CHILD

Margie fora envolvida em um casamento de fachada e, depois de um ano de fingimento, desejava livrar-se dele. Mas o militar Hunter Cabot não desistirá de sua missão: uma noite de núpcias!

171 – COMO PROVOCAR UM SHEIK – OLIVIA GATES

Talia guardava uma importante informação capaz de proteger o precioso reino do sheik Harres... No entanto, ela não podia deixar-se envolver por ele, pois eram inimigos. Mas talvez fosse tarde demais...

**DESEJO DUETO 016 – CLUBE DOS MILIONÁRIOS:
CARTAS NA MESA 1/3****Votos com amor – Maureen Child**

Rick Pruitt jamais teria partido do Texas se soubesse que Sadie estava grávida, e agora considera sua obrigação se casar com ela. Por outro lado, Sadie está certa de que não quer um casamento sem amor.

Jogo de aparências – Katherine Garbera

A infância pobre fez com que Christopher trabalhasse duro para construir sua própria fortuna. Agora que reencontrou Macy, seu grande amor, estaria ele realmente interessado nela ou ávido por vingança?

Últimos lançamentos:**168 – PROMESSAS QUEBRADAS – BARBARA DUNLOP**

Depois de uma brincadeira de casamento em Vegas, Zach não desejava dividir sua fortuna com Kaitlin. Um acordo mantido poderia conter o desejo de consumir o casamento?

DESEJO DUETO 015 – CORAÇÕES DE DIAMANTES 3/3**O herdeiro perdido – Paula Roe**

Holly McLeod era assistente e espiã de Jake Vance, um herdeiro há muito tempo perdido da Blackstone. Após uma descoberta de Holly, Jake se vê obrigado a casar com ela.

Doce obsessão – Yvonne Lindsay

Rachel, um antigo caso de Matt, e a obsessão de vingar-se da Blackstone torturavam os pensamentos de Matt. Agora, Rachel é babá de seu filho. Como lidar com estes sentimentos?

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Gates, Olivia.

G234c Como domar um sheik [recurso eletrônico] / Olivia Gates; tradução Rafael Bonaldi. — Rio de Janeiro: HR, 2012.

Recurso digital (Desejo; 169)

Tradução de: To tame a sheikh

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de:

Continua com: Como provocar um sheik

ISBN 978-85-398-0481-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Bonaldi, Rafael. II. Título. III. Série.

12-
5646

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: TO TAME A SHEIKH

Copyright © 2010 by Olivia Gates

Originalmente publicado em 2010 por Silhouette Desire

Projeto gráfico de capa: nucleo-i designers associados

Arte-final de capa: nucleo-i designers associados

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380